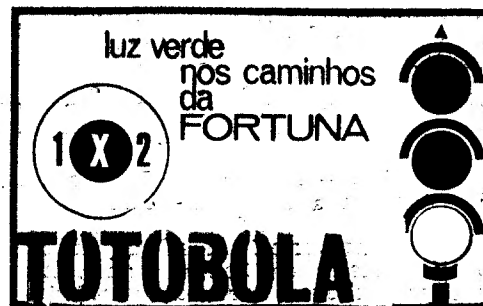


Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR A. RUELLA RAMOS
TERÇA-FEIRA, 8 DE JULHO DE 1969 N.º 16 720 ANO 49.º UM ESCUDO



MARCELLO CAETANO EM BRASÍLIA

UNIR MAIS OS DOIS POVOS

—OBJECTIVO PRINCIPAL DA VISITA DO CHEFE DO GOVERNO PORTUGUÊS

BRASÍLIA, 8 — (A. N. I.) — Às nove horas e 31 locais, treze horas e 31 minutos em Lisboa, aterrou no aeródromo militar de Brasília o avião dos T. A. P. em que veio de Portugal, para uma visita oficial de cinco dias ao Brasil, o prof. Marcello Caetano chefe do Governo Português.

Marcello Caetano, ao desembarcar, foi recebido à porta do avião pelo chefe do protocolo do Itamarati, embaixador Carlos Jacinto de Barros, que o levou até junto do chanceler Magalhães Pinto, o qual representava o presidente Costa e Silva.

A seguir, ao primeiro-ministro português foram apresentados, pelo chanceler Magalhães Pinto, o prefeito da cidade, engenheiro Wadjo da Costa Gomide, e os comandantes militares das três armas, em Brasília.

Foram então executados os hinos nacionais dos dois países e, sob as ovações da assistência — entre a qual

algumas centenas de portugueses, que vivem em Brasília e nas cidades satélites da nova capital ou vindos dos mais diversos pontos do Estado de Goiaz

(Continua na 14.ª página)

QUEM ACODE ÀS CONSERVAS?

INDUSTRIAS DO NORTE
PÕEM RESERVAS À JUNTA
DE FOMENTO DAS PESCAS

(Ler na 4.ª página)



Com grandes escoriações no ombro e no braço esquerdo, Joaquim Agostinho teve de fazer um apelo a todo o seu espírito de sacrifício para prosseguir no «Tour»

STAFFORD CONTA-NOS COMO DECORREU O VOO DA «APOLO 10»

A maior aventura jamais tentada pelo Homem começará dentro de oito dias, no seu aspecto prático. O foguetão «Saturn» enviará para o espaço a cápsula com os astronautas norte-americanos Armstrong, Aldrin e Collins. Dois deles serão os primeiros homens a pôr o pé na Lua, ao cabo de uma viagem de cerca de 380 000 quilómetros. Serão pouco mais de quatro passos sobre o solo lunar, seguidos da colheita de uns 50 quilos desse mesmo solo, para posterior análise na Terra. Será a primeira vez que o Homem porá pé num astro diferente daquele onde o seu mais remoto antepassado, há cerca de um milhão de anos, começou a imprimir os traços das suas pegadas. Será, na verdade, o início da Era Espacial. Como ontem noticiámos, o «Diário de Lisboa» vai publicar, em exclusivo, o que vão ver e sentir aqueles três astronautas, na sua aventura. A série de reportagens sensacionais começará a ser fornecida ao público amanhã, através de um artigo do astronauta Thomas Stafford, da «Apolo-10». Na verdade, o voo que porá o primeiro homem na Lua, não é um caso isolado, mas a última etapa de uma longa e bem determinada série de passos bem medidos. Amanhã começaremos a revelar alguns aspectos ainda inéditos da penúltima fase da grande aventura.



JOAQUIM AGOSTINHO CONFESSOU-NÓS

NO FINAL DA ETAPA DE ONTEM:

—SE NÃO FOSSE POR DAR «BARRACA» TINHA DESISTIDO

Do nosso enviado especial AMADEU JOSÉ DE FREITAS com o patrocínio do BANCÚ PINTO & SOTTO MAYOR

PARIS, 8 — Um temporal que deixa um rasto de sangue e morte em França — 16 mortos, numa noite de Inverno e trovoadas que o país conheceu e que me atingiu também, deixando-me, em pleno Verão, de malas na mão, frustrado e ansioso, no Aeroporto de Orly. Quando o avião podia partir nada de haver hipótese de apanhar

a ligação com o comboio em Genebra. E lá vim eu, numa correria, para Paris — em busca da solução que teria de ser encontrada. E foi: um carro que se alu-

(Continua na 20.ª página)

HOJE 28 PÁGINAS
PELA CENSURA
VISADO

Edição da noite

A visita do ministro da Saúde aos estabelecimentos hospitalares e de assistência na região nortenha

BRAGA, 8 — Prosseguindo na visita a estabelecimentos dependentes do seu Ministério no Norte do País, o sr. ministro da Saúde, que aqui chegou durante a noite, pernitoou na estância do Bom Jesus do Monte.

Hoje, de manhã, o sr. dr. Canceleda de Abreu, acompanhado pelo chefe do distrito, começou por visitar o

Internato D. João Novais e Sousa, destinado a crianças diminuídas mentais, e que, em breve, entrará em funcionamento. Era ali aguardado pelo presidente do Município, pelo diretor-geral da Assistência, pelo diretor do Instituto de Assistência a Menores, pelo chefe da Delegação do Norte do Instituto de Assistência a Débeis Mentais, pela

direcção do Internato e outras individualidades.

Aquele membro do Governo percorreu demoradamente o novo estabelecimento de assistência e tomou conhecimento da maneira como se projecta o seu funcionamento, elucidoado pela sr.ª D. Sara de Oliveira.

Seguiu-se a visita à Delegação de Saúde, onde o ministro foi recebido pelo delegado distrital, sr. dr. Pestana da Silva, que estava acompanhado pelos médicos que ali prestam serviço; e, depois, ao Centro de Saúde Mental, onde o respectivo corpo clínico o aguardava. O ministro observou o funcionamento dos trabalhos, escutando e apreciando sugestões para o seu aperfeiçoamento.

Foi visitado a seguir, o Hospital de São Marcos. Ali, á entrada aguardavam o sr. dr. Canceleda de Abreu o provedor, a direcção e o corpo clínico. Percorrido, demoradamente o vasto edifício, o ministro apreciou o funcionamento dos vários serviços. Passou, depois, á escola e ao lar das enfermeiras, no ultimo dos quais foi homenageado com um almoço, oferecido pelo chefe do distrito e pela Misericórdia.

De tarde foram visitados a Corporação Familiar, o Colégio das Orfãs de São Caetano, o Patronato de Nossa Senhora da Torres, o Instituto Monsenhor Airoso, o Asilo Conde de Agrolongo e a Casa-Museu Nogueira da Silva.

O ministro pernitoa nesta cidade, na residência do sr. comendador Nogueira da Silva e segue amanhã, de manhã, para Guimarães.



O ministro da Saúde á saída do Asilo de Crianças, em Viana do Castelo

«CONVITE PARA O JAPÃO»

VIAGEM MARAVILHOSA PARA UMA LEITORA DO «DIÁRIO DE LISBOA»

Vai constituir, sem dúvida, um encantador festival de juventude o Concurso Internacional de Beleza, no Japão, a realizar de 28 de Agosto a 17 de Setembro, para selecção da Rainha Internacional de Beleza 1969. Portugal estará presente pela primeira vez por iniciativa do «Diário de Lisboa» que vai promover a escolha da nossa representante. Boa presença, carácter, personalidade, «charme», beleza de rosto e de figura são atributos indispensáveis ás candidatas. Indispensável é, também, possuir a nacionalidade portuguesa, pelo menos desde 1 de Março do ano corrente, e ter nascido em

data posterior a 1 de Setembro de 1951.

Não vai ser tarefa fácil a do júri nacional, constituído para o efeito. A candidata eleita irá encontrar-se em Paris com as representantes de outros países da Europa, seguindo juntas para Tóquio, num avião da «Japan Airlines», com escala por várias cidades japonesas, nomeadamente Kyoto, Osaka e Nagoya.

Prémios tentadores (e valiosos) aguardam as concorrentes. A primeira classificada conquistará nada menos de 2 milhões de «yen» o que corresponde a cerca de 160 contos na nossa moeda e constitui por menor aliciante do «convite para o Japão» que o «Diário de Lisboa» endereçou ás suas jovens leitoras.

Para concorrer — encontrando-se nas condições referidas acima —, nada mais é necessário do que preencher, cuidadosamente, o cupão inserido nesta página, remetendo-o para o «Diário de Lisboa» acompanhado de duas fotografias (uma de busto, outra de corpo inteiro) formato grande, para permitir a selecção inicial das participantes neste grande festival internacional de beleza.

Encontrada morta na residência

ÉVORA, 8. — Foi encontrada morta na sua residência, a sr.ª D. Isaura dos Anjos Abreu, viúva, de 70 anos, professora primária aposentada, moradora na Rua do Cavaco.

O seu corpo foi removido para o Instituto de Medicina Legal, a fim de ser autopsiado. Não há suspeitas de crime.

AL FATAH AFIRMA TER BOMBARDEADO EILATH

AMANN, 8 — (R.) — «Comandos» do Movimento de Libertação da Palestina (Al Fatah) foram responsáveis por uma explosão que ocorreu ontem no porto de

Eilath, no golfo de Akaba, segundo afirmou a noite passada um informador de Al Fatah.

Acrescentou que o fogo provocado pela explosão

alastrara a depósitos de combustíveis e a armazéns de produtos químicos, causando prejuízos no valor de milhões de dólares.

INFORMAÇÃO JORDANA

AMANN, 8 — Forças jordanas destruíram um depósito de munições israelita, um carro blindado e uma posição de morteiros durante um combate que travaram a noite passada durante 55 minutos com tropas israelitas, segundo anunciou um informador militar jordanos.

Os jordanos não sofreram baixas no combate, iniciado pelos israelitas, ao sul do Lago de Tiberias.

INFORMAÇÃO EGÍPCIA

CAIRO, 8 — (R.) — Um informador militar egípcio anunciou hoje que foram mortos ontem á noite cerca de 30 israelitas quando um destacamento de infantaria egípcia atravessou o Canal de Suez e atacou uma importante fortificação israelita junto ao Lago Timsah.

VERSÃO ISRAELITA

TEL-AVIV, 8 — (R.) — Um informador militar israelita anunciou hoje que foram mortos nove comandos árabes e oito guerrilheiros durante reconcontros efectuados de noite no Canal de Suez e no Vale do Jordão.

Não arderam processos de militares no incêndio de Cavalaria 7

Não se conhecem ainda as causas do incêndio que na madrugada de hoje destruiu toda a cobertura e o 1.º andar do edifício do Largo Museu Agrícola Comercial onde se encontravam instalados os arquivos do Regimento de Cavalaria 7, cujo quartel é contíguo áquele imóvel.

Contrariamente ao que chegou a ser noticiado, não arderam quaisquer processos relativos aos militares mobilizados para o Ultramar.

— Arderam apenas documentos sem importância — afirmou o comandante do Regimento de Cavalaria 7. — A maior parte do que ficou destruído era papel de expediente por utilizar...

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

«VOLTA À FRANÇA» EM BICICLETA O BELGA VAN SPRINGEL GANHOU A TIRADA DE HOJE

• Eddy Merckx continua no 1.º lugar

BRIANÇON, 8 — (F. P.) — O belga Van Springel venceu a 10.ª etapa da «Volta à França» e o seu compatriota Eddy Merckx conserva a camisola amarela.

Os 111 concorrentes partiram ás 9 horas para a 10.ª etapa da 56.ª «Volta à França» entre Chamonix e Briançon, na extensão de 220,5 km.

Numerosos corredores encontravam-se em má condição física, designadamente o português Joaquim Agostinho e os belgas Van Clooster e Mahieu. Quanto a Lucien Aimar, está a contas com um resfriamento.

Em Albertville (64 km) os italianos Polidori e Poggioli e o belga Van Schill passaram isolados com uma vantagem de 30 s sobre o pelotão. Desistiram entre tanto o holandês Poortvliet, o belga Mahieu e o espanhol San Miguel.

No cimo do Monte Madalena (2.ª categoria) o espanhol Gandarias passou em primeiro lugar com 35 s de avanço sobre o francês Guty. Pigeon e Merckx seguiam a 1 m 10 s e Gimondi, Poulidor e Wagtmans a 1 m 15 s.

Entre os atrasados, Janssen e Belonne passaram 4 m depois de Gandarias, Guyot e Bracke com 5 m e Lucien Aimar com 8 m.

No «contrôle» de reabas-

tecimento (138,5 km) o belga Eddy Merckx passou á frente de um grupo de 12 homens composto, nomeadamente, por Pigeon, Poulidor, Gimondi, Gandarias e Guty. Janssen vinha a 2 m 30 s e o pelotão a 6 m 30 s.

Ligação telefónica Europa-Japão

MOSCOVO, 8 — (F. P.) — Os representantes do Ministério soviético das Comunicações, da companhia japonesa «KDD» e da Companhia Telefónica Dinamarquesa chegaram a acordo no sentido de estabelecer uma ligação telefónica e telegráfica regular entre a Europa e o Japão através do território da U. R. S. no fim de Julho, anunciou a agência «Tass».

As experiências foram satisfatórias, nomeadamente quanto ao cabo submarino entre Nakhodka, na costa soviética, e o Japão. Em princípio, a nova ligação telefónica permitirá vinte conversações simultâneas e conta-se que este número seja elevado para cem posteriormente.

MORREU

O MACACO «BONNY»

HONOLULU, 8 — (R.) — O macaco «astronauta» «Bonny» cujos 30 dias de programa orbital em volta da Terra tinham sido ontem encurtados, após nove dias de missão, morreu esta madrugada, menos de 12 horas após ter regressado á Terra.

Um informador da agência espacial, em Honolulu, disse que o macaco, lançado em missão orbital terrestre para determinar os efeitos da imponderabilidade durante um prolongado voo espacial, morreu pouco depois da meia noite.

Uma autópsia que ainda hoje será realizada, poderá determinar as causas da sua morte.

Necrologia

FUNERAIS

Dr. Paulo Jorge do Amaral Frazão

Constituiu sentida manifestação de pesar o funeral que hoje se realizou, da igreja da Pena para o cemitério do Alto de São João, do sr. dr. Paulo Jorge do Amaral Frazão, formado em História-Filosóficas, pela Universidade de Coimbra.

O extinto era casado com a sr.ª D. Maria Alva Cravo Silva do Amaral Frazão e pai da sr.ª D. Maria Alice do Amaral Frazão, casada com o sr. Sabino da Conceição

David e do sr. Paulo Augusto do Amaral Frazão, casado com a sr.ª D. Susete Biscado do Amaral Frazão.

O dr. Paulo Jorge do Amaral Frazão foi professor do Asilo Maria Pia e da Casa Pia de Lisboa, secretário-geral do Grémio das Casas de Pasto e Vinhos de Lisboa e exercia actualmente o lugar de técnico administrativo da Junta Nacional dos Produtos Pecuários.

Republicano de firmes convicções foi também poeta tendo ganho o primeiro prémio de quadras populares nos últimos jogos florais da Emissora Nacional.

CONVITE PARA O JAPÃO

CUPÃO DE INSCRIÇÃO

NOME _____
MORADA _____
LOCALIDADE _____
DIA DO NASCIMENTO _____ DE _____ DE 19 _____
PROFISSÃO OU ACTIVIDADE _____

Recorte este cupão, preencha-o com letra bem legível, junte uma foto de busto e outra de corpo inteiro (a preto e branco ou a cores, em formato grande), e envie para «DIÁRIO DE LISBOA» — Selecção da Rainha Internacional de Beleza - 1969 — Rua Luz Soriano, 44 — LISBOA - 2.



Operações de Bolsa

BANCO DO ALENTEJO

A COMISSÃO EUROPEIA PROPÕE AUMENTOS DOS PREÇOS DA CARNE, DO ARROZ E DO MILHO

por **PHILIPPE LEMAITRE**

COMUNIDADES EUROPEIAS (BRUXELAS), JULHO.

— A Comissão das Comunidades Europeias transmitiu na quinta-feira aos 4 governos as suas propostas de preços agrícolas comuns para a campanha de 1970-1971.

São de notar principalmente os aumentos bastante sensíveis recomendados a favor da carne bovina (+ 4,8%), do arroz (+ 3,95%) e do milho (+ 1,6%). As outras acomodações sugeridas por Bruxelas visam na essência tornar as relações de preços entre produtos agrícolas mais conformes às necessidades dos consumidores da C. E. C. e facilitar o desenvolvimento das trocas no interior dos seis países.

O Conselho de Ministros tem agora de se pronunciar acerca de três grandes processos agrícolas: a reorganização do mercado da criação de gado (que se discute em vão há meses), o plano Mansholt de reforma das «estruturas», e, agora, as novas propostas de preços. Dentro de uns quinze dias, um quarto documento será acrescentado à lista: o processo das modalidades do financiamento da política agrícola comum depois de 1 de Janeiro de 1970. Pensa-se em Bruxelas que a verdadeira

negociação quanto a este conjunto de textos, capital para o futuro da «Europa verde», só poderá entabular-se depois do próximo Outono, quer dizer, depois da formação do Gabinete alemão que sairá das eleições legislativas.

Os preços propostos por Bruxelas são:

● **TRIGO MOLE** — Sugere-se o aumento do «preço indicativo» (que serve para calcular o nível de protecção nas fronteiras exteriores da Comunidade) de um dólar por tonelada, e a diminuição do «preço de intervenção» (quer dizer o preço garantido aos produtores) igualmente de um dólar por tonelada. Este aumento da diferença entre os dois preços deve permitir em princípio, segundo os especialistas uma circulação melhor do trigo no interior do Mercado Comum, e pelo contrário, desencorajar as importações.

● **CEVADA** — A comissão sugere o aumento do pre-

ço indicativo em dólar por tonelada. Passaria, deste modo, de 95,44 dólares para 96,44 dólares. O preço de intervenção por seu lado permaneceria em 88,50 dólares a tonelada.

Um vivíssimo debate

● **MILHO** — Segundo a comissão, o preço indicativo deverá passar de 95,94 para 97,50 dólares a tonelada. No caso do milho, cereal em que C. E. E. é amplamente deficitária, só o preço indicativo desempenha um papel importante na formação dos preços reais no mercado. Se o conselho concordar com a comissão, o milho será pago mais caro aos produtores do que a cevada, pela primeira vez desde que são aplicados preços comuns nos seis países. A este respeito, segundo dizem, deu-se vivíssimo debate na quarta-feira, na comissão. Alguns comissários teriam desejado, contra a opinião de Mansholt, que a diferença entre a cevada e o milho seja ainda mais favorável ao segundo destes cereais, e, em contrapartida, pensavam não existir razão alguma para aumentar o preço indicativo da primeira, porquanto a C. E. E. produz já mais cevada do que consumia. Finalmente, esta opinião não prevaleceu.

● **ARROZ** — O preço indicativo passaria de 189,7 para 197,10 dólares a tonelada.

● **CARNE DE VACA** — Está proposta a fixação do «preço de orientação» dos bovinos adultos em 712,5 dólares a tonelada, em vez de 680. Este aumento seria de aplicar a contar de 1 de Abril de 1970. (Recordemos que Robert Boulin, considerando indispensável incitar os criadores de gado a produzir mais carne — e simultaneamente, menos leite — reclama um aumento desde já de 3%).

● **AÇÚCAR** — Julga-se que a comissão propõe a



não modificação dos preços, mas sugere, no entanto, a redução da quantidade de modo a que possa beneficiar da garantia financeira máxima da Comunidade.

● **DIVERSOS** — A comissão recomenda, por fim, que se deixem imutáveis os preços da carne de porco, do girassol e do azeite. Finalmente, mantém tais como estão as suas propostas antigas referentes ao total financeiro do apoio a conceder aos lactínicos, considerando mais prudente na matéria deixar os ministros decidirem quanto à maneira ideal de sanear este mercado que, como é sabido, se encontra em plena anarquia.

O TEATRO ESTÚDIO DE LISBOA SOBREVIVE

O Teatro Estúdio de Lisboa é uma das companhias que nos últimos anos, tem vindo a desenvolver uma das mais generosas e notáveis acções em prol do nosso teatro e da nossa cultura. Sempre à beira do abismo em virtude das suas tremendas dificuldades económicas, passou agora um dos seus momentos mais difíceis e dolorosos: estava marcada para sexta-feira a praça do seu material lumionético, penhorado a favor da Caixa de Previdência dos Profissionais dos Espectáculos, para assegurar o pagamento de 47 contos em dívida a actores e a outro pessoal da empresa.

Pois foram esses mesmos actores — esse mesmo pessoal — que a companhia se encontrou, apesar de tudo, profundamente ligados — que se dirigiram ao sr. Presidente do Conselho, solicitando a sua intervenção. E, em vésperas da sua partida

para o Brasil, o prof. Marcello Caetano estudou o problema em conjunto com o secretário de Estado da Informação e Turismo e mandou proceder ao pagamento da quantia em dívida através deste departamento — notícia que foi transmitida aos responsáveis da empresa pelo dr. Caetano de Carvalho.

O Teatro Estúdio de Lisboa, actuando no Vasco Santana, consegue, assim, sobreviver a mais esta grave crise. E, se não se pode deixar de sublinhar como louvável a atitude tomada pelo Chefe do Governo (até pelo que para lá do seu significado imediato, representa de interesse pelo teatro), não se pode igualmente deixar de desejar que as mesmas companhias que pretendem fazer um teatro sério e digno sejam facilitadas condições de vida que lhes permita prosseguir sem sobresaltos, e com maior amplitude, o seu trabalho.



Um aspecto do banquete de homenagem aos antigos empregados das Organizações Philips

HOMENAGEM DAS ORGANIZAÇÕES PHILIPS AOS SEUS FUNCIONÁRIOS

Decorreu em ambiente de alegria e franca camaradagem a festa que as Organizações Philips em Portugal ofereceram aos funcionários que completaram 25 e 40 anos de serviço e de despedida aos que se reformam por terem atingido o limite de idade.

Foram oradores o sr. J. J. van de Panne, administrador-delegado da Philips Portuguesa, que salientou as qualidades de trabalho de cada um dos homenageados, agradecendo a sua colaboração durante os largos anos de serviço das

Empresas; e o sr. eng.º F. Meleiro de Sousa, director da Fábrica Portuguesa de Artigos Eléctricos, que se referiu à expansão das Organizações Philips em Portugal e ao incremento industrial que se prevê a realidade da assistência social que, voluntariamente, é prestada a todos os colaboradores.

Pelos homenageados agradeceu o sr. José Maria Alves Correia, antigo chefe do Departamento de Electroacústica, um dos funcionários mais antigos que se retira por atingir o limite de idade.



1ª REUNIÃO DOS AVICULTORES, BOVINICULTORES E SUINICULTORES PORTUGUESES

RAÇÕES — SEUS PROBLEMAS DE TRANSPORTE, ARMAZENAGEM E DISTRIBUIÇÃO

ESTALAGEM DO GADO BRAVO
12 DE JULHO DE 1969

ORGANIZADO COM A COLABORAÇÃO DAS FIRMAS.

PLASMETAL-PLÁSTICOS E METALURGIA, LDA.

VITAMEALO PORTUGUESA, S.A.R.L.

VOLVO-AUTO SUECO, LDA.

RIG DUTSCHMAN PORTUGAL, LDA.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

QUEM ACODE ÀS CONSERVAS?

INDUSTRIAS DO NORTE PÕEM RESERVAS À JUNTA DE FOMENTO DAS PESCAS

PORTO, 8 — A recente publicação do decreto-lei que criou a Junta Nacional de Fomento das Pescas veio criar efervescência nos meios conservadores nortenhos. Atento à evolução do problema, que lhe tem merecido vários estudos em profundidade, o nosso jornal procurou agora fazer o ponto à situação, tanto mais que está marcada para amanhã uma reunião magna de industriais deste centro.

Numa primeira diligência contactámos com o industrial matosinhense sr. Ferreira Barbosa, que exerce as funções de presidente da Corporação da Pesca e Conservas e que recentemente tinha feito ao nosso jornal algumas declarações sobre este assunto. Embora recebendo-nos muito afavelmente, o sr. Ferreira Barbosa escusou-se a quaisquer novas afirmações, que considera menos oportunas neste momento por razões que não pode pormenorizar, segundo as suas próprias palavras.

Nesta conformidade resolvemos avistar-nos com o sr. José de Oliveira Marques, presidente da direcção do Grémio dos Industriais de Conservas de Peixe do Norte, que começou por afirmar que a leitura do referido diploma e o exame das funções atribuídas ao novo organismo são realmente de molde a causar as maiores apreensões.

A indústria conservadora compreende perfeitamente as dificuldades com que os armadores da pesca de sardinha se estão debatendo presentemente e desde há já bastante tempo. Segue com simpatia toda a acção que tenha por objectivo criar para essa actividade melhores condições de produtividade e rendimento, pois delas virá também a beneficiar, mas entende também que tudo se deve processar num clima de bom entendimento e colaboração mútua entre duas actividades económicas que se completam entre si, e excluindo qualquer veleidade de sujeitar os interesses de qualquer delas aos da outra. Até porque isso corresponderá, no fundo, simplesmente à solução do problema, aumentando as suas dificuldades para o futuro. Está a súmula das primeiras palavras que registámos.

Dificuldades paralelas

As conservas — lembrou o sr. Oliveira Marques — vivem praticamente da exportação dos seus produtos que têm de colocar nos diversos mercados em concorrência com os de outras paragens, nomeadamente Marrocos e Espanha.

Importa, pois, e principalmente (para que se não percam para a economia nacional os benefícios que essa exportação representa), que as suas condições de produção se possam, pelo menos, comparar, em

termos aceitáveis, com aquelas que vigoram nos outros países produtores. Assim, e desde há muito, vêm os conservadores reclamando medidas que permitam essa posição, seriamente prejudicada pelos elevados custos, entre nós, de algumas matérias-primas de origem nacional, entre elas a sardinha.

Não tem dúvidas em reconhecer, por circunstâncias várias, que também os armadores da pesca de sardinha lutam com enormes dificuldades. Por isso mesmo se impõe uma colaboração activa entre as duas actividades e os seus organismos representativos.

As mesmas pessoas

Se à primeira vista poderá parecer que a criação de um organismo de certa forma comum será de interesse para tal objectivo, a verdade, porém, é que a constituição da Junta é de molde a provocar nos conservadores o maior receio de que, no fundo, se pretende simplesmente subordinar os interesses da Conserva aos da Pesca — sintetizou depois o nosso interlocutor. — Ora isso corresponderá precisamente a encarar o problema de uma forma simplista e destinada de antemão ao fracasso.

As conservas de peixe são ainda hoje uma das actividades exportadoras mais válidas da nossa balança comercial e empregam um número de trabalhadores que excede mesmo os dos pescadores da sardinha. Não podem viver sem a pesca. Esta, por sua vez, não pode continuar a exercer-se em condições que não sejam rentáveis, nem tão-pouco, aliás no seu próprio interesse, pode pensar simplesmente em melhorar-las mas abstraindo dos interesses das conservas.

Importa, assim, estudar o problema a fundo. Simplesmente os conservadores não acreditam que esse estudo possa ser conduzido, como importa sê-lo, pelas mesmas pessoas que de certa forma são responsáveis pelo estado a que se deixou chegar a actividade primária, isto é, a pesca da sardinha.

Problemas graves

Os problemas dos armadores da pesca da sardinha, tornando-se evidentemente mais agudos quando as pescas se revelam escassas, são, porém, de origem varia e de carácter permanente. Entre eles — acrescentou o sr. Oliveira Marques — poder-se-ão citar, numa rápida enumeração, os seguintes: a) A circunstância de as nossas traineiras de pesca da sardinha não disporem — isso é mesmo impedido por disposições regulamentares — de redes apropriadas para águas profundas, e não comportaram um raio de acção que lhes per-

mita trabalhar em mares mais afastados da costa — aspectos esses que se ligam, aliás e directamente, à possibilidade de obtenção de maiores capturas;

b) — As condições de trabalho e sua remuneração que vigoram nessa actividade atribuindo aos pescadores o resultado de uma percentagem sobre o produto bruto da pesca e deixando para os armadores todos os encargos de exploração;

c) — O sistema de enormes gratificações aos mestres, resultante de uma desleal concorrência na procura dos serviços daqueles que se afiguram mais aptos;

d) — A injusta tributação que pesa sobre a actividade, essa também incidindo sobre o rendimento bruto, o que contraria as tendências fiscais actuais;

e) — O anacrónico sistema de venda nas lotas, que conviria ir alterando, embora lentamente, no interesse geral e comum.

E todo um grave emaranhado de problemas não menos graves. Da reunião marcada para amanhã espera-se uma clara tomada de posição por parte dos conservadores do Norte, sempre prontos a formular sugestões concretas. Milhares de famílias dependem, como se sabe, da evolução favorável ou desfavorável desta conjuntura.

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS EM ANGOLA

LUANDA, 8 — (L.) — O gabinete militar do comando-chefe das Forças Armadas em Angola distribuiu o seguinte comunicado especial: «Na madrugada de 7 de Julho, uma camioneta de transportes colectivos congoleses (Congo Brazzaville), com o condutor e dez passa-

geiros (quatro homens, cinco mulheres e uma criança), foi obrigada a desviar-se para território nacional, na região norte de Cabinda, próximo de Massabi, por indivíduos armados, naturais de Angola, que se encontravam na República do Congo-Brazzaville. Um declarou ser mi-

Reuniões técnicas para estudo de problemas educacionais

O Gabinete de Estudos e Planeamento da Acção Educativa está a organizar diversas reuniões técnicas para debate de problemas relacionados com a educação. Pretende-se discutir nessas reuniões assuntos de natureza técnica da maior importância e fomentar mais estreita interligação entre os técnicos daquele Gabinete e

os dos demais serviços do Ministério da Educação Nacional.

Estão previstas duas reuniões, ainda antes das férias grandes, uma das quais para análise das tendências actuais das estruturas do ensino secundário e médio em alguns países da Europa.

Numa outra reunião, estudar-se-ão as tendências actuais das actividades do planeamento educacional nos países membros da O. C. D. E.

Em ambas as reuniões aproveitar-se-ão as experiências colhidas por técnicos do G. E. P. A. E. ou seus colaboradores, em reuniões e missões no estrangeiro.

ora diga-nos...

— Qual a razão por que se inscreveu no Curso de Férias da Faculdade de Letras?

Para quem pretenda não ficar com os conhecimentos em meio, e se o que se estuda é a língua, a literatura ou a história de um país, nada há como visitá-lo e procurar, tanto como o aprofundamento dos assuntos culturais, conhecer os usos e costumes do seu povo. A pergunta de hoje foi feita na Faculdade de Letras, onde jovens universitários de muitos países do Mundo frequentam o Curso de Férias.



Alan Jones é aluno da Universidade de Leeds, no Norte da Inglaterra, e foi pronto a dizer-nos:

— A razão fundamental que determinou esta minha visita a Portugal, foi melhorar os meus conhecimentos de Português, idioma que estudo na Universidade de que sou aluno. Bem vê, em oito meses não se consegue aprender uma língua. Aqui poderei praticar, ao mesmo tempo que tomo contacto com a história e literatura portuguesas. Também me dedico ao estudo do Espanhol, e estou certo de que ambos os idiomas me vão ser de grande utilidade, na minha vida futura, pois tenciono seguir a carreira diplomática. Para o ano, penso vir passar três meses a Portugal.

Natural de Nîmes e aluna da Universidade de Montpellier, Mireille Geyler, disse-nos:



Colin Robertson estuda também na Universidade de Leeds:

— No pouco tempo em que estudei Português, era impossível ficar a sabê-lo convenientemente. Aqui, e durante este Curso de Férias, poderei familiarizar-me com a língua e com a cultura, e o que é para mim muito importante, conhecer o povo. Cheguei no sábado passado e ainda não tive oportunidade de visitar museus. Nem à praia fui, por enquanto! Limitei-me a falar com algumas pessoas e foi tudo. Ahá, durante o Curso, tenho tempo de conhecer monumentos e museus, pois enciono não faltar a nenhuma das excursões organizadas com esse fim.



Militares falecidos no Ultramar

BISSAU, 8 — (L.) — Morreram na Guiné, devido a desastres, os soldados Domingos Silva Ferreira, natural da Feira, filho de Moisés Valente da Silva Rodrigues e de Maria Carolina de Jesus, e José Mouro Domingos, natural de Castellejo, Fundão, filho de Manuel Francisco Domingos e de Zeasina de Jesus. Por doença, faleceu o soldado Augusto da Silva Oliveira, natural de Vila do Conde, filho de Armando de Oliveira e de Maria de Jesus da Silva.

☆

LUANDA, 8 — (L.) — Faleceram, vítimas de acidente com arma de fogo, o soldado Domingos Borges, filho de Domingas Mendes Silva e, por ferimentos em combate, o soldado pára-quedista José António Serra Zita, filho de António Pereira e Isilda da Conceição Serra.

Agora toda a gente pode usar

Dentes postiços

despreocupadamente Coma, fale, ria ou espirre sem receio de que lhe caia, mova ou abale a dentadura postiça mal fixa. DENTOFIX mantém as placas ajustadas firmemente dando maior conforto. Este pó agradável não dá gosto ou sensação gomosa ou pastosa. Não provoca náuseas. É alcalino (não ácido). Elimina o mau hálito das dentaduras. Peça Dentofix em qualquer farmácia ou drogaria.

Sociedade «ESTORIL»
VENDA DE SÉRIES DE 20 BILHETES SEM DATA
PARA OS DOMINGOS
Todos os dias e em todas as estações
VENDA DE BILHETES
Aos sábados na estação do Cais do Sodré, das 15 às 22 horas.

Célebre, pelo
muito que fez
pelo seu país,
idolatrada
pela sua beleza
e inteligencia,
ela conheceu
toda a espécie
de sentimentos a
que o ser humano
se pode permitir!

ADULTOS

A PARAMOUNT APRESENTA
UMA PRODUÇÃO DE DINO DE LAURENTIIS
ESPIA SEM NOME
(FRÄULEIN DOKTOR)



UMA HISTÓRIA VERDADEIRA DA GUERRA 1914/18

com SUZY KENDALL · KENNETH MORE · NIGEL GREEN · ALEXANDER KNOX · OLIVÉRA VUCHO · CAPUCINE
PROD. DE JAMES BOOTH · DINO DE LAURENTIIS · REAL. DE ALBERTO LATTUADA · TECHNICOLOR · PARAMOUNT

HOJE • ESTREIA SÃO LUÍZ e ALVALADE

AS MATINÉES DOS CINEMAS

AS 15.15, 18.15 e 21.30

AS 15.45 e 21.45

FILMES CASTELLO LOPES
apresenta

MARK DAMON * LAWRENCE DOBKIN

Arrebatador, implacável, violento!



com ROSALBA NERI

Maiores de 17 anos
EASTMANCOLOR

Realização de ROMOLO GUERRIERI

HOJE**ESTREIA**

C. M. L.

ESTUFA FRIA

Dia 10 às 21.45 horas

Concerto gratuito

pelo

CORO POLYPHONIA

Distribuição de bilhetes:

Restauradores, das 18 às 20 h.

Estufa Fria, depois das 21.15 h.

M/12 anos

COLISEU

HOJE, às 21.30

(Maiores de 17 anos)

O grandioso e espectacular
filme**YANG-TSE
EM CHAMAS**

Amanhã: CLEÓPATRA

**SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO**

Para a sua deslocação uti-
lize os combolos eléctricos



**os trunfos para
o seu carro**

A primeira regra da boa condução
é a confiança absoluta no automóvel

VDO cockpit

oferece-lhe os trunfos para o conseguir:

Uma nova linha

que lhe permite obter, a todo o momento,
o diagnóstico exacto do seu carro
através de informações rigorosas
sobre o seu funcionamento.

Uma linha completa:

manómetros de pressão de óleo,
amperímetros, termómetros, relógios,
voltímetros, conta-rotações
e os famosos suportes
em borracha maleável e anti-choque
para 1, 2 ou 3 instrumentos.

Uma linha moderna

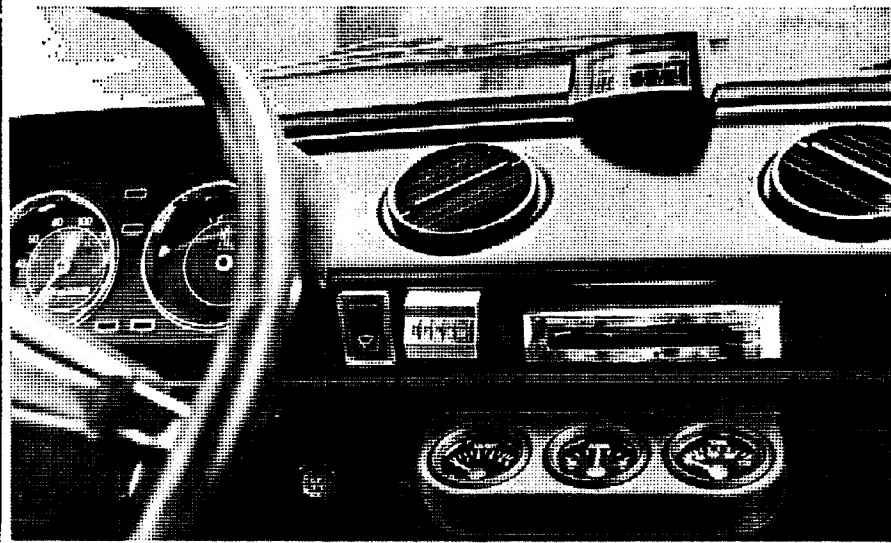
concebida por grandes especialistas
e segundo
as últimas descobertas da técnica:
mostradores em preto fosco,
ponteiros vermelhos,
fundo preto e números brancos
de modo a proporcionar
uma leitura pronta e fácil.

Uma linha desportiva:

reflexos prontamente apoiados,
tranquilidade, descontração,
ou seja:
segurança e condutor em forma,
num carro
que se sabe sempre em forma.

DÊ AO SEU CARRO OS TRUNFOS
VDO.
SÃO TAMBÉM TRUNFOS PARA SI

Em todos os agentes e revendedores
de
ROBERT BOSCH (PORTUGAL), LDA.





Novo CASINO ESTORIL

apresenta
Só hoje e amanhã



THE FOURMOST

de novo
UM DOS GRANDES EXITOS de 1968



**JOHN SEIDEL
AND PARTNER**

**Natércia
da Conceição**



BENTYBER DANCERS

com CLAUDETTE WALKER e LINDSAY DOLAN

SEGUNDO GALARZA e seu conjunto
JIRINA'S COMBO
FERRER TRINDADE e sua orquestra

no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos no wonder bar à 1.00h m/21 anos

CASSANDRA

SO NO WONDER BAR

No CINEMA, às 17 e às 21.30 h.

COM JEITO VAI... GRITANDO
(M. 17 anos)

Começa esta noite o Festival de Música Moderna da Costa do Sol

Começam hoje, às 22 horas, no Pavilhão dos Salesianos do Estoril, as eliminatórias de selecção do 1.º Festival de Conjuntos de Música Moderna da Costa do Sol, promovido pela Junta de Turismo da

Costa do Sol. Os prémios são tentadores — respectivamente, 15, 10 e 5 mil escudos para o 1.º, 2.º e 3.º classificados — e daí o grande interesse de alguns dos melhores conjuntos portugueses, nos quais se integram artistas nacionais e estrangeiros.

Dado o elevado número de inscrições o júri resolveu, de acordo com o regulamento, antecipar 24 horas o início das eliminatórias. Assim, hoje, apresentar-se-ão, por ordem do sorteio efectuado, os seguintes conjuntos: «Os Picassos», «Roma-66», «Yaks», «Logos Quinteto», «A Nave», «Sindicato», «Emission», «Os Marqueses», «Flintstones», «Quarteto à Go-Go», «Os Barões» e «A-1». Os restantes prestarão provas, amanhã, no mesmo local.

Para a final, a realizar dentro de oito dias, serão seleccionados oito conjuntos.



Eva Vilanova, considerada a «primeira dama da canção» no seu país natal (a Checoslováquia), está a lograr grande êxito popular com a sua interpretação de «Jóu Domu Vojaci», da dupla Jiri Stahel-Karol Svoboda. Apenas com seis anos de carreira profissional, Eva já triunfou no Festival da Canção de Helsínquia (só para compositores e intérpretes universitários) e, inclusive, brilhou em cartazes de Las Vegas, Chicago e Nova York.

ESTREIAS DE HOJE

No São Luiz e Alvalade

Título em português — «Ela sem nome».

Título original — «Fraulein Doktor».

Produção — Americana.
Realização — Alberto Latuada.

Intérpretes — Suzy Kendall, Kenneth More, Nigel Green e Alexander Knox.

Género — Aventura.

Distribuição — Paramount.

Processo — Technicolor.

Classificação — 17 anos.

No Condes

Título em português — «Johnny Yuma o vingador».

Produção — Italiana.

Realização — Romolo Guerrieri.

Intérpretes — Mark Damon, Lawrence Dobkin e Rosalba Neri.

Género — Aventura.

Distribuição — Filmes Castelo Lopes.

Processo — Eastmancolor.

Classificação — 17 anos.

TEATRO LAURA ALVES

Tel. 864756 (ADULTOS)

HOJE, 2 SESSÕES
20.45 e 23 h.

**2 HORAS DE RISO
ABSOLUTO**

3.º MES

Pepsie

tradução de R. Lobato Faria

com IRENE CRUZ
JOÃO LOURENÇO
ANTÓNIO ANJOS
GRACA LOBO
DAVID SILVA

UM EXITO POPULAR
ULTIMA SEMANA

MONUMENTAL DE CASCAIS

DOMINGO, 13 de Julho
às 17.30 h. — M/ 6 ANOS

A MAIS FABULOSA
CORRIDA DA ÉPOCA

CAVALEIROS

JOSÉ LÚPI-LUÍS MIGUEL DA VEIGA

SENSACIONAL COMPETIÇÃO ENTRE OS MAIS DISCUTIDOS
TOUREIROS DO MUNDO

«EL CORDOBÉS»

PALOMO

LINARES

FORCADOS AMADORES DE LISBOA

DE NUNO SALVAÇÃO BARRETO



4 TOIROS
DE JOSÉ LÚPI

4 TOIROS
DE HERDEIROS

DE PAULINO
DA CUNHA E SILVA

TRIUNFADORES
DA ÉPOCA



BILHETES A VENDA DESDE 4.ª-FEIRA, DIA 9

NA AG. A.B.E.P. — RESTAURADORES — TABAC, FREITAS
R. 1.º DE DEZEMBRO, 85 E EM CASCAIS NOS LOCAIS
DO COSTUME

OS MELHORES PREÇOS PARA AFICIONADOS
SOL, DESDE 50\$00 — S/SOL, DESDE 100\$00 — SOMBRA,
DESDE 120\$00 — JUVENTUDE, 30\$00

CONTINUA EM PLENO SUCESSO

**A FEIRA POPULAR
de LISBOA**

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL
DE «O SÉCULO»

TODOS OS REQUISITOS DE CONFORTO AO AR LIVRE

UM MUNDO DE MARAVILHAS
AO ALCANCE DE TODA A GENTE

ABERTURA ÀS 19 H. — ENTRADA: QUINZE TOSTÕES

HABILITE-SE AO SORTEIO DE UMA MOTORIZADA
CASAL, OFERTA DA METALURGIA CASAL,
DE AVEIRO

DE NOVO **AMANHÃ NO ODEON**

OUTRO GRANDE EXITO DO CINEMA PORTUGUÊS

SOL E TOUROS

COM

**O INESQUECIVEL TOUREIRO
MANUEL DOS SANTOS**

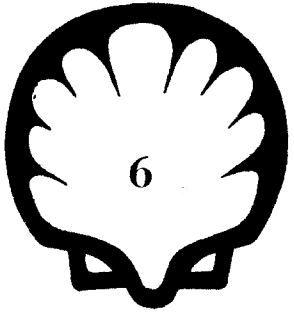
e ainda

LEONOR MAIA e TATAG ANA PAULA
ERICO BRAGA EUGÉNIO SALVADOR
COSTINHA EMÍLIO CORREIA
e a bailarina
EULÁLIA DEL PINO

Realização de JOSÉ BUCHS
Distribuição de EXCLUSIVOS TRIUNFO



MAIORES 12 ANOS

17 FESTIVAL INTERNACIONAL
DEL CINE DE SAN SEBASTIAN

OS PROBLEMAS DO DIVÓRCIO O HOMEM EM CRISE E VINGANÇA SICILIANA

por OLIVEIRA PINTO

SAN SEBASTIAN—Assinalando a sua presença, este ano, no Festival de San Sebastian, a Jugoslávia fez projectar, a concurso, um filme intitulado «Pai e Mãe» (ou ainda «Tinho dois papás e duas mãas»), tratando o espinhoso problema do destino dos filhos de pais divorciados. Não é esta, evidentemente, a primeira vez que tal tema aparece no «ecran». Presente-se, no entanto, justiça ao cinema jugoslavo, dizendo que o tratou com sensibilidade e simplicidade sem dramatismos, por vezes, em tom de comédia, não deixando, porém, de tocar, profundamente, o espectador.

Relata o filme o caso de um casal divorciado, tendo, tanto ela como ele, contraído novo casamento. Os dois filhos são distribuídos pelos novos casais. Aos domingos, alternam os jovens, passando o dia juntos, ora em casa da mãe, ora em casa do pai. Contrastam as diferenças de

ma segue, sem quebra, uma linha perfeitamente construída, por entre sorrisos. Poucas vezes, na verdade, tal problemática terá sido tratada com semelhante ternura e requinte.

Técnicamente, o filme está bem conseguido em todos os aspectos: composição, fotografia e música.

Todos os intérpretes são excelentes, com especial relevo para o juvenil e os infantis. Aquele, muito especialmente, de grande semelhança física (e interpretativa, tantas vezes) com o malogrado James Dean.

«Pierre et Paul», filme de René Allio

É o processo da decomposição anímica de um quarantão, que, graças ao seu próprio esforço, e com uma formação primária, logrou atingir excelente situação. É o típico «self-made-man». Gosa assim de excelente posição podendo viver bem, satisfazendo prazeres e caprichos. Inclusivamente,



René Allio e Bulle Ogier, realizador e intérprete de «Pierre et Paul», estiveram em San Sebastian assistindo à apresentação do seu filme no certame

ambiente e os caracteres do padrasto e da madrasta.

Ele, homem amargurado, músico de profissão e severo. Ela, mulher jovem, atraente de beleza, ávida da vida. E essa diferença reflecte-se no comportamento dos dois jovens, vivendo uma existência dupla que lhes permite estabelecer comparações. A mais grave complicação surge quando o mais velho dos irmãos, adolescente e um tanto rebelde se sente atraído pela formosura de sua segunda «mãe». Os seus sentimentos serão, possivelmente, uma mescla de amor e ódio, unidos ao desejo. De qualquer modo, tudo poderá ruir perigosamente. Encontra-se então uma solução hipotética que é a pincelada irónica com que o realizador termina a película. Igualmente argumentista do filme, partindo de uma obra literária, o realizador — Kresko Golik—deu, talvez, o tratamento mais inesperado ao tema (que se prestava aos mais diversos). Quase até ao final, não há um momento tenso. Tudo é simples e directo, sublinhando bem, sem dúvida a intensidade da situação das personagens, graças a uma narrativa de impecável fluidez. A evolução do proble-

está noivo de uma bela jovem. Tudo lhe sorri e parece, pois, ter alcançado o tecto da felicidade. Mas morre seu pai e ele que tão afastado vivera daquele (embora bem perto), alheado e desconhecendo-o quase inteiramente, sofre profundamente com o desaparecimento do progenitor que só então descobre e ama amargurado. No campo profissional, sucedem, igualmente, acontecimentos que o afectam fortemente. Toda a sua vida é abalada. Faltam-lhe todos os alicerces morais e, sem apoio, dá-se a sua queda vertical. O problema da vida e da morte, a fragilidade daquilo que, até então, considerara a sua segurança, põem-se-lhe brutalmente, devido ao choque afectivo-psicológico e económico sofrido.

Inclusivamente, Pierre, o filho, sente que o pai (Paul) representava para ele a última muralha que parecia preservá-lo da própria morte.

Irrompe aí, nessa situação, a sua violenta tomada de consciência. A pouco e pouco, dá-se conta do absurdo da sua vida, do aspecto mecânico e prefabricado daquilo a que se chama felicidade. Quer, então, romper com o sistema, lu-

tar contra a engrenagem. O abalo sofrido foi enorme e ele não possuía estruturas, a preparação suficiente para o embate.

Quer comunicar a todos a sua descoberta, mas, evidentemente, ninguém o compreende, nem, sequer, os seres mais chegados a ele: a mãe e a noiva. E Pierre cai, afunda-se, mentalmente afectado. Parte, chorando e gritando o seu desejo de cura.

René Allio faz, assim, um cinema minucioso, pormenorizado, que ganha, aqui e além, matizes de denúncia social. E com insuspeitada violência, sublinhando a rebelião de Pierre contra uma sociedade de consumo, de gente presa na engrenagem que a todos comanda, onipotente e desapidada.

Pierre Mondy é Pierre. Actor sóbrio, a quem, logo de início, o aspecto físico confere adequada modelação à personagem que interpreta com paixão interior, marcando excelentemente as mudanças de vivência. Tem, pois, um excelente desempenho, acompanhado pela jovem Bulle Ogier, prometedora actriz de boa expressão.

«L'amante di Gramigna», cinema de Carlo Lizzani

De novo, Lizzani traz ao cinema uma transbordante explosão de violência, em torno de paixões desenfreadas. «L'amante di Gramigna», com que representou a Itália no certame, tem ares de «Western» italiano nos tempos de Garibaldi. Traz a apologia do bandido siciliano, aqui Giuseppe Gramigna, que jurou vingança contra o barão poderoso que se apoderou, dolosamente, da pequena casa pertencente a seu pai. Vingança contra aquele e contra quantos o feriram e apoiavam. Vai para as montanhas, onde irá forjando a sua lenda de herói. O homem tosco, primitivo e em fúria transforma-se em fera.

Precisa de uma companheira. É Gema a contrafigura feminina que compartilha a vida consigo. Gramigna não terá, porém, possibilidade de concretizar a vingança tão longamente ansiada: quando o barão morre, as mãos dos camponeses revoltados contra as suas prepotências, Gramigna chega tarde. Então, num gesto de impotência cega, descarrega a arma sobre o corpo inanimado do barão. O exército que o perseguia baldadamente criva-o de balas e no final, Gema arrasta o cadáver do ser amado, até junto da pobre casa origem do drama, para chorar a sua desgraça...

Carlo Lizzani não poupou nenhum dos símbolos da violência. Sangue, pólvora e morte inundam a acção. Maltrata a protagonista numa desgarrada e múltipla violação. E corre por serras e montes da Bulgária (onde encontrou

a paisagem siciliana do séc. XIX) nos seus constantes «travellings». E debruça-se, menos talvez, sobre a psicologia das personagens. Dá a película o carácter realista e testemunhal que se impôs, menos conseguido, por ventura, que em «Bandidos em Milão».

Stefania Sandrelli, amante de Gramigna, é uma Gema carecida de expressividade.

A frieza da sua interpretação não parece nunca de acordo com a ideia da mulher apaixonada que arrostou todos os perigos para unir-se ao homem amado. Por isso, foi largamente



Relja Basic (excelente actor que esteve pessoalmente em San Sebastian) e Vera Cukic, um dos casais do filme jugoslavo «Pai e Mãe», cujo tema foca, com acerto, os problemas do divórcio

manifestado, aquando da entrega dos prémios do certame, o desacordo que mereceu a atribuição que lhe foi feita do galardão para a melhor intérprete.

«exaequo» com a russa Ludmilla Tchoursina.

Gian Maria Volonté é o protagonista, Giuseppe Gramigna. Trata-se, aliás, de uma das suas últimas aparições no «ecran», dado que, recentemente e por forma inesperada, anunciou o seu propósito de abandonar o cinema. A sua interpretação está de acordo com o tipo clássico do bandido siciliano, sempre exaltado, numa ferocidade simplista. O seu olhar diz quanto passa pela atormentada mente daquele homem, imerso praticamente na loucura, que busca vingança, fazendo justiça por sua mão e à sua maneira. — O. P.

Em três linhas

O dr. Mário Medeiros dos Santos foi contratado para segundo-assistente além do quadro de Psicologia da Faculdade de Medicina de Coimbra.

///

O arq. Mário António Monteiro Martins foi contratado para assistente além do qua-

dro da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa.

///

Foi aprovada para ratificação a Convenção Internacional para a Conservação dos Tunídeos do Atlântico, concluída no Rio de Janeiro a 14 de Maio de 1966.



«Quem sobe essa calçada triste e fria...» Bem, isto é o que diz o fado. Mas o lisboeta subiu mesmo, esta manhã, a pé, a chamada («não se sabe por que ironia», como também diz a cantiga) Calçada da Glória. O elevador esteve imobilizado, para os habituais trabalhos de verificação e reparação de cabos. A tarde, felizmente, já funcionava outra vez

VIDA MUSICAL

Sociedade de Concertos de Lisboa

Raríssimas são as apresentações de repertório para duos de pianistas, pelo que adquire o maior interesse o programa que a Sociedade de Concertos de Lisboa, vai proporcionar hoje, às 18 e 30 no Tivoli, aos seus associados no último concerto da temporada.

O duo Tânia Achot-Sequeira Costa executará a única sonata para dois pianos, de Mozart (em ré maior, K. 448), um delicioso rondó de Chopin, a brilhante «Valsa» que Rachmaninoff escreveu para a suite n.º 2, o «Concertino» de Chostakovitch e uma das mais felizes inspirações de Darius Milhaud — «Scaramouche» — cujo último andamento reproduz com sedutora fantasia e esufusante colorido os acentos inconfundíveis da musica brasileira.

Tânia Achot e Sequeira Costa são dois pianistas que têm sido distinguidos internacionalmente. Basta já referir, quanto à primeira, o 3.º Prémio conquistado no Concurso Chopin, de Varsóvia, após ter trabalhado com Lev Oborine no Conservatório de Moscovo, e o 5.º Prémio no Concurso Mitropoulos de Nova Iorque, em dueto, na competição na qual estiveram representados 19 países. Quanto a Sequeira Costa (que acaba de realizar 15 concertos na Rússia, assinalados por grandes êxitos) é uma figura bem conhecida do nosso publico.

Em Londres, foi-lhe atribuída a medalha Beethoven, que o disco. Em Londres, foi-lhe atribuída a medalha que o distinguiu como o melhor intérprete, em recital, daquele compositor. Após este recital, parte para a América Latina onde vai realizar uma «tourné».

A apresentação destes dois pianistas (que têm gravado para a «Decca», «Chant du Monde» e «Deutsche Gramophon») é aguardada, portanto, com justificada expectativa, tanto pela qualidade do seu trabalho como pelo interesse de um programa constituído por obras raramente ouvidas.

Concerto pela Banda da G. N. R.

no Convento do Carmo
Como nos anos anteriores, a Banda de Musica da G. N. R., sob a direcção do maestro capitão Silva Dionísio, dará uma série de concertos nas ruínas do Convento do Carmo.

O primeiro destes espectáculos realiza-se amanhã, às 21 e 45, fazendo parte do programa as seguintes obras: «Os Mestres Cantores», de Wagner; «Adagio», de Albini; «Musica Aquática» (1.ª audição pela banda), de Handel; «Rapsódia Hungara n.º 4», de Liszt; «Ribatejo», de Frederico de Freitas, e «Casse-Noisettes», de Tchaikowsky.

Os bilhetes de ingresso podem ser solicitados na portaria do quartel do Carmo e, ainda, pelo telefone 368851.

TAUROMAQUIA

Paquirri e Victor Martin num cartaz de classe na primeira praça do País

O público tauromáquico, que sabe o que quer e distingue quando lhe dão gato por lebre, tem, a próxima quinta-feira, às 22 horas, no Campo Pequeno, uma corrida a que não falta nada para que possa agradar-lhe totalmente. Organizada com o critério que, desde sempre, tem presidido à acção desenvolvida em prol da Festa Brava pela Sociedade Campo Pequeno, esta corrida integra-se numa linha de rumo que restituiu a confiança ao bom aficionado, pois este reconhece os esforços que aquela empresa tem desenvolvido para reconquistar para a tauromaquia portuguesa o prestígio que esteve em riscos de perder.

Desde o curro de oito preciosas estampas fornecidas por Cabral de Ascensão — a ganadaria que maiores êxitos tem proporcionado aos artistas nacionais e estrangeiros — até ao Grupo de Forcados Amadores de Montemor, capitaneados, por Joaquim José Capoulas, o cartaz foi elaborado de forma a oferecer os melhores momentos ao mais exigente aficionado.

Na lide equestre, à portuguesa, actuarão Manuel Comde, que, no auge de uma brilhante carreira, continua a ocupar lugar de primeiro plano entre os cultores da Arte de Marialva; e Frederico Cunha, um jovem com

posição firmada, que busca a consagração e por ela luta com pundonor e a maior seriedade.

Na parte apeada, estarão em praça Francisco Rivera «Paquirri» e Victor Manuel Martin. Do primeiro, bastará dizer que, nesta altura da temporada, vai com 27 corridas toureadas e ocupa o 4.º lugar, com 38 orelhas cortadas. A propósito da sua actuação no Campo Pequeno, na corrida do dia 11 do mês passado, disse o crítico de «A Capital»:

«No segundo e último da corrida tudo tentou honestamente e conseguiu obter muito de um touro que tinha pouco que dar e «Paquirri» revelou-se nos toureiros extraordinário de conhecimentos».

Por seu lado, o salamanquino Martin é apontado por «El Terrible Pérez», no «Diário de Lisboa», em referência à sua presença no festival de despedida do bandarilheiro Francisco Costa, como «toureiro largo em todo o sentido de vocabulo castelhano, alto e completo, mandando em séries de lances de capa, que salpicou com luminosos faróis, e aplaudido com a muleta, sem se mover, ao som da musica».

Estamos certos de que o aficionado que acorrer na quinta-feira à noite ao Campo Pequeno não dará por mal gasto o seu tempo.

Manhã na praça

COMER FRUTA: UM PRIVILÉGIO

— Sabe a como está hoje a lula? A 54\$00. Está ali uma rapariga a vender!

Mastigamos a nossa incredulidade. A 54\$00! E há quem compre?

Pelos vistos havia. O monte das lulas era pequerrucho.

— Mas porquê...?

— A falta é que faz a carestia! — retorquiu a vendedeira.

Aceitámos a explicação para o caso particular das lulas. Mas servirá ela para justificar o preço da fruta?!



O quilo do imperador estava a 20\$00...

Vimos muita e variada fruta no Mercado de 24 de Julho. Nem por isso menos cara. Portanto, nem só a falta faz a carestia. Havia muita ameixa a preço proibitivo. Idem pêras; idem alperces; idem cerejas. A fruta, transformada há alguns anos em artigo de luxo, estabilizou-se nessa categoria.

Diziamos há dias numa dona de casa:

— O quilo da cereja está a 15\$00. A família não precisa de ser muito grande para a comer numa refeição. Quando muito, para um casal com dois filhos, dá para duas refeições...

Dá a concluir que o orçamento familiar não comportava tal preço foi um passo. E a encerrar o assunto:

— Como é que o pobre lhe pode chegar?!

PREÇO DOS PRODUTOS

Vimos o quilo do tomate a 3\$50; 4\$00 e 5\$00; da cenoura, a 3\$00; do feijão-verde, a 2\$00 e 3\$00; da cebola, a 4\$00; da azeitona, a 7\$00, 7\$80 e 8\$00; do tremço, a 3\$20; da batata, a 2\$00 e 2\$10; do pepino, a 2\$50 e 3\$00; dos pimentos, a 8\$00 e 12\$00; e dos alhos, a 10\$00.

A lombarda estava a 5\$00; a alface, a 1\$50; a couve portuguesa, a 2\$50 e 3\$00; e a couve-flor, de 5\$00 a 15\$00. O molho do alho francês vendia-se a 15\$00; das nabijas, a 6\$00 e 7\$00; da beterraba, a 5\$00; e do rabanete, a 4\$00.

PEIXE E MARISCOS

O quilo do pargo estava a 9\$00, 13\$00 e 14\$00; do mero, a 17\$00; da pescada congelada, a 16\$00; da pescadinha, a 10\$00 (mas é de sábado) e a 18\$00; da pescada negra, a 16\$00; da raia, a 6\$00; do cachucho, a 13\$00; do safio, a 18\$00; da caldeirada, a 10\$00; do chicharro, a 4\$20; da xaputa, a 7\$90; dos joaquinzinhos, a 17\$00; dos rabos de dourada, a 15\$; do sargo, a 9\$00; dos chocos, a 16\$50, 18\$00 e 24\$00; do imperador, a 20\$00; do linguado, a 45\$00, 50\$00 e 55\$00; do goraz, a 20\$00; dos robalinhos, a 30\$ e 36\$00; dos pampos, a 15\$00; do carapau, a 10\$00 e 17\$00; do tamboril, a 12\$00; da eiró, a 36\$00; do polvo, a 14\$00; do peixe-espada, a 10\$40 e 12\$00; da sarda, a 10\$00; da faneça, a 12\$50; dos lagostins, a 52\$00, 60\$00, 90\$

e 112\$00; das gambas, a 72\$00 e 93\$00; das sardas, a 110\$00; do camarão, a 20\$00; da garoupa, a 29\$00 e 30\$00; da pescada, a 34\$00; do cherne, a 28\$00; e da ameijoia, a 27\$00.

CRIAÇÃO

A dúzia dos ovos apresentava diversos preços: 12\$50, 13\$, 14\$40, 14\$60, 15\$00, 15\$20, 15\$40 e 16\$00.

Quanto ao frango vivo a tabela marcava a 19\$50 o quilo; morto, 21\$00; e limpo, a 25\$50. A galinha viva vendia-se a 17\$00; e morta, a 19\$00. A galinha de 1.ª apresentava outros preços: viva, a 21\$00; e morta, a 23\$00. O coelho vivo também custava a 23\$00 o quilo.

FRUTA

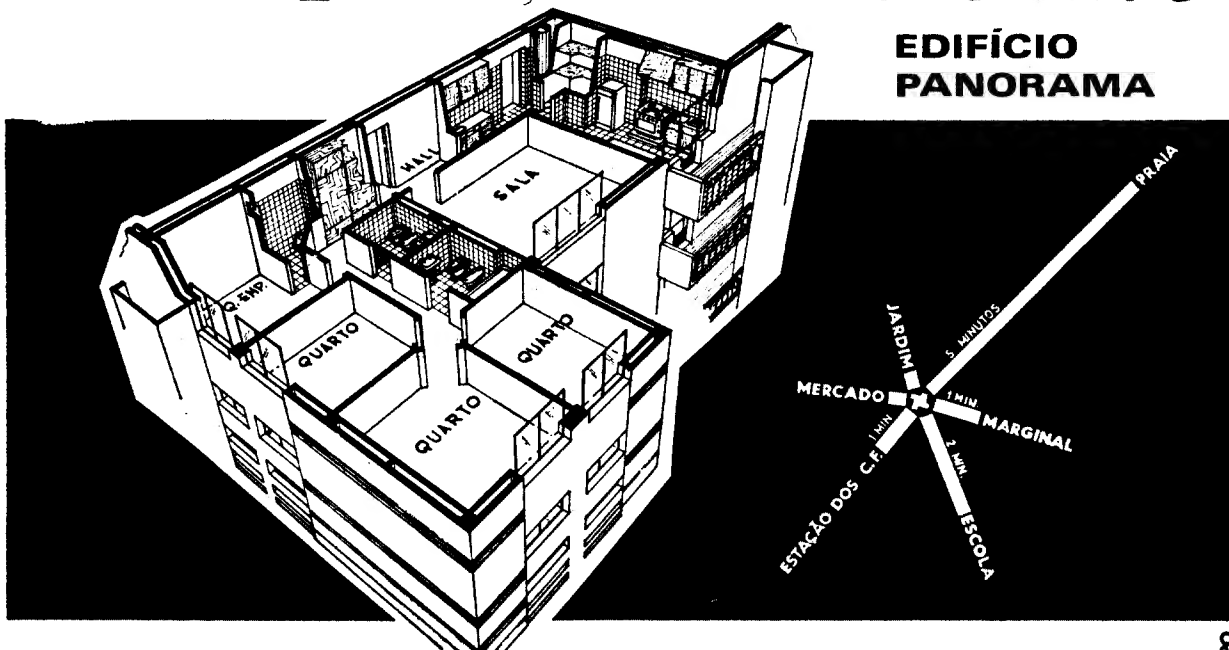
Vimos o quilo do pêro «golden» a 20\$80; a mesma quantidade de rainhas-eláudias, a 11\$70; da maçã riscadinha, a 7\$80; das uvas, ainda pouco apetitosas, 14\$30; das pêras, a 11\$70, 14\$30 e 15\$60; dos figos, a 5\$20; da ginja, a 9\$10; dos alperces, a 13\$00; do ananás, a 13\$00 e 32\$50; dos pêssegos, a 15\$60 e 16\$90; dos limões, a 11\$70; das bananas, a 10\$00, 11\$50 e 12\$00; das laranjas, a 15\$60; das ameixas encarnadas, a 13\$00 e 15\$60; dos morangos, a 20\$00; e das cerejas, a 18\$00.

FLORES

A dúzia dos gladiolos vendia-se a 30\$00; das dalias, a 15\$00 e 20\$00; dos cravos, a 20\$00; das rosas, a 20\$00; e o molho dos malmequeres, a 15\$00.

DONA DE CASA

na Costa do Sol o seu capital valerá o DOBRO



EDIFÍCIO PANORAMA

No centro de PAÇO DE ARCOS

AV. SENHOR JESUS DOS NAVEGANTES
(Junto à IGREJA NOVA)

Sem intermediários

PISOS DE
EXCEPCIONAL
ACABAMENTO
*
IMPECÁVEL
CONSTRUÇÃO

PROPRIEDADE CONSTRUÍDA PELO ENG. CIVIL J. J. LUZ

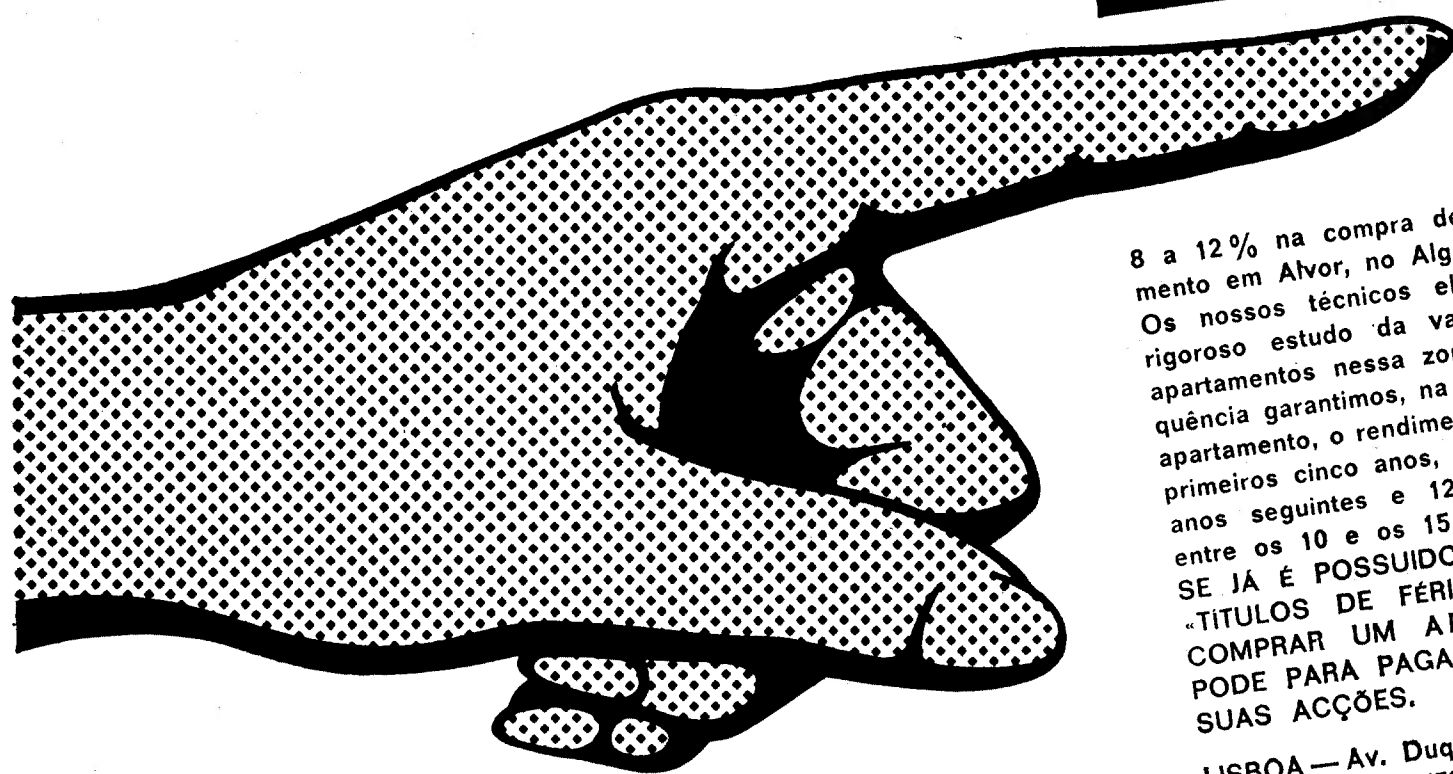
ap

TORRALTA

A MULTIPLICAÇÃO DO SEU CAPITAL

dá

8 A 12%



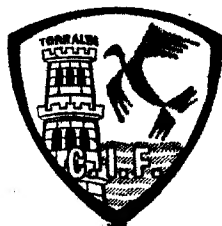
8 a 12% na compra de um apartamento em Alvor, no Algarve. Os nossos técnicos elaboraram um rigoroso estudo da valorização dos apartamentos nessa zona. Em consequência garantimos, na compra de um apartamento, o rendimento de 8% nos primeiros cinco anos, 10% nos cinco anos seguintes e 12% no período entre os 10 e os 15 anos.

SE JÁ É POSSUIDOR DE ACÇÕES «TÍTULOS DE FÉRIAS» E QUISER COMPRAR UM APARTAMENTO, PODE PARA PAGAMENTO DAR AS SUAS ACÇÕES.

LISBOA — Av. Duque de Loulé, 66-A
Telefs. 51748, 54479 e 555681

LAGOS — Hotel Golfinho — Telefs.
302 - 481/2

PRAIA DE ALVOR — Telefs 3128, 3211,
3212, 3251, 3252 PORTIMÃO



TORRALTA

CLUB INTERNACIONAL DE FÉRIAS SARL

Actualidade internacional

Começa hoje em Belgrado a reunião dos não-alinhados

BELGRADO, 8 — (F. P.) — A Imprensa jugoslava dá uma importância excepcional à reunião consultiva dos representantes de 51 países não-alinhados, que hoje começará os

seus trabalhos em Belgrado. «Borba», órgão da Liga dos Comunistas, publica um suplemento de oito páginas consagrado ao «mundo não-alinhado». O su-

plemento reproduz o apelo à paz assinado pelos chefes de Estado e de Governo presentes na primeira conferência dos 25 países não-alinhados, reunida em Belgrado. O suplemento recorda que os países não-alinhados representam um bilião, 184 milhões e 950 mil pessoas enquanto o Pacto de Varsóvia abrange 335 milhões e 500 mil e a N.A.T.O. a S.E.A.T.O. e o C.E.N.T.O. 718 milhões e 100 mil homens.

O grande diário «Politika», escreve: «A guerra americana no Vietnã, o ataque de Israel contra os seus vizinhos árabes, a intervenção dos cinco países do Pacto de Varsóvia na Checoslováquia, são uma razão suficiente para uma vasta reunião, para novos esforços com vista a fazer ouvir na política mundial a voz dos não-alinhados.»

REPORTAGEM ANTICHINESA

MOSCOVO, 8 — (F. P.) — Pela primeira vez, desde há um mês e meio, surge na Imprensa soviética uma reportagem escrita sobre temas «antichineses», acerca dos problemas fronteiriços.

Datada da região do Amur, a reportagem foi telefonada para a «Izvestia», de um local próximo de Khabarovsk, onde se realizam desde 18 de Junho as negociações sino-soviéticas sobre a navegação fronteiriça.

Assinado por três enviados especiais do jornal, o artigo descreve as atitudes «ameaçadoras» das populações chinesas das fronteiras.

O comentário descreve a margem esquerda do Amur, «que é nosso», fala de uma ilha, a Ilha Medvey, «que a fronteira divide em duas» e do «nosso querido Extremo Oriente».



Em Moscovo, a multidão observa o actor italiano Marcello Mastroianni, no decorrer das filmagens de «Sunflower», uma realização de Vittorio de Sica, produzida por Carlo Ponti, Sofia Loren e Ludmila Savelyeva (a Natasha da «Guerra e Paz» de Bondarchuk) contracenam com Mastroianni

SOBE A TENSÃO NO QUÊNIA

Apedrejado o carro do vice-presidente

NAIROBI, 8 — (R.) — A Polícia aumentou as medidas de segurança ao iniciarem-se hoje os serviços fúnebres pelo ministro assassinado Tom Mboya, após uma multidão ape-

drejar o automóvel de outro dirigente do Quênia.

O vice-presidente Daniel Arap Moi disse que o incidente se registara ontem quando tentara visitar a casa de Mboya, o ministro da Planificação Económica, morto a tiro no sábado passado nesta capital.

O incidente ocorreu no meio da tensão que aumentou entre os homens da Luo, a tribo de Mboya, e os Kikuyus, que dominam no Quênia, após o assassinio.

O presidente Kenyatta assiste hoje aos primeiros serviços fúnebres, que se realizam na catedral católica romana de Nairobi. A maioria dos países africanos estará representada quer pelas suas missões diplomáticas nesta cidade, quer por emissários especiais.

Entretanto, a medida que notícias de incidentes isolados entre luos e kikuyus continuam a chegar a Nairobi, funcionários luos exigiram nesta capital um inquérito independente acerca do assassinio.

Afirmam que as investigações deveriam ser efectuadas por uma comissão composta por membros da Comunidade da África Oriental — o Quênia, a Tanzânia e a Uganda.

A Inglaterra opõe-se à venda de «Leopards» à Espanha

LONDRES, 8 — (F. P.) — O Governo britânico opor-se-á provavelmente à venda de tanques «Leopard» à Espanha, anuncia esta manhã, o «Times», através do seu correspondente militar, Charles Douglas Home.

Estes tanques que são fabricados pela sociedade alemã Kraus Maffel, estão equipados com um canhão de 105 mm de fabrico inglês. O Governo espanhol, segundo diz Charles Douglas Home, desejaria adquirir «algumas centenas» para substituir os M-47 e M-48 americanos de que o Exército espanhol actualmente dispõe.

Segundo Home, nenhuma decisão definitiva foi tomada ainda em Londres mas a questão de Gibraltar torna improvável um acordo britânico para a venda dos «Leopards».

PIERRE HARMEL — conversações em Moscovo

BRUXELAS, 8 (R.) — O ministro dos Negócios Estrangeiros belga, Pierre Harmel, realizará conversações em Moscovo entre 23 e 26 de Julho sobre a possibilidade de se desanuviar a tensão entre o Leste e o Oeste, segundo revelaram a noite passada nesta capital fontes bem informadas.

Disseram ainda que as suas conversações com o ministro dos Negócios Estrangeiros soviético, Andrei Gromyko, e outros dirigentes governamentais se podiam efectuar dentro do âmbito da conferência de paz europeia, proposta na reunião de alto nível do Pacto de Varsóvia em Budapeste, em Março, passado.

LEIA um caso vivido

O AGENTE DE MOSCOVO

de GREVILLE WYNNE

livro documentado com ilustrações

Nição da EDITORIAL MINERVA — LISBOA

PADRES PROGRESSISTAS TENTAM PARTICIPAR NO SIMPÓSIO DOS BISPOS EUROPEUS

CHUR (Suíça), 8 — (R.) — Um simpósio de quatro dias de bispos e cardeais católicos romanos europeus foi inaugurado a noite passada nesta cidade com um incidente provocado por um padre que pediu para subir à tribuna e foi ignorado pelo presidente da conferência.

O sacerdote, que não foi identificado, gritou: «Sr. presidente, sr. presidente», mas ele, monsenhor Johannes Vonderach, bispo de Chur, não lhe prestou atenção.

Observadores disseram que o padre era um de cerca de 40 sacerdotes progressistas católicos romanos de oito países europeus que realizaram uma conferência rival nesta cidade, a fim de discutirem os seus problemas, devido aos bispos não os terem convidado a assistir ao simpósio de quatro dias.

Os padres, que receberam encorajamento particular de alguns dos bispos mais liberais que se encontram em Chur, são de opinião que desde que o tema principal da conferência dos bispos é «O sacerdote no mundo e a Igreja de hoje», eles deviam ser convidados a assistir.

Cartas dos padres aos bispos, pedindo completa participação, foram deixadas sem resposta, mas os sacerdotes foram informados de que podiam assistir como convidados à sessão inaugural da noite passada.

O grupo endereçou agora uma última carta tanto à conferência dos bispos como ao Papa Paulo VI pedindo para ser convidado.

Contudo, é improvável que os padres sejam convidados para quaisquer sessões privadas, visto a sua presença ser uma fonte de embaraço para os bispos, que são, assim, obrigados a ver, à sua própria porta, a actual agitação na Igreja Católica Romana, opondo conservadores e progressistas.

Na sessão inaugural, o cardeal Julius Döpfner, de Munique, declarou a cerca de 100 bispos e a uma dezena de cardeais que participam no simpósio, que, em muitos casos, os sacerdotes de hoje quase perderam a sua identidade.

Abriu em Moscovo o Festival de Cinema

MOSCOVO, 8 — (A. N. I.) — Com o filme «Romeu e Julieta», do italiano Franco Zeffirelli, abriu em Moscovo o Sexto Festival Internacional de Cinema. É a primeira vez que o festival não abre com um filme russo.

Na cerimónia inaugural, no Palácio dos congressos, o presidente da Comissão de cinematografia, Aleksei Romanov, declarou que o povo russo aceita na arte, apenas «honestidade e humanismo», rejeitando tudo o que for «distorção da história, erotismo e crueldade».

Foram seguidamente apresentados os componentes do júri internacional e transmitidas as saudações do chefe do Governo russo, Aleksei Gossyguine.

O actor italiano Marcello Mastroianni e o realizador King Vidor, que estavam presentes, foram calorosamente aplaudidos pelo público.

ARTE E OBSCENIDADE

LOCARNO, 8 — (R.) — A Polícia revelou nesta cidade que confiscara cerca de 40 obras dos artistas de Hamburgo, Katinka Niederrasse e Ali Schindekuette, que se encontravam numa exposição de arte erótica, após o delegado do Ministério Público local as considerar obscenas.

O VOO DA «APOLO-11»

«Tenho plena confiança»

—afirmou o director do Centro Espacial de Houston

CENTRO ESPACIAL DE HOUSTON (Texas), 8 — (F. P.) — Tudo está preparado para atingir o objectivo fixado em 1961 pelo presidente John F. Kennedy: a primeira, aterragem na Lua antes de 1970. Para os «patrões» da N.A.S.A., sobretudo os que conceberam o programa espacial americano, o primeiro desembarque do homem na Lua, tendo certamente uma importância capital, não representa todavia senão uma etapa na gigantesca aventura espa-

cial iniciada nesta segunda metade do século XX.

«É fora de dúvida que a experiência Apolo-11 se inscreverá entre as grandes realizações humanas, já que será a primeira vez que o homem terá deixado o seu planeta para pôr pé num outro corpo celeste. A técnica estudada para a primeira aterragem na Lua poderá ser depois utilizada para Marte», declarou o director deste Centro Espacial.

Robert R. Gilruth, de 55 anos, que sempre se interessou pelas questões aeronáuticas antes de dedicar a sua vida à investigação aeroespacial, é um dos raros homens que estiveram intimamente associados ao programa espacial americano desde as suas origens.

Em Outubro de 1958 preparou os esboços daquilo que iria ser o projecto «Mercury», permanecendo desde então em Houston.

«Tenho plena confiança» — disse ele referindo-se à Apolo-11. «O trabalho preparatório foi bem realizado. Durante o voo da Apolo-11 experimentámos em volta da Lua todo o material que vai agora ser utilizados».

NOVOS PROJECTOS

«Depois da Apolo-11», acrescentou Gilruth, «os engenheiros que conceberam os voos lunares poderão trabalhar em novos projectos, como por exemplo no que se refere à base espacial ou estação orbital que assinalará a década de 70».

Operações de Bolsa

BANCO DO ALENTEJO

AUTOMOTORA RÁPIDA DA BEIRA BAIXA

Informa-nos a C. P. que a automotora rápida, actualmente circulando entre Covilhã-Lisboa-Covilhã, passa a circular, entre Guarda-Lisboa-Guarda desde 1 do corrente mês, sendo constituída por uma composição FIAT, com ar condicionado.

Esta automotora dispõe de um serviço de bar, estando previsto o fornecimento de pequenos almoços e refeições ligeiras.

O horário é o seguinte:

7-50 p.
9-02 p.
10-54 p.
14-59 c.

Guarda
Covilhã
Castelo Branco
Lisboa (St. Apolónia)

p. 20-22
c. 0-35
c. 2-28
c. 3-40

ONGANIA PRONTO A INTRODUIZIR AS REFORMAS SOCIAIS NECESSÁRIAS

A black and white photograph of a woman with blonde hair and a bow, looking down at a young child with dark hair who is looking up at her. The image has a grainy, high-contrast quality.

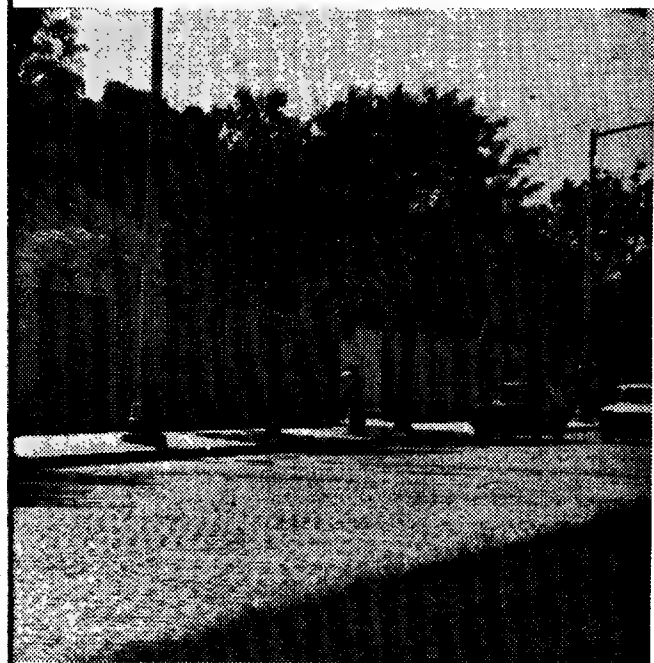
**É PRECISO FAZER
UMA PROFUNDA
VIRAGEM DEMOCRÁTICA
—AFIRMA O P. C. ITALIANO**

Analisando a situação dos dois grandes partidos governamentais italianos, o comunicado declara que «durante

SELDEX SOCIEDADE DE EQUIPAMENTOS DE ESCRITÓRIO S.A.R.L.

 **Conta Infantil**
BANCO DO ALENTEJO

AUTO BOAVISTA, LDA.
R. da Boavista, 81-B • Telef. 66 91 41 / R. Ale



vasta área, têm um significado especial para o lisboeta: o Metro
lado?

O COMEÇO METROPOLITANO

tuar-se na Av. Rio de Janeiro (próximo da igreja). E isto porque passaria a servir uma zona de múltiplas actividades, pois ali existem dois liceus, uma escola comercial, um mercado, uma igreja e, ainda, uma zona industrial.

Não sabemos — é claro — se pormenores de ordem técnica determinaram a localização da estação na Av. da Igreja, ou, mesmo, se há a intenção de, num futuro mais ou menos próximo, construir uma estação mais de acordo a servir a zona fulcral de Alvalade.

Cremos, por outro lado, que, a prolongar-se o Metro até à Av. Rio de Janeiro (próximo da igreja), haveria uma separação mais nítida das duas linhas (Sete Rios — Entrecampos).

Como o intérprete, que julgamos ser, do pensamento de certo público — desse que todos os dias luta com a falta de transportes eficientes e se vê prejudicado nas suas actividades profissionais ou escolares — cabe-nos, pois, para além de sugerir, alertar quem de direito para a necessidade premente de dotar a cidade com uma rede de metropolitano condigna, mesmo

à custa de sacrifícios grandes. E isto porque há certos problemas que não podem esperar muito pela resolução, uma vez que, se isso acontecer, talvez cheguem a um ponto tal de onde dificilmente se poderá sair. Até porque em nenhuma cidade do Mundo se resolveram os problemas dos transportes colectivos tirando os lugares sentados dos «eléctricos»... Com paleativos não se prepara o futuro.



Aqui ficarão instalados os escritórios de uma das empreitadas

Dois novos «Milionários do Ar» da Força Aérea

Num restaurante de Lisboa reuniram-se oficiais e sargentos do Aeródromo Base n.º 1 (Portela de Sacavém), para prestar homenagem a dois novos «milionários do Ar» da Força Aérea Portuguesa (que completaram dez mil horas de voo), tenente-coronel piloto-aviador, José Lemos Ferreira e major piloto-aviador Fernando Aurélio Gouveia.

Presidiu o tenente-coronel piloto-aviador Francisco José Rosa, também «milionário do Ar» e comandante do A. B. n.º 1, que, ao entregar os distintivos aos dois oficiais, proferiu breves palavras, pondo em relevo a acção dos homenageados ao serviço da Força Aérea e do País.

CÂMARA CORPORATIVA

Na Câmara Corporativa, prosseguiram hoje os trabalhos de apreciação do projecto de decreto-lei sobre o regime jurídico do contrato individual de trabalho. Para o efeito, reuniu-se, sob a presidência do dr. Luís Supico Pinto, a respectiva secção permanente, com procuradores agregados. É relator do parecer o procurador-consultor Vaz Pinto.

Igualmente se reuniu, hoje, o conselho da presidência, que iniciou os trabalhos de apreciação do projecto de decreto-lei sobre o regime de fiscalização das sociedades anónimas.

DIALOGO TRANSITIVO

por Alberto Ferreira

Mário Castrim: — Se, como diz A. F., o homem nasce livre, eu proponho para já que se elimine o combate à sífilis...

Será o argumento de Castrim decisivo? Repararem que não questiono se ele tem ou não razão, se está ou não mais perto da verdade do que eu. O que questiono, o que pergunto, é se o argumento dissipa as dúvidas, se a réplica basta para afundar a minha tese nas caves da História. Lembra-me que um famoso filósofo grego, para refutar a interpretação parmenidiana do movimento, se passeava afubadamente em frente do interlocutor para lhe demonstrar a existência inequívoca do movimento. Ele andava, logo o móvel, que era ele, também andava. E andar seria mover-se e mover-se significaria ser o movimento realidade absolutamente comprovada. Porém, não se tratava de isso. As árvores cresciam tão lentamente que bem parecia estarem quietas para todo o sempre. As pedras do Partenon estavam lá tão seguras e sossegadas que tudo aquilo bem demonstrava estar parado. A terra era tão evidentemente plana que só um visionário se atreveria a dizer que era redonda. Moral da história: a evidência das percepções não basta para demonstração. Além das provas da experiência elementar, teremos de recorrer aos sistemas de interpretação científica. O dado imediato, o facto proveniente de uma intuição sensível, a conclusão extraída do correcto silogismo podem não ser verdadeiros. Tal significa, de modo largo que a mesa-redonda se não faz para termos razão mas para esclarecermos as nossas comuns perplexidades. Mais ainda: que os interlocutores têm de escutar generosamente aquele que se esforça por transmitir algo de válido. A situação social da nossa gente é aproximadamente esta: no tocante ao «ouve cá escuta tu agora»: enquanto o debitante de palavras e conceitos dá uso ao sistema glótico o «ouve cá depois falas» já não escuta nada do que o outro está dizendo. Para o seu interior, ou seja, para dentro da sua caixa de silogismos, vai organizando um discurso que é a continuação do que já pensava ontem e anteontem. Quer dizer: reforça o discurso do seu eu, das suas convicções, dos seus pressupostos.

Relativamente à objecção do companheiro Castrim, não acrescentei nada na altura, como se verá, ou viu, lendo a «mesa-redonda» de sexta-feira passada. Não era aquele o tema em discussão. Porém, o problema da

liberdade e determinismo tem importância de maior em nossos dias. Nasce ou não o homem dotado de liberdade? É ou não inerente à sua natureza psíquica o ser livre? Como alguns se recordam, abordei este assunto nos meus *Ensaio*s, foi também assunto em Rousseau, em Sartre, em Marx. É-o em Virgílio Ferreira. Está implícito em quase todo o ensaísmo actual. Precede e prepara o pensamento político contemporâneo. Inspira as praxis políticas de todos os grupos sociais, de estados, de sistemas. É tema de colóquio. É um tema de mesa-redonda.

Durante algum tempo aceitei que a vida de um homem dependia fundamentalmente (assim se dizia: fundamentalmente) de leis genéricas que o necessitavam sem remissão. O determinismo social atraía-nos como um tropismo. Com o rodar do tempo foi-se notando que tal ponto de vista continuava o discurso mecanicista, prolongava o positivismo de Littré, submetia-se às teses biologistas da escola inglesa, desde Darwin a Spencer. Repetia o marxismo endurecido de Georges (adoptemos a grafia francesa) Plekhanov. A tese tinha de ser «remeditada» à luz de uma concepção dialéctica, mesmo que se ficasse por Hegel, ou, indo mais longe, por Heraclito — o filósofo do sim e do não... Portanto, nem a liberdade total nem o total determinismo ou necessidade. O problema complicava-se na medida em que o conceito de acaso só em parte lograva entrar no quadro da lógica matemática.

Um momento: travo aqui o meu gosto de discutir. Torno ao introito. Antes de o nosso companheiro Castrim me interromper dissera eu:

...creio que o homem nasce dialécticamente livre, determinado, portanto por condicionalismos que lhe são exteriores e por outros que lhe são internos, mas toda a sua acção é subjugada por essa condição de liberdade substancial.

A formulação desta tese não implica a negação do que determina o homem, incluindo a «sua» sífilis. Mas implica, isso sim, que o homem é livre de vencer a sífilis e de tal modo que o combate à sífilis passe à categoria de assunto de antes de, ou seja, tema de mortos. E se para vivos for, corresponderá à instância científica da História.

Por enquanto, era isto que gostaria de objectar ao meu caro Mário Castrim.

O DIA DE AMANHÃ
NINGUÉM O VIU
UMA JÓIA É SEMPRE
UM VALOR
GRANDE OURIVESARIA
DA MODA
RUA DA PRATA, 257



Operações de Bolsa

BANCO DO ALENTEJO

PAPELARIA DA MODA

REABRE
DENTRO DE DIAS

Ford à frente em utilidade!

A Cortina Estate Car tem espaço para muitos miúdos.
Ou para muitas coisas.
1,2 m³ com o banco traseiro levantado;
2 m³ com o banco traseiro baixado.
E um motor de 1.600 c.c. E 5 portas.



Cortina Estate Car
5 portas - 3 lugares à frente



EM LISBOA

J. MENDES COELHO, LDA.

AUTO RALI, S. A. R. L. Av. Almirante Reis, 130-A - Telef. 4 18 32

R. Alexandre Herculano, 6-A - Telef. 4 61 47 / Av. Eng.º Frederico Ulrich - Telef. 28 05 37 - Cascais

A VISITA DE MARCELLO CAETANO AO BRASIL

(Continuação da 1.ª pág.)

— O chefe do Governo português saudou a bandeira e passou revista à guarda de honra.

Palavras de Marcello Caetano em Brasília

O Chefe do Governo português, ao chegar a Brasília, fez a seguinte declaração:

«Com a mais profunda emoção piso de novo terra brasileira. E de Brasília, capital federal e cidade pioneira do planalto, quero saudar o Brasil, ao qual trago o mais sincero testemunho de amizade, a mais calorosa expressão de homenagem, os mais vivos desejos do seu engrandecimento, porque tais são os sentimentos que animam o povo português para com a Nação irmã. Do outro lado do mar Atlântico contemplamos sempre o Brasil enlevados de admiração e daquele amor que se dedica a os que nos são queridos a quem nos sentimos ligados por vínculos indestrutíveis — os da tradição, da cultura e dos ideais.

Desejo, neste lugar e nesta hora, testemunhar em meu nome e no do Presidente da República Portuguesa que para tal me conferiu mandato expresso, o maior respeito ao Presidente da República do Brasil, Sua Excelência o Marechal Arthur da Costa e Silva, e prestar o tributo das homenagens mais deferentes ao cidadão que personifica as virtudes brasileiras, à figura pública que de há muito tem servido nobremente o seu país, ao homem de governo que, com patriotismo e devoção, soube assumir as responsabilidades supremas.

Convidado a visitar oficialmente o Brasil, foi com fútil que aceitei tão expressiva manifestação de apreço para com o povo português. No intuito de a agradecer procurei aproveitar a primeira oportunidade para fazer a viagem. Aqui estou. Pela primeira vez na história das relações entre os dois países, se deslocou ao Brasil o Chefe do Governo português, e com as responsabilidades do cargo quero afirmar que o meu Governo tudo fará pelo seu lado para consolidar quanto vincula os dois povos, para eliminar o que porventura possa não os unir, para aprofundar e ampliar o que ainda seja incipiente, para construir em comum o que for útil às duas nações. Manter e firmar os valores do passado e desenvolver e arcautelar os interesses do futuro será a garantia da expansão da Comunidade Luso-Brasileira cuja vitalidade e cujo mérito a todos nos incumbe o dever de demonstrar perante os ossos dos povos e perante o Mundo. Estou seguro de que as conversas que terrei com o Governo brasileiro constituirão um passo em frente no caminho traçado e que todos queremos prosseguir.

A quantos quiseram ter a bondade de vir aqui, e muito particularmente aos ilustres membros do Governo

Brasileiro e das autoridades de Brasília, quero dizer que creiam quanto me desvaneceu a sua gentileza, e penhoradamente lhes agradeço de todo o coração.

Terminada a cerimónia da recepção no aeroporto militar, o Presidente do Conselho seguiu para os aposentos que lhe estão reservados no Grande Hotel Nacional, construído pelo Estado.

Numa das salas da sobrelhoja do hotel fora montado, entretanto, um Centro de Imprensa destinado aos jornalistas portugueses que fazem a reportagem da visita de Marcello Caetano.

A CHEGADA A BELÉM

BELÉM, 8 — (A. N. I.) — Eram 5 horas locais (8 horas T.M.G. e 9 horas em Lisboa) quando para a prevista «escala técnica» aterrou no aeroporto internacional de Vale-de-Cans, que serve a cidade de Belém, capital do Estado do Pará, o avião dos T.A.P. que trouxe ao Brasil o prof. Marcello Caetano. O aparelho deteve-se na placa de estacionamento às 5 horas e 3 minutos.

Segundos depois de imobilizado o avião na pista, que estava profusamente iluminada, desceram pela porta traseira do aparelho os elementos dos órgãos de Informação encarregados da reportagem. Entretanto, ouviam-se os primeiros aplausos e o Chefe do Governo português assomava à porta da frente, sendo saudado da aerogare por gritos de «Viva Portugal», enquanto da mesma aerogare a multidão acenava com pequenas bandeiras verde-rubras e auri-verdes.

O prof. Marcello Caetano foi recebido, logo que desceu do avião, pelo cônsul de Portugal, dr. Francisco Manuel dos Reis Caldeira, que fez a apresentação das autoridades locais.

Depois os aplausos ouviram-se de novo quando, ao pisar terra brasileira, o prof. Marcello Caetano recebeu do governador Alacide Nunes o primeiro abraço do país irmão. Seguiram-se o prefeito de Belém, dr. Stélio de Mendonça Maroja, arcebispo metropolitano de Belém, D. Alberto Gaudêncio Ramos, comandante da 8.ª Região Militar, general Venitius Nazareth Lotare, comandante do 4.º Distrito Naval, almirante Cláudio Octávio Fernandes, presidente da Assembleia Legislativa do Pará, prof. Renato Franco, presidente da Câmara, dr. Ajax de Oliveira, e presidente do Tribunal de Justiça do Estado, desembargador Monteiro Lopes.

Apesar da hora matutina (o sol ainda não nascera) encontravam-se na aerogare muitas centenas de elementos da comunidade portuguesa do Pará, vindos não só da cidade de Belém,

situada a poucos quilómetros, mas também de outras localidades deste estado nordestino.

Na pista as honras militares foram prestadas ao Presidente do Conselho de Ministros de Portugal por uma força da Aeronáutica, da guarnição da base aérea anexa ao aeródromo internacional. Seguiram-se os cumprimentos dos representantes das várias agremiações de Belém, apresentados pelo comendador Alvaro de Magalhães Ribeiro, presidente do directório da Comunidade Portuguesa do Pará; Lisio dos Santos Capela, presidente do Grémio Literário Português, António Nunes Brito, da Associação de Socorros Mútuos «Vasco da Gama», José Nunes de Resende, da Beneficência Portuguesa do Pará, e Adelino Nunes Simão, do Centro Louriguense.

Saudação em Belém

Após o desembarque o prof. Marcello Caetano proferiu a seguinte saudação:

«As viagens oficiais têm as suas exigências. Estou em terra brasileira mas para todos os efeitos ainda não cheguei ao Brasil... Esta é a alvorada da minha visita que só começará depois de entrada a manhã. As conveniências dos horários permitiram que a escala técnica, indispensável para serem cumpridos exactamente, se fizesse em Belém. Pude corresponder assim aos desejos manifestados pela comunidade portuguesa do Pará e pelas ilustres autoridades do Estado no sentido de termos um breve encontro familiar. Mas não só. A paragem permite também que realize uma aspiração da minha infância. Em Lisboa eram amigos de meus pais vários portugueses estabelecidos ou regressados do Pará — então com transportes mais fáceis e frequentes para Portugal do que era para o Rio de Janeiro. Um deles, comerciante que, aliando as artes do negócio às belas-artistas, foi escritor e nessa qualidade se viu agraciado com o título de visconde — o visconde de Sanches de Frias — escreveu um livro que em menino li e reli deliciado. Chama-se «Uma Viagem pelo Amazonas». E desde então, toda esta imensa, misteriosa e fecunda região passou a fazer parte do meu mundo imaginativo. Desde então acalentava a ambição de ver com os meus olhos o que só a imaginação concebia. Pela imaginação conheci o rio portentoso, de grandeza e de força desmedidas; e a par da grandeza e da força a beleza do rio e o fascínio da floresta na rica variedade da sua vegetação e da sua fauna. Terra de sonho em si mesma e na tentação de sonho que desperta, estende-se bem como Francisco Caldeira Castelo Branco, naquele Natal de Seiscientos, em que partiu do Maranhão com o objectivo de expulsar os estrangeiros ambiciosos, ergueu o forte do Presépe à beira deste braço do rio que parece um mar, dando assim origem à cidade que tem a invocação de Nossa Senhora de Belém.

Parece haver, há com certeza, um significado transcendente nesta designação. Na longínqua Belém de Judá nasceu o menino que havia de trazer ao mundo a Boa Nova e deixar-nos por símbolo a cruz, que foi o estandarte erguido pelos descobridores no Porto Seguro. Projecção daquela, a Belém que domina em Lisboa a

praia do Restelo viu partir um dia os que alargaram os limites do mundo conhecido e fizeram nascer um ciclo novo na história da Humanidade. A terceira Belém foi esta, onde os portugueses, deslumbrados pela majestade do cenário natural, não tiveram outra ideia do que acolher-se à humildade franciscana do presépio, crentes de que o homem, para vencer tamanhos obstáculos da natureza, só poderia contar com a força do espírito, com o animo dado pela fé.

Dessa iniciativa modesta e crente nasceu a irradiação portuguesa e cristã pelas paragens da Amazônia que os missionários palmilharam na senda dos soldados e exploradores e que Francisco Xavier de Mendonça Furtado havia de encaixar de evocações de terras do reino distante: com que ternura se contemplam na carta esses novos povoados de Sor, Chaves, Portel, Almeirim, Porto de Mós, Santarém, Faro, Borba, Moura — eu sei lá!

Meus queridos amigos brasileiros e portugueses: ainda bem que passo rapidamente por aqui. Se eu começasse a tomar contacto mais demorado com a terra e com a gente de cá, desconfio bem que me arrancaria com dificuldade ao sortilégio da história, à sedução dos lugares e à bondade das pessoas.

Para mais, sei que o Estado do Pará e a sua capital não escaparam ao dinamismo que o progresso explosivo do Brasil tem determinado em toda a extensão do país. Sei que Belém é hoje uma grande cidade que honra os seus habitantes e as autoridades locais. Sei que tem muito para ver e admirar.

Se, todavia, o tempo de demora é escassíssimo para o homem curioso e aprendiz, basta para o Chefe do Governo português exprimir a sua mensagem de saudação às autoridades e ao povo do Pará, com um acesso especial aos portugueses nele integrados.

Para o Senhor Governador do Estado, vão, em primeiro lugar, as homenagens do reconhecimento do meu Governo pelas atenções que se dignou ter com os seus membros nesta viagem.

As ilustres autoridades de Belém ficam igualmente sendo credoras da nossa gratidão, tão pronto, tão espontâneo, tão generoso foi o apoio dado à ideia da paragem do avião na cidade e tão afável a sua participação neste acolhimento fraterno.

No povo, senhores, no povo não sei distinguir brasileiros e portugueses. Os portugueses para aqui vêm há tantas gerações e de tal maneira se acimatam e afeiçoam à terra que logo se confundem na população. Portugal, tenho-o dito mais de uma vez, orgulha-se das virtudes de seus filhos, que, saindo da Pátria, honram pelo trabalho, pela disciplina, pela honestidade o meio onde nasceram e se fizeram gente. Almejando o dia em que a terra portuguesa possa sustentar e proporcionar futuro a todos quantos nela vejam a luz, acompanhados com desvelo carinhoso os que procuram terras novas, mais largas espargos e horizontes desimpedidos para a aventura e a tentativa do êxito. Então só desejamos que não esqueçam a Mãe-Pátria e sejam no país que escolheram e os alberga bons elementos e bons exemplos.

Unidos aos portugueses de todo o Mundo, os portugue-

ses do Pará são parcela do grande corpo místico da Pátria. Mas a Pátria portuguesa tem no seu destino servir os destinos do Brasil. E é sobretudo através dos seus filhos que Portugal contribuirá para o futuro brasileiro — o promissor, o esplendoroso futuro do Brasil — continue fiéis às raízes espirituais mergulhadas na língua que foi de Camões mas é também de Machado de Assis e de Euclides da Cunha. Obrigado queridos amigos portugueses por serdes tão portugueses que amais o Brasil como os brasileiros!»

PASSEIO À CIDADE

Pouco depois o governador Alacide Nunes e o prefeito Stélio Maroja convidaram para um rápido passeio até à cidade, a cerca de vinte quilómetros, o Chefe do Governo português, os elementos da sua comitiva e ainda alguns jornalistas.

No decorrer do passeio, durante o qual se passou junto do monumento ao português Pedro Teixeira, grande desbravador da Amazônia, o prof. Marcello Caetano soube que se desajava aproveitar a sua presença para inaugurar simbolicamente a Avenida Pedro Álvares Cabral, que atravessa toda a cidade e vai até ao Cais do Porto, numa extensão superior a dez quilómetros. Começam agora os trabalhos de abertura desta artéria, que será uma das maiores da cidade. O pouco tempo destinado a esta paragem não permitiu,

porém, que se realizasse a projectada cerimónia.

Ao longo do breve passeio, enquanto o sol subia no horizonte com a rapidez característica dos trópicos, o prof. Marcello Caetano manifestou a sua admiração pela beleza da cidade, que se modernizou intensivamente nos últimos 25 anos e a que por vezes se chama a «Lisboa brasileira», tais a grandeza e o asseio das suas amplas avenidas.

MEDALHA DE OURO

De regresso do passeio, para o qual se percorreu a estrada militar que atravessa a base aérea, vinda da cidade de Icoaraci, antiga cidade de Pinheiro, foi entregue ao prof. Marcello Caetano a medalha de ouro comemorativa dos IV Jogos Desportivos Luso-Brasileiros, que principiam em Belém no próximo dia 19 e terminam no Rio de Janeiro a 3 de Agosto.

Por ultimo, o prof. Marcello Caetano despediu-se das entidades que o haviam aguardado à chegada, com excepção do governador Alacide Nunes, pessoalmente convidado pelo presidente Costa e Silva para a recepção em Brasília em honra do Chefe do Governo português.

Da escada do avião Marcello Caetano acenou mais uma vez, com os dois braços erguidos, a todos quantos o aclamavam na pista e na aerogare, enquanto se ouviam vivas ao Brasil e a Portugal.

Visita ministerial ao Laboratório de Engenharia Civil

Os ministros das Finanças e das Obras Públicas visitam amanhã, às 15 e 30, o Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

O Rotary Clube de Lisboa festejou o Dia dos Estados Unidos

O Rotary Clube de Lisboa dedicou a sua reunião de hoje ao Dia Nacional dos Estados Unidos, estando presente o adido comercial da Embaixada americana, em representação do respectivo embaixador.

Seguiu-se a exibição do filme «Viagens da Apolo 10».

Consultor da O.C.D.E. em Portugal

Ao abrigo do programa de assistência técnica da OCDE para 1969, encontra-se no Gabinete de Estudos e Planeamento da Acção Educativa (GEPAE), o dr. Carlos Carrasco Canals, director da Divisão dos Programas e Estudos do Ministério da Educação e da Ciência, de Espanha, e consultor daquele organismo internacional.

Durante um mês, o dr. Carlos Canals reúne-se com os técnicos do GEPAE para o estudo de critérios a adoptar na elaboração da carta escolar.

GOMES: transferência para o V. Setúbal

Concluíram-se esta manhã as negociações para a transferência da guarda-redes Gomes, do Belenenses para o Vitória de Setúbal.

O documento da desvinculação definitiva foi já entregue aos dirigentes setubalenses, sem que tivessem sido divulgadas as verbas despendidas com o respectivo contrato.

Também se espera a todo o instante que cheguem a bom termo as negociações entre o Belenenses e o S. P. de Braga para a cedência a este último, do avançado Fernando.

O dr. José Guimarães director interino do Centro de Estudos de Planeamento

Para exercer interinamente as funções de director do Centro de Estudos de Planeamento foi nomeado o dr. José Maria Caldeira de Sousa Guimarães. A nomeação é pelo tempo que durar o impedimento do dr. João Salgueiro, secretário de Estado do Planeamento Económico.

ARRASTADO PELO COMBOIO

ÉVORA, 8. — Quando pretendia subir para uma automotora, já em movimento, o sr. Manuel Nunes Ribeiro, casado, de 53 anos, factor da C. P., natural de Moncorvo e residente em Vila Viçosa, desequilibrou-se, caiu e foi arrastado pela composição. Conduzido ao Hospital da Misericórdia ficou internado, encontrando-se em estado grave.

Continua a ser grave o estado dos dois militares feridos no desastre em que morreram três milicianos

Continuam em estado de coma, no Hospital Militar da Estrela, os cabos milicianos srs. Narciso Godinho de Azevedo, do Porto, e Hermínio Jesus Trindade, que ontem à noite ficaram gravemente feridos em consequência de se ter despedido o carro em que seguiam, de Vendas Novas para Montijo.

Nesse desastre, devido ao rebentamento de um pneu, tiveram morte imediata os cabos milicianos, srs. Heitor Martinho Pereira e Julio Aldemiro Graça Simplicio e o furiel miliciano Arnaldo Pequito Silva, cujos corpos foram removidos para a casa mortuária de Montijo, onde foram autopsiados esta manhã.

OS EXAMES DOS ENSINOS LICEAL E TÉCNICO

2.ª chamada ENSINO TÉCNICO PROFISSIONAL Cursos de formação industrial (Excepto Formação Feminina)

Português

Texto

— Que alegria! Que alegria! Deixa-me ver-te bem! Pusera-lhe as mãos sobre os ombros, afastara-se ligeiramente e examinava-o de alto a baixo.

— Como te deste lá na tropa? Anda! Conta! Senta-te aqui.

Os dois sentaram-se no chão. E Horácio pôs-se a responder à pergunta do amigo. Os filhos do Peixoto tinham-se esquecido do lume que ardia sob a panela e seguiam todos os seus gestos. Horácio falou da vida familiar e de Lisboa, do que vira e do que passara. Por fim, o pai veio transitar para a vida na serra. Peixoto queixou-se do Inverno.

— Um tempo medonho! Já não sabia que dar de comer ao gado. Cheguei a arrendar, por quatro notas, um lameiro que não valia um pataco.

Sempre à espera de momento azado para expor a razão que o trouxera ali, Horácio aproveitou o primeiro silêncio que lhe pareceu propício.

— Pois é verdade... Eu queria falar a vossemecê...

Pelo seu tom de voz, Peixoto julgou ser caso para ficarem sôzinhos. E fez um gesto aos filhos.

— Não é assim coisa de segredo... — interveio Horácio.

Os garotos afastaram-se. Ao Marques, não quisera ele falar do seu casamento. Agora, a Manuel Peixoto, contava tudo, a ideia que tivera, o motivo por que adiava a boda.

— Eu queria ver se vossemecê pedia ao seu irmão para me meter numa fábrica... Naquela onde ele é mestre ou noutra qualquer...

— Numa fábrica? Na tua idade? — perguntou Peixoto, admirado. Logo, ao reparar na expressão dele, converteu-se: — Bom! Lá falar, falo. E podes ter a certeza de que, se ele não o fizer a mim, não o fará a mais ninguém. Mas isso não é coisa que se possa arranjar assim do pé para a mão. Se dependesse só do Mateus, estava bem; mas não depende. Há sempre muitos pedidos feitos ao patrão. Depois, com os anos que já tens... O que é que tu querias ser?

— Eu queria ser tecelão... — Ferreira de Castro — «A Lã e a Neve»

I

Interpretação

1 — Como depreendeu da leitura, o texto relata-nos um encontro amistoso e cordial, entre dois amigos, Peixoto e Horácio, após largos meses de ausência.

a) Que teria motivado essa ausência?

b) Porque é que Horácio se apressou a procurar o amigo?

c) Acha que depositava confiança nele? Justifique a resposta.

2 — Enquanto Peixoto falava do tempo e do gado, Horácio parecia distraído.

a) Porque?

b) Como deixou transpa-

recer a importância do assunto de que ia tratar?

3 — A certa altura, no decorrer da conversa, Peixoto mostrou-se surpreendido.

a) Teria razões para isso? Porque?

b) Então, porque dominou, quase repentinamente, a surpresa que o invadira? Que sentimento manifestou com essa atitude?

II

A palavra

1 — Repare nas frases seguintes:

«Os garotos afastaram-se».

«Agora, a Manuel Peixoto, contava tudo».

«...não o fará a mais ninguém».

a) Classifique morfológicamente os vocábulos em tipo de letra diferente.

b) Justifique a classificação que acaba de fazer.

2 — «Pusera-lhe as mãos sobre os ombros, afastara-se ligeiramente e examinava-o de alto a baixo».

Escreva de novo a frase transcrita, imaginando que as acções não foram ainda realizadas, mas vão realizar-se.

3 — Atente nos vocábulos: *medonho*, *vossemecê* e *sóznhos*.

a) Como os classifica quanto à formação?

b) Quais são os elementos que os formam?

III

A frase

1 — «E podes ter a certeza de que, se ele não o fizer a mim, não o fará a mais ninguém».

a) Escreva as afirmações contidas neste período.

b) Como classifica as orações obtidas?

c) Que função sintáctica desempenha a expressão: «a mais ninguém» na respectiva oração?

2 — «Deixa-me ver-te bem». «Senta-te aqui».

Em cada uma destas frases encontra-se um complemento circunstancial. Transcreva-os e classifique-os.

3 — «E podes ter a certeza de que, se ele não o fizer a mim, não o fará a mais ninguém».

Suponha que se lhe pedia que começasse a frase transcrita por: *Ele disse-lhe que...* Como a completaria?

EXAMES PARA AMANHÃ

ENSINO TÉCNICO

(9 de Julho — 4.ª-feira)

Cursos industriais

(2.ª chamada)

Matemática — 9 horas (90 minutos)

Cursos de formação comercial

(2.ª chamada)

Inglês — 11 horas (90 minutos)

Ciclo Preparatório

(2.ª chamada)

Língua, História e Pátria (9 horas)

Ciências Geográfico-Naturais (11 horas)

IV

Redacção

Horácio tinha uma aspiração que procurava realizar. Também o examinando já pensou, certamente, no seu futuro e nas muitas carreiras que se abrem diante de si. Terá de se decidir por uma delas. Qual?

É o que vai tentar dizer-nos, numa cuidada redacção, não se esquecendo de mencionar as razões que residiram à sua escolha.

Dê um título à sua redacção.

ENSINO LICEAL

2.º Ciclo 2.ª chamada

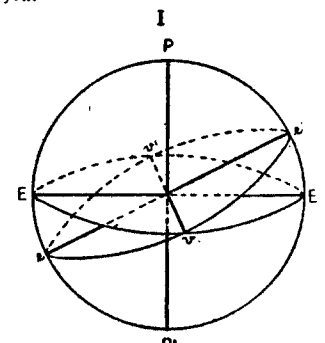
Prova escrita de Geografia

Tempo 1 h e 30 min.

Leia todo o ponto antes de principiar a escrever as respostas.

Deixe duas ou três linhas de intervalo entre cada resposta.

Procure fazer boa caligrafia.



A fig. 1 representa a esfera celeste com o Equador, o Eixo do Mundo e a projeção da órbita descrita pelo Sol no seu movimento anual aparente.

Após a sua observação, responda às seguintes perguntas:

1 — Como se denomina aquela órbita?

2 — Qual é a causa do referido movimento aparente?

3 — a) Dois dos pontos, indicados por letras minúsculas, denominam-se «pontos equinociais».

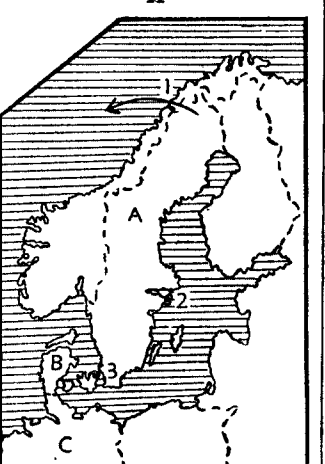
Quais são as letras que os assinalam?

b) Que característica os distingue dos outros pontos da mesma órbita em relação às estações do ano?

4 — a) Represente, no seu papel de prova, a Terra, com os seus círculos fundamentais (Equador, trópicos e círculos polares) e os raios solares que nela incidem, no dia 21 de Dezembro.

b) Quais são, naquela data, os lugares onde o dia é maior do que a noite?

II



A fig. 2 representa uma região europeia de características geográficas bem definidas.

Observe-a com atenção e responda:

1 — Como se denomina cada um dos países assinalados por letras A, B, C?

2 — A seta, na figura, refere-se a um importante movimento comercial, que estuda

a) Qual é o produto movimentado?

b) Considerando a sua proveniência, poder-se-ia pensar na utilização do mar Báltico para o seu escoamento. Que razões dificultam a utilização permanente do referido mar?

3 — A actividade marítima é, sem dúvida, a mais importante no panorama económico da Noruega.

Que razões terão dificultado um maior desenvolvimento de outras actividades?

4 — Compare, sob o ponto de vista climático, a Noruega com o país que com ela confina, a oriente (letra A).

III

Por virtude dos vários tipos de clima que se observam na «África Ocidental» do litoral para o interior, estudou nessa região, diversas zonas de vegetação.

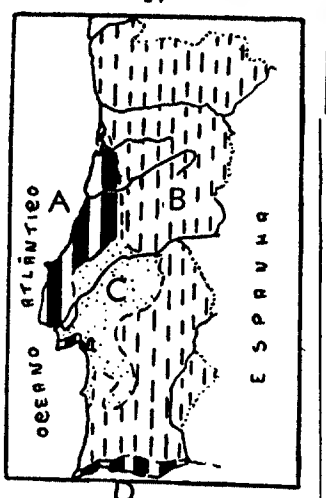
1 — Mencione o nome de cada uma delas.

2 — Quais são os tipos climáticos que condicionam o aparecimento de diferentes zonas de vegetação?

3 — Indique o nome de duas culturas características da zona litoral.

4 — Cite dois países da África Ocidental de sub-solo rico, referindo, a propósito de cada um, um produto derivado da sua exploração.

IV



A figura apresenta a planta da posição relativa dos modelos:

A e B — tijolos

C — copos.

3 — Indique duas culturas tropicais de grande desenvolvimento nesta Província.

ENSINO LICEAL

2.º ciclo 2.ª chamada

Prova escrita de Desenho

DESENHO A VISTA

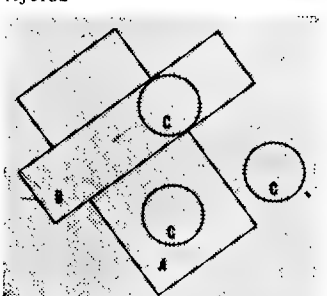
Para ser escrito no quadro preto e lido em voz alta no início de cada prova.

Faça um desenho do conjunto exposto, observando e relacionando os elementos e usando os meios e a técnica que considerar mais convenientes para que o seu trabalho resulte agradável.

Instruções confidenciais para a realização da prova:

Colocar sobre um suporte situado um pouco abaixo da linha do horizonte, o conjunto constituído pelos seguintes elementos:

Dois tijolos (de preferência de 6 furos) colocados um em cima do outro, de lados maiores perpendiculares entre si e três copos situados em planos diferentes — ao nível do suporte e sobre cada um dos tijolos.



A figura apresenta a planta da posição relativa dos modelos:

A e B — tijolos

C — copos.

ENSINO TÉCNICO

PROFISSIONAL

2.ª chamada

Cursos de formação

comercial

Francês

TEXTE

LE GRAND PILOTE

Mermoz essaye une sorte de vol qui, en 1928, paraissait à cette époque l'idée d'un vol de nuit?

2 — Quel sentiment ont éprouvé les amis de Mermoz devant sa décision de voler pendant la nuit?

3 — L'un d'eux a tout fait pour lui enlever une aussi dangereuse idée. Que pouvait-il lui dire?

Pendant le voyage:

4 — Quels terribles dangers ont surgi pendant celui-ci?

5 — De quelles qualités fait preuve le héros de notre récit?

Après l'arrivée:

6 — Bien sûr, vous admirez Mermoz et son équipage. Mais pourquoi on ne peut non plus oublier le journaliste qui les a accompagnés?

7 — Mermoz reste modeste dans la victoire. Comment le savez-vous?

EN 1969

8 — Est-il vrai qu'aujourd'hui la science réalise les rêves les plus audacieux de l'homme? Qu'est-ce qui nous le prouve?

Il vous a écrit en donnant tous les détails — l'heure (laquelle?), le jour (lequel?) et l'endroit de son arrivée — peut-être l'aéroport...

Vous n'avez pas la possibilité d'y aller. Alors, vous demandez à votre frère de vous remplacer et pour qu'il le reconnoisse vous lui faites son portrait physique.

Le voilà.

— Ensemble, vous allez visiter votre ville ou votre village. Vous serez le guide et

(Continua na 22.ª página)

VOTRE COMPOSITION

Un ami étranger (comment s'appelle-t-il?, d'où vient-il?) accepte votre invitation de passer quelques jours chez vous.

Il vous a écrit en donnant tous les détails — l'heure (laquelle?), le jour (lequel?) et l'endroit de son arrivée — peut-être l'aéroport...

Vous n'avez pas la possibilité d'y aller. Alors, vous demandez à votre frère de vous remplacer et pour qu'il le reconnoisse vous lui faites son portrait physique.

Le voilà.

— Ensemble, vous allez visiter votre ville ou votre village. Vous serez le guide et

(Continua na 22.ª página)

EXTERNATO S. CRISTÓVÃO

Rua Emília das Neves, 3 — BENFICA

AMBOS OS SEXOS
SEMI-INTERNATO

PRIMÁRIO
INFANTIL

MÚSICA — INGLÊS — GINÁSTICA — JUDO — BALLET

SÁ DE MIRANDA

EXTERNATO LICEAL E PRIMÁRIO

RUA ALEXANDRE BRAGA, 17 — TELS. 45310 E 537532

LICEU-INSTITUTOS

1.º, 2.º E 3.º CICLOS

2.º CICLO POR SEC. E DISCIPLINAS

CURSOS DE LÍNGUAS

Francês ★ Inglês ★ Alemão

● Escola São Vicente:

— Rua do Paraíso, 28 — T. 86 59 04

● Externato Marquês de Pombal:

— Rua Carrilho Videira, 10 — T. 83 46 58

— Rua Edith Cavel, 8-1. — T. 82 02 21

CURSOS DE FÉRIAS

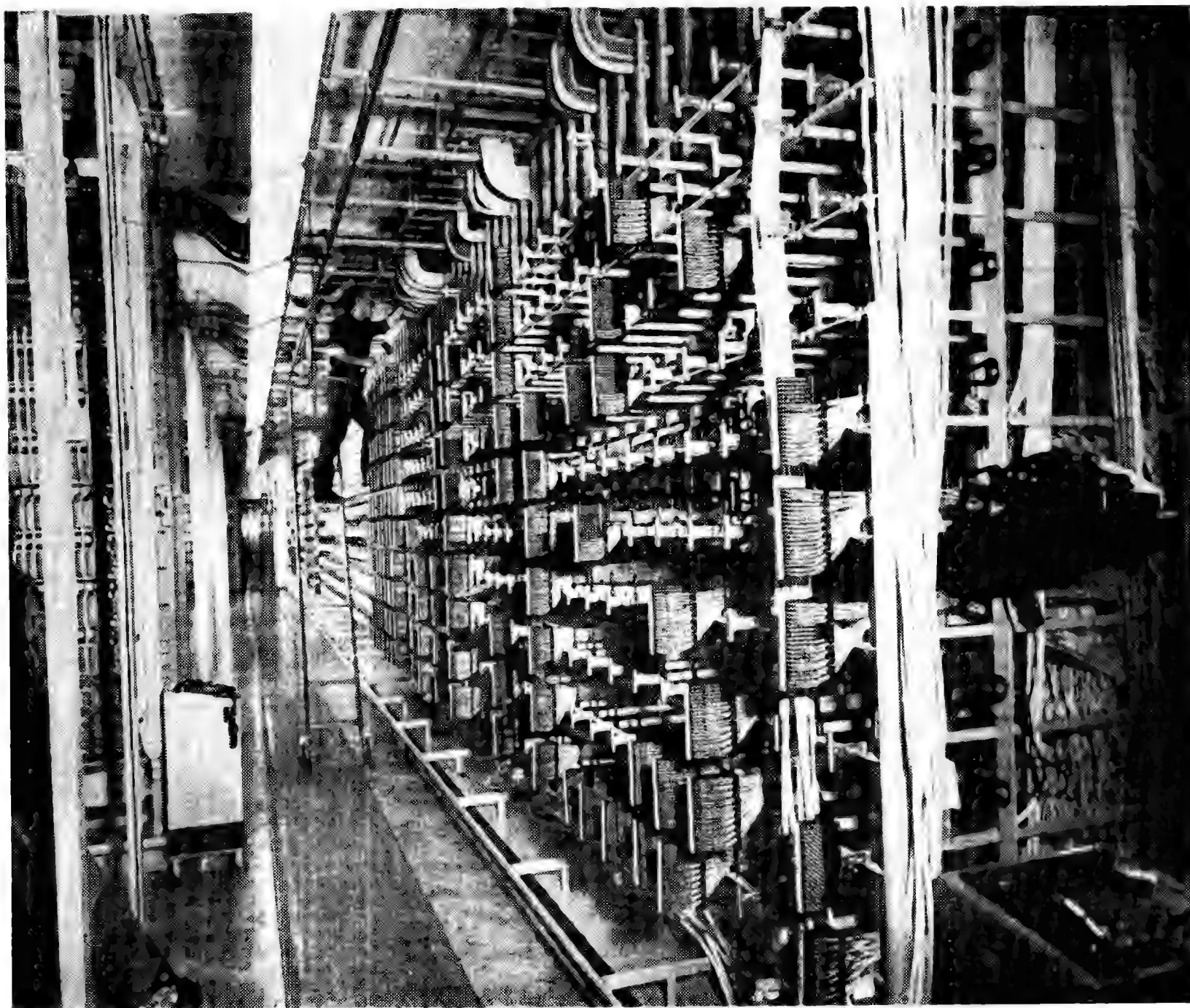
Julho, Agosto e Setembro



EMIÇÃO DE 125.000 OBRIGAÇÕES DE 1.000\$ CADA

JURO 5 $\frac{3}{4}$ %

**ISENTO DOS IMPOSTOS DE CAPITAIS, COMPLEMENTAR E DO SELO
AMORTIZAÇÃO EM 10 ANOS A PARTIR DO 2.º ANO**



SUBSCRIÇÃO ABERTA DE 9 A 16 DE JULHO
EM

Caixa Geral de Depósitos
Banco Espírito Santo & Comercial de Lisboa
Banco Fonsecas & Burnay
Banco Lisboa & Açores
Banco Pinto & Sotto Mayor
Banco Português do Atlântico
Banco Totta-Aliança

Montepio Geral
Banco Borges & Irmão
Banco de Fomento Nacional
Banco Nacional Ultramarino
Banco da Agricultura
Banco do Alentejo
Banco de Angola

Banco Pinto de Magalhães, Lda.
Crédit Franco-Portugais
Bank of London & South America
Almeida Basto & Piombino
Augustine, Reis, & C.
C.ª Geral de Crédito Predial Português
Pancada, Moraes & C.

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

SE BEM ME LEMBRO...

O PROF. DR. VITORINO NEMÉSIO surge pelas 20 e 40 nos pequenos «écrans» para apresentação de mais um número da sua rubrica «Se bem me lembro».

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — As 19 e 30: Telejornal; 9 e 50: Expedição; 20 e 15: TV Social; 20 e 40: Se Bem Me Lembro, pelo prof. dr. Vitorino Nemésio; 21: Telejornal; 21 e 35: Folhetim — Sebastião Entre os Homens; 22 e 05: Cinema Sem Estrelas; 22 e 35: Big Valley; 23 e 35: A Marcha do Mundo; 23 e 50: Meditação e Fecho.

II Programa — As 21: Telejornal; 21 e 30: Viagens Sem Passaporte; 21 e 55: Concerto para Jovens; 22 e 50: Crónica; 23 e 05: «Hollywood Playhouse»; 23 e 30: Fecho.

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — I Programa — As 19: Abertura, 19 e 2: Desenhos animados; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Programa Feminino; 20 e 15: Vamos Jogar no Totobola; 20 e 30: Portugal de Hoje; 21: Telejornal; 21 e 35: Museu do Cinema; 21 e 55: Variedades — «Riso e Ritmo», com Florbela Queiroz, Ada de Castro, Alex, Rute, Ballet R. B. Dancers, Conjunto Sem Nome, Orquestra de Joaquim Luis Gomes, Henrique Viana, José Manuel, Elvira Pais, Maria Tavares e Nina Flores; 22 e 55: Get Smart; 23 e 25: A Marcha do Mundo; 23 e 45: Meditação e Fecho.

II Programa — As 21: Telejornal; 21 e 30: Folhetim — «David Copperfield»; 21 e 55: Se me lembro, pelo prof. dr. Vitorino Nemésio; 22 e 10: «Girl From Uncle»; 23 e 5: TV Clube, com Joan Manuel Serrat; 23 e 30: Fecho.

TUDOR

PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — As 16: Noticiário; 16 e 30: Roteiro Musical Português; 17: Ginástica de Pousa, pelo dr. Marques Pereira; 18 e 10: As Grandes Figuras do Mundo Português, pelo dr. Caldeira Pais; 18 e 40: Jovens Académicos; 19 e 45: Rádio Rural — Música de Música; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Um Solista... Uma Orquestra; 20 e 35: 31.º Episódio do Folhetim «A Loja de Antiguidades»; 21 e 30: Música Ligeira; 21 e 40: Tempo de Jazz, por Raul Calado; 22 e 10: Espectáculo, magazine de Teatro Cinema e Bailado; 22 e 30: Fados, por Saudade dos Santos; 22 e 30: A Orquestra Bert Koempfert; 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — As 15 e 36: Música Sinfónica; 16 e 27: Música de Câmara; 17: Discos Raros — Interpretações da pianista Myra Hess — Obras de Beethoven, Rachmaninoff, Paradies, Bach, Brahms, Debussy e Szimanowsky; 17 e 35: Perspectivas da Obra de Lilli Boulanger (1893/1918); 18 e 30: Rádio Educativo (Auditório Juvenil); 19: Horizonte Literário, por Amândio Cesar e Mário António; 19 e 15: Música de Câmara; 20: Diário Sonoro; 20 e 30: Noite de Teatro: «Belkiss» de Eugénio de Castro em adaptação de Leopoldo de Araújo; 21 e 50: Sonata em Lá Maior (Schubert)—piano: Rudolf Serkin; 22 e 32: Sinfonia N.º 4 em lá maior op. 53 (Roussel) — Orquestra da Sociedade de Concertos do Conservatório de Paris dirigida por André Cluytens; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 16: Fecho.

2.º Programa (Cultural MF 2) — 94,3 mc/s. — As 23: Música Portuguesa; 23 e 45: Música de Bailado; 0 h.: O barítono Heinrich Schlusnus; 0 e 15: Ciclo «A Sonata» «Os Mestres de Viena»; 1: Fecho.

As 19 e 10: Rádio Universidade — 451 m — 665 kc/s.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s. — As 16: Programa

C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento riscado; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: No mundo acontece; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20: Nota de Abertura e Noticiário; 20 e 07: Musicalmente quase tudo; 20 e 30: Jornal dos espetáculos; 20 e 45: Eles cantam para si; 21 e 03: Hora Alemã; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Música tradicional e palestra religiosa; 23 e 22: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s. — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa 66-G6; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda Sonora; 2: FM-67 e Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s. — As 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Robbillac; 19 e 35: Rádio Placard; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 02: Orquestra; 21 e 15: 56-Rádio; 21 e 30: Música para meditar; 21 e 45: Mundo Rádio; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Jazz; 22 e 30: Presença Coimbra; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s. — As 16: Radiograma; 18: Cortaz musical da Europa; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditação; 21: Variedades; 21 e 30: Fados de Coimbra; 21 e 45: Ritos em contraste; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s. — 94,4 mc/s. — **Rádio Peninsular** — Das 7 às 8 e dos 19 e 30 às 22; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 12 às 14 e 30 e dos 17 às 19 e 30; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 8 às 10 e das 14 e 30 às 17; **Rádio Graça** — Das 10 às 12 e das

TV SOCIAL

ESTE PROGRAMA da Junta da Acção Social a apresentar pelas 20 e 15, será preenchido por um documentário sobre a expansão da construção civil.

A anteceder este documentário Manuel Gama fará alguns comentários sob a valorização profissional na construção civil.

O GRANDE VALE

PELAS 22 e 35, a anteceder a Marcha do Mundo, será exibido o episódio filmado «Um caso de azar» da série do Oeste americano «O Grande Vale». São intérpretes:

Richard Long, Peter Buck, Le Majors, Linda Evans e Barbara Stau-myck. A realização é de Arnold Loren.

No Rancho dos Barkleys apareceu um rapaz que diz ser amigo do Heath. Na realidade, trata-se de um homem que este odeia há anos e que prometeu liquidar quando o encontrasse.



2.º PROGRAMA

CERCA DAS 21 e 30, depois da edição da noite do telejornal, será apresentada a rubrica «Viagens sem Passaporte», seguindo-se o Concerto para Jovens, série apresentada pelo famoso compositor Leonard Bernstein.

As 22 e 50, Crónica e depois o episódio filmado «Não se recorda», da série «Hollywood Playhouse» com Simone Signoret e Lee Marvin nos principais papéis. A realização é de Herslef Daugherty.

Temos que numa noite de tempestade surge num hotel de 3.ª categoria uma estranha visitante com uma missão de vingança...

SEBASTIÃO ENTRE OS HOMENS

A EMISSÃO DE HOJE assinala o termo do folhetim «Sebastião entre os Homens», cuja exibição do último episódio começará a ser transmitida a partir das 21 e 35.

O pequeno Heidi foi o «herói» desta produção francesa que entusiasmou os telespectadores.

canal da crítica

FINALMENTE, TEM A PALAVRA A POESIA?

A poesia faz falta na Televisão portuguesa. Talvez a poesia seja, mais ainda do que a escultura e a música, a arte mais televisiva. É, por outro lado, a arte mais representativa do nosso povo, pelo que, por acréscimo, mais se estranha que ela ande tão afastada dos nossos televisores.

Alguma de tanta rede vai passar a mitigar-se com a rubrica «Imagens da Poesia Europeia», em apresentação e à responsabilidade de David Mourão-Ferreira.

Parece que em tempos chegou a ventilar-se a possibilidade de uma rubrica de poesia na Televisão a cargo de France de Vasconcelos. Facilmente se imagina, pois, com que alívio vimos ali, à nossa frente, alguém do ofício, alguém que em relação à poesia pode considerar-se honrosamente «amador» na aceção de que a ama e gosta de a ver amada por um número cada vez mais elevado de pessoas.

Ontem, David Mourão-Ferreira deu-se ao trabalho de apresentar a rubrica, de pôr as cartas na mesa: o trunfo vai ser divulgação, mas sem concessões.

Evidentemente que corre muitos riscos quem pretende cozinhar para estômagos débeis. Acredito que há em Portugal um público receptivo à Poesia, embora ponha reservas à extensão da camada popular capaz de ouvir «falar de poesia». Numa rubrica de poesia não são as imagens visuais que devem prevalecer, mas sim os rostos dos próprios poemas. Sobre o espaço que estes vão ocupar na rubrica, nada nos foi dito — mas em breve, na prática, o saberemos.

Esperamos que David Mourão-Ferreira venha a encontrar o tom certo de conversa, de convívio, a utilizar. Aquele que empregou ontem não me parece

vor do público, ou seja, «de pessoa» a conquistar naquele momento.

Agora, tenha a palavra a poesia. Não é sem tempo, palavra de honra!

ZIP-ZIPOIS ENTÃO

Ao longo do melhor de duas horas «Zip-Zip» procedeu, uma vez mais, à tarefa de ressuscitar os velhos serões familiares — com tudo o que neles há de amor pela convivência, de sabor da recordação, da história, da descrição do momento vivido. E também da representação, do mostrar das prendas, e daquela obrigação de fazer cada qual aquilo que sabe.

Certas intervenções como a de Nuno Filipe, de Denis Cintra, do conjunto intérprete de espirituais negros, para além da indiscutível dignidade de que se revestem, valem sobretudo como exemplo social de amor a alguma coisa essencial a que podem chamar comunicação, se quiserem, ou,

se preferirem, podem chamar arte.

Por outro lado, à beira da simplicidade, quase sempre morou o olhar sério para a vida. Isso aconteceu com o fenómeno de incitamento à convivência que se chama António Vitorino de Almeida (imaginem!, não deixei nunca mais de pensar num «concerto para jovens» dirigido por ele. Pensem nisso!) ao recordar as obras de Lopes-Graça e de Joly Braga Santos; com António de Macedo ao enunciar («devagarinho...») como aconselhou Solnado) as dificuldades do cinema em Portugal, ao defender a dobra-gem de certos filmes, ao recordar como o Grémio dificulta a abertura de novas salas e as razões por que o faz; com Amélia Rey-Colação ao queixar-se de que o público a abandonou: «No último espectáculo de «O segundo tiro» a receita na bilheteira foi de 275\$00...»; com essa extraordinária intuição artística que se chama António dos Santos e cujo maior

(Continua na página seguinte)

APARTAMENTOS E LOTES PARA MORADIAS OU PRÉDIOS DE RENDIMENTO EM CASCAIS

Apartamentos no centro de Cascais, junto da Praia, centro Comercial e Estação.

Lotês nos melhores sítios de Cascais; MADORNA-PAREDE; Tires, Murches, etc., em urbanizações com água, luz, esgotos e bem servidos de transportes colectivos.

O Proprietário: JOAQUIM BARAONA

Estrada Marginal, Lote JME-2.º C.
(por cima do Supermercado)
Telefs: 282345 — 282388

CASCAIS

3.000 CLIENTES

NA COMPRA DE PROPRIEDADES
CONSTRUÍDAS, VENDIDAS E ADMINISTRADAS
POR UMA EMPRESA INDUSTRIAL,
ATESTAM A CAPACIDADE E HONESTIDADE DA ORGANIZAÇÃO

J. PIMENTA, S. A. R. L.

190 CONTOS rendem-lhe 1.187\$50 Mensais,
garantidos por escritura pública durante 6 e até 18 anos.
Administrando directamente pode obter um RENDIMENTO MENSAL DE 1.437\$50 (SUPERIOR A 9%).

EM LISBOA — Rua do Conde Redondo, 53, 4.º Esq. — Telef. 45843-47843 • EM QUELUZ — Rua de D. Maria I, 30
— Telef. 952021-952022 • EM REBOLEIRA — Amadora — Serviço Permanente — Telef. 933670

ESTALEIROS E OBRAS EM:
AMADORA, REBOLEIRA, VENDA NOVA, PAÇO DE ARCOS, ESPARGAL, PAREDE, CASCAIS E LISBOA
Brevemente: QUELUZ
COMUNICADO
Esta organização comunica que pôs à venda em Cascais, MORADIAS, ANDARES
E APARTAMENTOS MOBILADOS

Fusão da Erwin Wasey, com a Pritchard Wood na Inglaterra

Duas importantes agências de publicidade inglesas, a Erwin Wasey e a Pritchard Wood and Partners, ambas filiadas no Grupo Interpublic, acabam de anunciar a sua fusão.

Fazendo parte da cadeia Internacional Quadrant — uma das cadeias de agências do Grupo Interpublic — sob a denominação Wasey, Pritchard Wood and Partners, a nova companhia ocupa desde já o terceiro lugar entre as agências britânicas.

O seu presidente, D. A. Reader, fez notar, a propósito da fusão: «Permitirá um reforço das estruturas da agência — cujo renome, na área de criação, é amplamente reconhecido — de modo a prestar serviços, realmente internacionais, à sua clientela, onde se destacam firmas como Boots, British Leyland, Cadbury, Carnation, Fisons, Gallagher, Hoover, ICI, International Wool Secretariat, Littlewoods, New Zealand Lamb, Philips Electrical, Pilkington, Unilever».

Vale a pena recordar que, estabelecida em 1966, a cadeia Quadrant já opera nos seguintes países: África do Sul, Alemanha, Áustria, Brasil, Canadá, Finlândia, França, Inglaterra, Suécia.

Fotografia do Mar

Dado o êxito alcançado em Lisboa, a Federação Portuguesa de Actividades Submarinas promoveu a exposição, no Porto, do I Salão Internacional de Fotografia do Mar.

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior) casamentos através da qual mercê do «fermento Solnado» se desmistificou a cerimónia... A realização evoluiu para

o esclarecimento da linguagem televisiva. Luís Andrade aproveitou — e bem — as possibilidades expressivas de um António Santos e de um Vitorino de Almeida. Aconteceu um mais intencional aproveitamento das imagens tomadas do público — com o senão de abusar pesadamente de João Lourenço e Irene Cruz.

As entrevistas são agora conduzidas visivelmente segundo um plano. Os barcos não vão à deriva, muito embora se notem desfasamentos e por vezes certa incapacidade para extrair dos factos as lições que comportam. No caso de Amélia Rey-Colaço tornou-se evidente uma respectiva submissão, aí onde importava determinar se foi o público quem abandonou o «D. Maria», se foi este que abandonou o público; se a fuga deste se verificara só em relação a «O segundo tiro» ou se já houvera fortíssimos indícios antes; se a atitude do público, frente ao teatro de Amélia Rey-Colaço devia considerar-se em função de um caso ou em função de uma determinada maneira global de encarar o teatro. Nada disso se fez — e assim ficou em lamentoso o que devia ficar em esclarecimento.

Mantém-se, pois, vitoriosamente inalterável o interesse do público pelo «Zip-Zip». Mais do que o êxito de quatro indivíduos, o público telespectador acredita que a maior parte do êxito lhe pertence a ele próprio, público. Não se engana.

MÁRIO CASTRIM

No MONTIJO o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na Tabacaria Moderna, Rua Almirante Candido dos Reis, 6.

CONCURSO PARA ASSISTENTE DE FÍSICA

Na secretaria da Faculdade de Ciências de Lisboa, recebem-se, até ao dia 25, declarações de candidatura para o lugar de segundo-assistente, além do quadro, do Grupo de Física.

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

ANTÓNIO MOURA, LIMITADA

Representantes dos relógios

OMEGA e TISSOT

Previnem os seus estimados clientes de que, para férias do seu pessoal, encerram os seus escritórios na Rua Tomás Ribeiro, 45-2º, de 12 a 28 de Julho próximo. Porém, nos seus Departamentos de Assistência Técnica, na Praça da Figueira, 4-1º, em Lisboa, e na Avenida dos Aliados, 214-1º, no Porto, essa assistência continua a prestar-se normalmente, não só aos relógios das marcas acima indicadas, como também aos das marcas AUREUS, VIERGINES, ZINAL, Despertadores SWIZA e JAZ.

REFERIDO PELO DESPORTISTA
100% impermeável debaixo de água



RELÓGIO SUIÇO

CAUNY

MELHOR QUALIDADE MAIOR EXACTIDÃO

QUALIDADE ESTILO VALOR

EMERSON

FRIGORÍFICOS DE LUXO
A PREÇOS NORMAIS

à venda nas casas especializadas
distribuidores: EST. M. SIMÕES JR., S.A.R.L.
43, RUA DOS DOURADORES, TELEF. 361763 LISBOA

AUTOMOTORA ESPECIAL

A C. P. organiza semanalmente, até aviso em contrário, uma automotora especial de Vila Real de Santo António-Guadiana a Barreiro, e volta, em ligação com as carreiras normais entre Barreiro e Lisboa (Terreiro do Paço), com o seguinte

HORARIO		VOLTA	
IDA		Sábados	Domingos
12.00 P.	Vila Real de Santo António-Guadiana	C. 5.41	
12.11 P.	Vila Real de Santo António	C. 5.37	
12.34 P.	Tavira	C. 5.15	
12.51 P.	Olhão	C. 4.59	
13.00 P.	Faro	C. 4.48	
13.36 P.	Tunes	C. 4.17	
16.55 C.	Setúbal	P. 0.59	
17.25 C.	Barreiro	P. 0.35	
18.10 C.	Lisboa (Terreiro do Paço)	P. 23.50	

PREÇOS
— De Vila Real de Santo António — Guadiana até Olhão a Lisboa, e volta 120\$00
— De Faro e Tunes a Lisboa, e volta 110\$00
Bilhetes à venda nas estações de Vila Real de Santo António-Guadiana, Vila Real de Santo António, Tavira, Olhão, Faro e Tunes.

morphy-richards

MANTENDO PRESTÍGIO ACERCA
DE 25 ANOS EM PORTUGAL.

senior

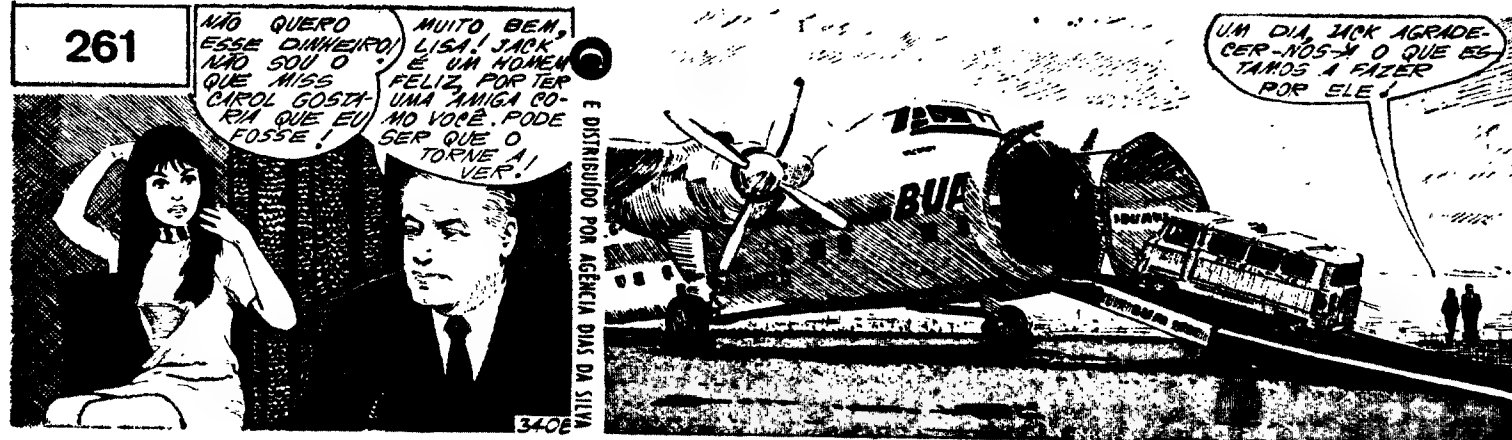


soc. de rep. SIDA SUECA, Lda. R. de S. Nicolau - 44, 4B

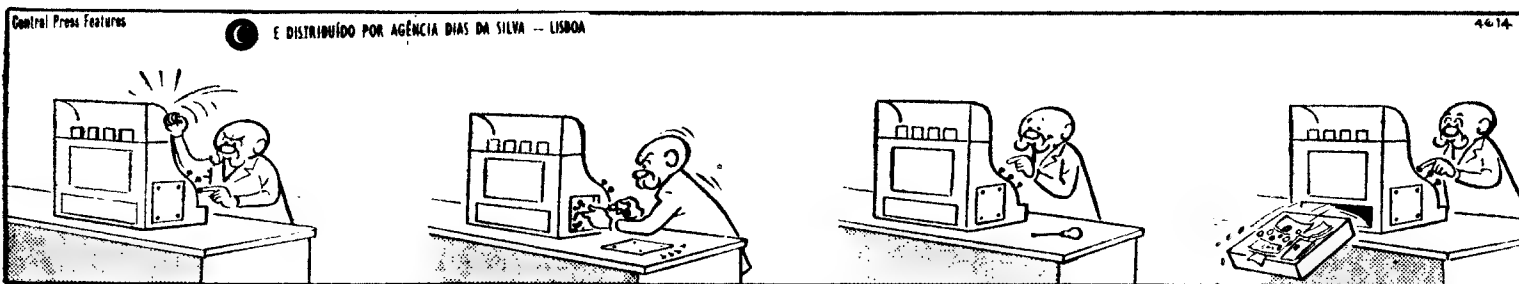
Os Peanuts



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 8 de Julho de 1939 publicava:

«BERLIM, 8 — Foi declarada zona proibida para a aviação a zona de Berchtesgaden, numa área de 116 quilómetros quadrados. As autoridades explicam que se pretende assim evitar o ruído dos aeroplanos ao Fuhrer, quando ele ali se encontra.»

APERITIVO 115

(LICOR)
Pedir pelo telefone 67 99 65
Rua Poço dos Negros, 147
LISBOA

Sociedade «ESTORIL»

Concurso para exploração do Pavilhão de Vendas da Estação de Santos

- Até às 16 horas de 11 de Julho de 1969, aceitam-se propostas para a exploração por 5 anos com opção nos seguintes, deste Pavilhão destinado a tabacaria, hotel e artigos similares.
- A adjudicação será feita por contrato cuja minuta está da 8 às 14 horas, na Consigne, Cais do Sodré

AUTOMÓVEIS
S/ CONDUTOR
AUTO ESTRELA

Os melhores preços
Av. João Crisóstomo, 65-A
Telefs. 534331 - 561394
LISBOA

Palavras cruzadas

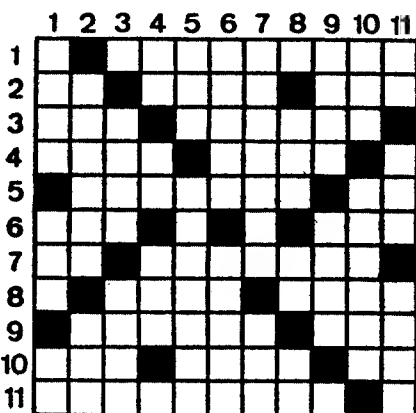
(COM PROVERBIO)

PROBLEMA N.º 5230

HORIZONTAIS: 1 — Aconselha 2 — Artigo indefinido 3 — Ilha do mar da China 4 — O. de Macau 5 — Suspiros 6 — Aqu. está. Enlaçada 7 — Extremidades dos braços 8 — De alta prego 9 — Tiro 10 — Pedra de moinho 11 — Pronome pessoal Possuir 12 — Pertences 13 — Vasos de vidro, de boca estreita, para líquidos 14 — Mais mal 15 — Prender com eles 16 — Aquisição 17 — Milho torrado que se reduz a pó temperado com azeite de cheiro e mel de abelhas 18 — Bilis 19 — Metal precioso de cor amarela 20 — Prata (s. q.) 21 — Misturamos

VERTICAIS: 1 — Aquele que Caminha para cá 2 — Nota musical 3 — Mias 4 — Um cento 5 — Estais 6 — Cidade da Jugoslávia 7 — Artigo definido (ant.) 8 — Abreviatura de Santíssimo 9 — Termo 10 — Óxido de cálcio 11 — Variedade de granodada-boémia tipicamente de cor sanguínea, que 6 pedra preciosa (pt.) 12 — Escuro 13 — Sai frequentemente à rua 14 — Importunador 15 — Armário (abrev.) 16 — Cincho 17 — Cério (s. q.) 18 — O sono das crianças 19 — Flutuo 20 — Logro (pop.) 21 — Distrito da Índia Portuguesa 22 — Mensalidade 23 — Campeão 24 — Tempo do verbo ir 25 — Suplica

Resolva completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.



HORIZONTAIS: 1 — Br. Maria 2 — Cá 3 — Rer. NAO. Mac. 4 — Imãs 5 — Sina 6 — Namoramentos 7 — Cia. Eme. Ara. 8 — Assam 9 — Coral 10 — Anilura 11 — Arumã 12 — Cem 13 — Ana 14 — BOM 15 — Om. Crera 16 — Ni 17 — Mima 18 — Atum 19 — Reais 20 — Temi 21 — Ramosa 22 — O 23 — Sô 24 — Ana 25 — CM 26 — An. Remirara 27 — Falam 28 — LUME 29 — Io 30 — Recamara 31 — Se 32 — Ora 33 — At 34 — 9 35 — Mimara 36 — 10 37 — Canora 38 — Bona 39 — 11 40 — Acaale 41 — Mim

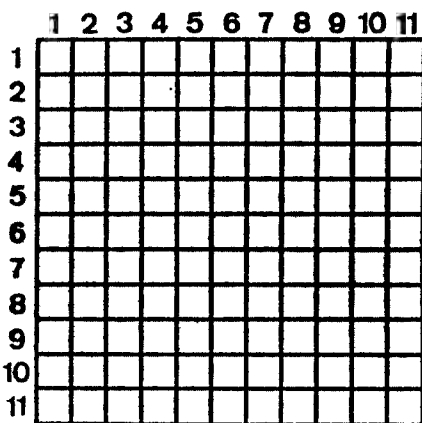
Provérbio: NÃO É BOM BRINCAR COM O LUME.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9073

HORIZONTAIS: 1 — Reis 2 — Alimento de gado 3 — Crómio (s. q.) 4 — Aqu. está. Pertida 5 — Vou para fora 6 — Vinho de palmeira e de coco, empregado antigamente em medicina como tónico 7 — Região do império da Etiópia 8 — Substância carnuda dos frutos 9 — Guarnecidos de asas 10 — Medida de líquidos usada na Alemanha 11 — Sus-tenta 12 — Pronome pessoal 13 — Atia 14 — Ferir 15 — Carimbar 16 — Tempo do verbo ver 17 — Trigueiro claro 18 — Casar 19 — Fecha as asas para descer mais depressa 20 — Apelido 21 — Plantio de amieiros 22 — O mais

VERTICAIS: 1 — Sobeja 2 — Cidade de Portugal 3 — Fecha as asas para descer mais depressa 4 — Alfobre 5 — Acompanhe 6 — Guarnecer de asas 7 — Língua vernácula indiana 8 — Causa amua 9 — Atomo (abrev.) 10 — Persistir 11 — Dois mil em romano 12 — Senhores 13 — Progenitor 14 — Basta 15 — Nome de frutos 16 — Rádio (s. q.) 17 — Numeral 18 — Estimem 19 — Guarda segredo 20 — Painelas 21 — 10 22 — Nome de peixe 23 — Ladrava 24 — 11 25 — Rotavam 26 — Praia



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9072

HORIZONTAIS: 1 — Renal 2 — Afogo 3 — Ásaro 4 — Pirar 5 — Toa 6 — Aol 7 — Amos 8 — Saba 9 — Rol 10 — Aam 11 — Sai 12 — Apão 13 — Istmo 14 — Rimor 15 — Tarim 16 — Trato 17 — Agá 18 — Aotos 19 — Caio 20 — Sa 21 — Aar 22 — Sul 23 — Sés

VERTICAIS: 1 — Ralar 2 — Itaca 3 — És 4 — Mossa 5 — Aa 6 — Natal 7 — Trair 8 — Aros 9 — Amigo 10 — 5 11 — Loa 12 — Aroma 13 — Gap 14 — Tu 15 — Apa 16 — Marta 17 — Fias 18 — Oiros 19 — Orlas 20 — Matas 21 — Ga 22 — Barato 23 — 11 24 — Ormai 25 — Rosas



PARTIDAS

DESTINOS

LINHA DE ÁFRICA

«PORTO»
a sair em 14 de Julho

«PÁTRIA»
a sair em 15 de Julho
às 12 horas

«INFANTE D. HENRIQUE»
a sair em 18 de Julho
às 12 horas

«LUANDA»
a sair em 30 de Julho

«IMPÉRIO»
a sair em 13 de Agosto
às 12 horas

«UIGE»
a sair em 14 de Agosto
às 16 horas

«GANDA»
a sair em 18 de Agosto

«LOBITO»
a sair em 28 de Agosto

Com escala por LEIXÕES, para: S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇAMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega de 8 a 11 de Julho

Com escala prévia por LEIXÕES, para: FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇAMEDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA.

Com escala por FUNCHAL para: LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA. Carrega de 9 a 14 de Julho.

Com escala por LEIXÕES para: LUANDA, LOBITO, MOÇAMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA (se necessário). Carrega de 23 a 27 de Julho.

Com escala prévia por LEIXÕES para: FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇAMEDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega de 1 a 4 de Agosto.

Com escala prévia por LEIXÕES para: LAS PALMAS, S. TOMÉ, CABINDA, LUANDA, LOBITO e MOÇAMEDES. Carrega de 2 a 7 de Agosto.

Com escala por LEIXÕES para: CABINDA, SANTO ANTÓNIO DO ZAIRE, LUANDA, PORTO AMBOIM, NOVO REDONDO, LOBITO, MOÇAMEDES, PORTO ALEXANDRE (se necessário). Carrega de 10 a 15 de Agosto.

Com escala por LEIXÕES para: S. TOMÉ (se necessário), LUANDA, LOBITO, MOÇAMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega de 19 a 25 de Agosto.

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA»
a sair em 9 de Agosto
às 18 horas

Com escala por VIGO e FUNCHAL, para: TENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAU, S. JUAN (PUERTO RICO), e PORT EVERGLADES (MIAMI).

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Tel. 369621/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Tel. 23342

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO



Na etapa de sábado Joaquim Agostinho teve, já perto da meta, uma queda violenta que o deixou muito maltratado. Na imagem, o ciclista português, com a bicicleta destrocada na mão, vai cortar a pé a linha de chegada

JOAQUIM AGOSTINHO NA AVENTURA DO «TOUR»

ONTEM: comportamento discreto numa tirada para os «feras»

• ENTRADA NA META EM 53.º LUGAR E 31.º NA «GERAL» A 21 M. E 6 S. DO «LEADER»

(Continuação da 1.ª pág.)

ga, o recorrer à camaradagem do Bruno dos Santos e a certeza de uma partida — já tarde e más horas, na rota do «nosso» Joaquim Agostinho. E, entretanto, está claro, rádios e TV mobilizada para ir sabendo o que se passava no início da tão ansiosamente esperada «batalha dos Alpes». E, mais tarde, o recurso ao telefone — a única forma de falar com o moço português, de saber dele, de auscultar este moderno cavaleiro das estradas de França. Horas a passarem, Chamounix sem linhas disponíveis — natural, numa caravana que tem cerca de quatro mil pessoas e aí uns 550 carros. E a espera é pior do que estar sem notícias e sem saber o que o rapaz fez, como se encontra, co-

mo estão as pernas e o moral...

Esse senhor chamado Eddie Merckx

A etapa de ontem promete um estrago de vulto no grosso do pelotão. Alpes na frente, cumes sempre cobertos de neve, dois «estirões» a trepar, contagens

(pasmese) dois dos grandes meteram-se em brios, resolveram travar a sua «guerrazinha» particular, e deram literalmente cabo do pelotão, cindindo-o, partindo-o, reduzindo-o, em grande parte, a um destroço. Pigeon e Merckx — os causadores da «carnicina», depois do

eu limitei-me a segui-lo... Uma tirada de «morte», em louca velocidade: 39,153, quase quarenta quilómetros à hora, em plena montanha. Isto é que é andar!... Agostinho chegou em 53.º — deixou ainda muitos atrás de si. Um final de esforço — esperemos que ele no-lo conte... Chamou-

Do nosso enviado especial AMADEU JOSÉ DE FREITAS com o patrocínio do BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

TOTOBOLA ÚLTIMO CONCURSO DA ÉPOCA

SANTA CASA DA MISERICORDIA DE LISBOA

	2 APOSTAS - 3500	4 APOSTAS - 6500	6 APOSTAS - 9500	8 APOSTAS - 12500	10 APOSTAS - 15500
1 Espinho Braga	1 X 2	1 X 2	1 X 2	1 X 2	1 X 2
2 Guimarães Tirsense					
3 Covilhã Gouveia					
4 A Viseu B Mar					
5 Lamas T Novas					
6 Tramagal Peniche					
7 Torreense Sporting					
8 Leões Marítimo					
9 Sintrense Belenense					
10 Alhandra Atlético					
11 Sesimbra Portimonense					
12 Almada F.U.F.					
13 Montijo Barrense					

O último concurso

NOME _____

MORADA _____

MATRIZ 45 APOSTAS MUTUAS DESPORTIVAS

13 DE JULHO DE 1969

(A não indicação do nome torna o bilhete nulo)

- TERMINA NO PRÓXIMO DOMINGO A 8.ª ÉPOCA DO TOTOBOLA, QUE TÃO GRATAS RECORDAÇÕES DEIXA A NUMEROSÍSSIMOS APOSTADORES
- E HÁ AINDA ESTA OPORTUNIDADE — A ÚLTIMA OPORTUNIDADE
- MAIS ALGUNS (POUCOS? MUITOS?) TERÃO FÉRIAS MAIS ALEGRES COM UM BOM PALPITE NO TOTOBOLA

primeiro papel de evidência ter sido interpretado por Bracke. Andando na sombra já há muitos dias, queixando-se de um moral de vidro, frágil e transparente, reagiu contra si próprio, e, com 40 quilómetros de corrida, lançou o seu golpe. Houve certo movimento no grupo, mas nada de especial — pois ele partiu mais do respeito pelo nome do que do perigo directo das consequências. E, em certa medida, Bracke aproveitou a situação, ganhando relativo avanço — que chegou a ser de 2 m. 35 s. na sua mais larga dimensão, mas que foi diminuindo nitidamente, à medida que se aproximava a subida tremenda do Forclaz. Foi a hora dos grandes: de início todos juntos, os «astros». Depois foi-se fazendo a selecção. Próximo do pico, Merckx acelerou, só Poulidor e Pigeon o acompanharam, e, logo a seguir, só este suportou o ritmo. Num ápice ficaram só — e a descida tem qualquer coisa de alucinante, com os dois extraordinários ciclistas a atingirem velocidades para cima dos 90. Lá atrás ia continuando o desgaste, a quebra. O final da etapa é espectacular, como a reportagem directa da Televisão o mostrou ao vivo. Velocidade, sempre mais velocidade. Pigeon a tentar sempre, e Merckx, naturalmente, a defender-se. Um senhor do «Tour», este Eddie Merckx. Pigeon, no final, reconheceu-o:

— Naturalmente que o grande trabalho da fuga me pertenceu. Eddie tinha, logicamente, de se defender... tenho de reconhecer, mais uma vez, a sua grande categoria. Quanto a mim não fui devidamente compensado para o esforço que fiz, mas a verdade é que tentei tudo... Por sua vez, Merckx — leal, digno, como sempre... — Não estava nos meus dias... Pigeon fez tudo, e

nix ainda não está na linha...

Não estou «estoiado»... tenho dores

— Há duas noites que não durmo. Ontem passei a maior parte da a passear no corredor do hotel. Tenho o braço esquerdo cheio de ataduras, desde o pulso até cá acima... A perna esquerda também está toda reventada. E o pior é que isto faz umas dores do diabo...

São dez e meia da noite. O telefonema surgiu, finalmente, depois de três horas e meia de espera. A voz de Agostinho chega até mim repassada de amargura. Adivinho sofrimento, uma quebra de decisão no tom e nas frases cruas deste moço, o tal rapazinho humilde, que veio das paragens verdes da sua terra meter-se nesta tremenda aventura do «Tour». E eu tenho de ser piedoso:

— Agostinho, você está «estoiado»?

E aparece, então, num repente, a mesma voz alegre, decidida, que conheço bem:

— Não, absolutamente nada. Tenho força na mesma. A queda de sábado, porém, é que me deixou tremendas marcas. Andei a rapar o chão com o corpo uma data de metros. E era de brita, veja bem, pareço um «cristo», todo remendado. Tenho imensas dores...

Uma pausa. Eu não lhe digo nada. A hora é para ele falar:

— Quase não posso pouso a mão esquerda no guiador. Quando é preciso apoiar-me para fazer força ou a estrada trepida muito, tenho de me aguentar com uma única mão. E é horrível ver aqueles «cavalões» todos, como hoje, a trepar por ali acima, querer aguentá-los e não poder... E não era por não ter força, não. Eram as do-

(Continua na página seguinte)

Aos Comerciantes e Industriais

Necessitam de fazer publicidade aos vossos produtos? Então não hesitem: inscrevam um carro na caravana publicitária da

VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

Mais informações na Rua Barros Queiroz, 39, 1.º, E.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

PROPAGANDA EM DUAS RODAS

O CICLISMO COMO VEÍCULO DE PENETRAÇÃO TURÍSTICA

No jantar de confraternização oferecido pela Philips Portuguesa em Viseu, num dos dias em que decorreu o Grande Prémio de Ciclismo patrocinado por aquela empresa, teve o presidente da Federação Portuguesa de Ciclismo, Idalino de Freitas, oportunidade de afirmar: — «... e que outras empresas lhe sigam o exemplo, de forma a que se possa dizer, como já se diz, que há provas a mais no nosso ciclismo».

O ar irónico que o presidente da Federação imprimiu às últimas palavras da frase que transcrevemos deixa, naturalmente, antever o seu desacordo com esse postulado, que começa a circular nos bastidores da modalidade. E nem outra coisa poderia esperar-se de um homem que terá, como todos os mortais, os seus defeitos, mas que conhece a modalidade como poucos e a ela tem dedicado o melhor do seu esforço.

Com efeito, depois de uma crise que impunha longos interregnos na actividade dos nossos estradistas profissionais, surgiu o interesse das grandes organizações comerciais pela velocidade, na medida em que esta pode, para elas, constituir poderoso veículo de expansão publicitária. E, assim, por interesses comuns, começaram a surgir com regularidade os «grandes prémios» patrocinados por marcas comerciais, competições de maior ou menor envergadura, que permitem uma relativa continuidade de acção aos ciclistas portugueses, aumentando, assim, reflexivamente, as possibilidades de lhes crescerem os réditos, o que, forçosamente, tem de ser tomado em consideração em todas as profissões.

Essa continuidade de provas perturbou, porém, o clima amador em que vive o dirigismo da modalidade. Logicamente, aliás. A necessidade de uma presença constante, o consequente afastamento do ambiente familiar e o sacrifício frequente do dia considerado de descanso (o domingo) terão estado na origem das «provas a mais», como mordazmente acentuou o presidente da Federação.

Aqueles para quem o acompanhar, de vez em quando, uma corrida constituía uma evasão ao quotidiano, receberam que um calendário de constantes competições desse a tais «fugas» um aspecto rotineiro, e, sem cuidar de saber dos interesses dos ciclistas (quanto mais provas, mais dinheiro), entendem agora que há provas a mais. No fundo, tudo isto não passa, porém, de uma sintomatologia de egoísmo que urge banir da modalidade, uma modalidade de profissionais, para que estes não vejam coar-

tadas as possibilidades de aumentar os seus lucros. A esses, os que protestam pelo (felizmente) cada vez maior número de competições no ciclismo português, remetemo-los para o que se verifica na velocidade de outros países, onde os corredores profissionais raramente têm um domingo livre. E «traba-

**Por
ENCARNAÇÃO
VIEGAS**

ham» todos os dias, como qualquer indivíduo em qualquer profissão.

É manifesto o interesse que os empreendimentos turísticos estão a revelar pelo desporto.

Realmente, as práticas desportivas despertam em todas as camadas o maior entusiasmo, arrastando-as para os recintos onde se efectuam as competições, deslocando-as através de grandes distâncias, impondo até o conhecimento de outras terras e outras gentes, criando-se, assim, ainda que por razões marginais, uma corrente turística que não pode desprezar-se e muito menos ignorar-se.

Que começa a tomar-se em conta o impulso que o desporto pode dar ao turismo, ficou claramente comprovado na iniciativa da respectiva Secretaria de Estado, ao promover, recentemente, uma importante manifestação desportiva no estuário do Tejo, com o propósito de «trazer o lisboeta para as margens do rio».

Essa intenção de fomentar um turismo de características populares, ao nível interno, está, de resto, bem expressa no «slogan» pu-

blicitário adoptado, e daí o poder concluir-se, pelos factos apontados, que os organismos reguladores daquela indústria não desconhecem a valia do desporto como veículo capaz de contribuir poderosamente para o fim em vista.

Porque «há um Portugal desconhecido que espera por si», o ciclismo pode levar cada um de nós através das zonas menos exploradas turisticamente. Modalidade que desperta o mais vivo entusiasmo, ela pode ajudar a descobrir esse «Portugal desconhecido», que não é só praias e sol, mas também serra verdejante, paisagens magníficas e esmagadoras, serenidade e sossego, tranquilidade e descanso.

As terras altas, as menos reclamadas pela propaganda turística internacional, poderiam ser altamente beneficiadas. Veja-se o exemplo da cidade transmontana de Vila Real, em cada dia que passa a ganhar maior projecção por mérito do seu circuito automobilístico, a despertar o interesse da Europa.

E estamos, de momento, a pensar, á semelhança do que se faz além-fronteiras, onde são frequentes as «Voltas regionais», numa prova a que poderia chamar-se a «Volta das Belas», que, patrocinada pelas entidades turísticas, poderia trazer primeiro ao nosso convívio estradistas da maior projecção, e que depois provocaria na imprensa internacional os correspondentes ecos, a despertar o interesse externo e interno por regiões e cidades como a Guarda, Viseu, Castelo Branco e as próprias serras da Estrela e Caramulo, além de Coimbra e todo o bonito litoral beirão.

Evidentemente que teria de encarar-se esse empreendimento como uma «sementeira a longo prazo»

e haveria, também, que dotar todas essas zonas de uma capacidade turística que presentemente não possuem. Mas não valerá a pena tentar?

Achamos que sim, até porque já começa a compreender-se o que pode representar para a economia do País o turismo, nos domínios internos, e que este não pode viver, no plano externo, apenas de sol. Tem de haver algo mais que atraia. E o ciclismo, inegavelmente, possui um extraordinário poder atractivo.

Agostinho na «Volta à França»

(Continuação da pág. anterior)

res que me obrigavam a ficar para trás. Quase lá chorando de raiva...

Agora, sim, damos uma ajuda:

— Mas a etapa foi «de partir», não é verdade?

— Eles são umas «feras» nisto... mas olhe que também há muitos «nabos»...

Até que enfim. Lá está o riso agorotado e alegre do Joaquim Agostinho. Deixou-o embalar:

— Como eu dizia, a etapa foi de arromba... A primeira montanha que galgámos era enorme. Palavra que às vezes metia medo. A trepar é que a maior parte da malta começa a dar «raia»... Eu lá fui, só com uma das mãos no guiador, a sofrer, a gemer, a fazer das tripas coração. Quando os melhores arrancaram não podia fazer nada. Tive mesmo de me ficar. «Colei-me» a uns que ainda andavam menos, apesar de não terem as minhas mazelas. E a certa altura tive de lhes dizer adeus e tentar melhorar... Ainda passei bastante. Mas era impossível fazer mais. Outro silêncio. Num desabafo:

MADRID, 8 — (Especial para o «Diário de Lisboa») — A equipa de andebol de Barcelona venceu a de Lisboa por 22-12 no encontro ontem á noite disputado acontar para o Torneio Internacional de Madrid.

Uma prolongada viagem de cerca de 22 horas em autocarro, afectou nitidamente o rendimento dos jogadores portugueses.

Com efeito e enquanto os lisboetas tiveram força física, o desafio decorreu em toada de equilíbrio sucedendo-se os lances perigosos junto de uma e outra baliza. Os catalães durante esse período não revelaram superioridade de

qualquer espécie sobre a turma portuguesa.

Porém no trecho final do encontro foi visível o desgaste físico dos lisboetas a quem escassearam então os predados atléticos para discutir com o adversário o triunfo final.

As equipas alinharam: LISBOA — Pernes (Paulo), Vasconcelos (4), Lisboa (2), Mendes, Reinaldo (1), Moisés, Malpique (3), Cascals (1), Rui Coelho, Azevedo e Paulino (1).

BARCELONA — Moral, Lopez (2), Fontenila (3), Peiró I (4), Palorni (3), Peiró II (2), Quintana, Zabaló (3), Cano (3) e Rargas (2).

— Nestas circunstâncias, um «gajo» tem mesmo de desanimar...

— Sente-se só. Não é, Agostinho?

— Agora nem muito. Já estou mais à vontade.

E, logo a seguir, todo satisfeito, como um garoto a quem deram uma pastilha elástica:

— E tive sorte numa coisa: neste hotel está empregada uma senhora portuguesa, que, desde que eu aqui cheguei, me tem feito uma companhia formidável. Estamos fartos de falar...

O Agostinho continua a rir. Ma, de repente, muda, regressa ao seu «drama»:

— Mas isto tem sido sofrer para «burro»... Julguei que não aguentava mais.

Uma paragem. Depois:

— Palavra de honra: se não fosse por dar «barra-ca», eu tinha desistido. Virava as costas a isto tudo e acabava. Já não podia mais. Mas comecei a lembrar-me de todos, do interesse com que seguem a minha corrida, do entusiasmo que há em Portugal. Há muito, não há? E pronto: aguentei mesmo e acabei por só perder seis minutos. E olhe que eu vi tudo mal parado, sabe? Eu a querer andar, e o raio do braço a fazer-me retorcer todo. Já passou... mas ainda tenho de sofrer muito.

— Então, esse moral, está em baixo?

— Não.

Aí está ele a rir outra vez. E acrescenta:

— Foi só ali. Agora já passou. Do moral não me queixo... queixo-me é do braço...

E acrescenta:

— O sr. Caput e o sr. Grubaldi já me disseram que muitos dos que por aqui andam, com muito menos do que o que eu tenho tinham ficado pelo caminho. E sempre sabe bem ouvir dizer isto... nestas condições só quero é curar-me depressa, para ver se ainda consigo fazer mais alguma coisa.

A conversa, depois, muda um pouco. E fala-se de Merckx, actual «coqueluche» em França:

— Ele é mesmo bom. É um ciclista a sério. E não faz ainda mais por que não o deixam. Tenta qualquer coisa e atiram-se a ele como «gato a bofes». Mas há mais de grande categoria. Não me tenho ido abaixo com eles, sabe? Agora assim é que nem as costas lhes consigo ver. E isto aconteceu quando eu já me sentia mais à vontade a rolar e a andar com o pedalão. Porém, nas descidas tive de ficar nas «covas» — elas eram de arrepiar e eu estava cheio de medo de cair e estragar ainda mais o corpinho. Mas sabe que o Merckx e outros já me disseram que eu sou «bestial» a descer?

Agostinho — é agora um homem já diferente do que tinha começado a falar comigo. Eu estava a ouvi-lo e a pensar: «era bom que o rapaz curasse as malletas num instantinho para ainda o ver fazer uma proeza». E como além de jornalista também me sinto na obrigação de o moralizar resolvi dizer-lhe:

— Sabe que lhe levamos bacalhau e um bom «tinto», da nossa terra?

Ri abertamente — um riso um pouco gastronómico:

— Não me diga? É verdade mesmo?

Toma fôlego:

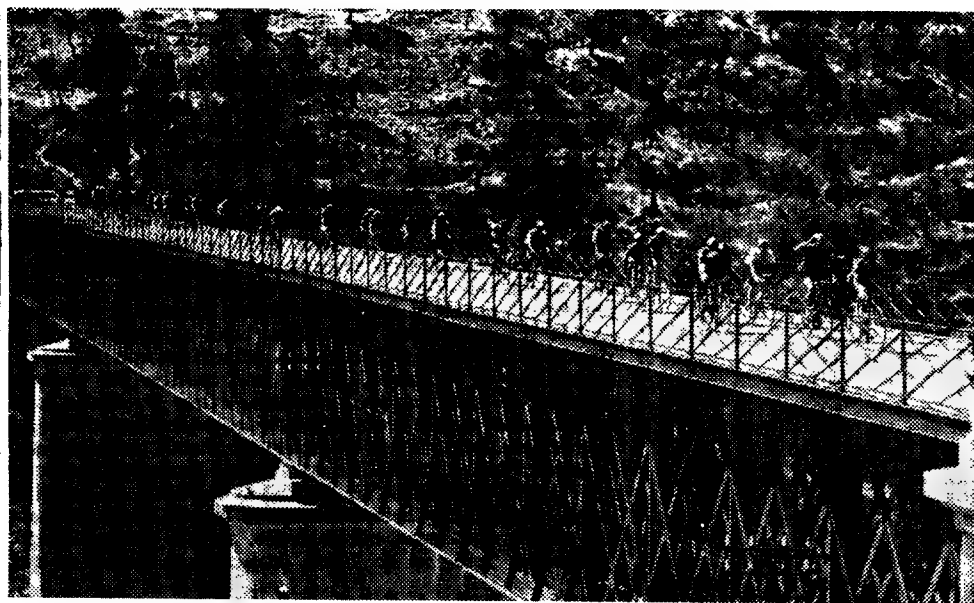
— «Oh, rato, que bem me vai saber».

E lá vou eu, bloco-notas e bacalhau em punho. Que diabo, eu acabo também por andar a correr por fora.

HOJE, À NOITE

BASQUETEBOL. — Grande Torneio de Seniores da A. B. L., Nacional-Algés e Técnico-Sporting, às 21 e 30, nos recintos do primeiros.

— Grande Torneio Feminino da A. B. L.: Encarnação-Atlético e Internacional-C. D. U. L., às 21 e 30; Algés-Sintra, às 22 horas — todos nos recintos dos primeiros.



A passagem das pontes constitui sempre um quadro de invulgar beleza a que nem sequer os ciclistas ficam indiferentes

A TOBIS COM ESCRITOS PARA DEMOLIÇÃO

A «Tobis», isso que foi um dia a esperança de se tornar na cidade do cinema português, acordou esta manhã, com escritos em todos os vidros das janelas e disticos pregados nas portas: «PARA DEMOLIÇÃO». Distico que sabe a epitáfio, escritos que valem

Académica-Palloseura Kuopio na 1.ª eliminatória da «Taça das Taças»

● Por apurar o adversário do Benfica na «Taça dos Campeões»: ou o Palloseura Turku, da Finlândia, ou o BK, de Copenhague

GENEVBRA, 8. — (R.) — A Académica de Coimbra defrontará o Palloseura Kuopio, da Finlândia, na primeira eliminatória da «Taça dos Vencedores das Taças» de futebol, cujo sorteio se realizou hoje nesta cidade.

A primeira mão será jogada em Portugal.

O Atlético de Bilbao, da Espanha, defrontará o Manchester City, da Inglaterra. A primeira eliminatória

terá de estar completada até ao dia 1 de Outubro. Por outro lado, o Sport Lisboa e Benfica jogará com o Palloseura Turku, também da Finlândia, ou com o BK, de Copenhague, que terão de defrontar-se em jogo preliminar, na primeira eliminatória da «Taça dos Campeões Europeus» de futebol, segundo o sorteio a que se procedeu hoje nesta cidade. O primeiro jogo efectua-se em Lisboa.

bandeiras brancas de ren-
dição.

Há muito que a ameaça pairava sobre os domínios da Tobis, abrangidos pelo plano de urbanização. Havia, no entanto, a esperança de salvar um património duplamente comum: pelo seu valor cultural e social e pelo facto de o Estado ocupar na Sociedade Anónima uma posição maioritária. Havia a esperança de conciliar as necessidades da urbanização e do Cinema, pois não são positivamente inimigos fidejados. Em resumo: havia (houve sempre...) a difusa esperança de preservar o futuro do cinema português, ali onde tantas condições lhe eram favoráveis.

Mas os escritos e os anúncios da demolição fazem ruir todas as esperanças, muito embora aqui e ali (no «estúdio 2») montam-se os cenários para uma nova produção... a vida teima em dar sinais... de vida.

A verdade é que o plano



«Para demolição» — uma nova maneira de dizer «Aqui jaz o cinema nacional...»

de urbanização não explica tudo. Há os encargos acumulados ao longo dos anos e que é urgente saldar e há quem conte ainda com o produto de venda de parte dos terrenos para impulsionar certas tarefas relacionadas com a produção cinematográfica. Fala-se, por exemplo, na compra de material moderníssimo, no valor que ronda os cinco mil contos...

— Não, não falemos nisso! — diz-nos um profissional de Cinema, presente na «Tobis» — Tudo era possível fazer nas condições actuais, mas com melhor organização. Para se reconstruir parte do que vai demolir-se precisávamos de gastar 30 mil contos. Quem os tem? Construir, mas onde?

Segundo podemos apurar, projecta-se construir nos terrenos que a «Tobis» reserva para si na área urbanizável, um laboratório-estúdio.

Mas é evidente que desaparece todo o desafogo, toda a possibilidade de movimentação que a área até hoje ocupada pela «Tobis» proporcionava. Pode dizer-se que era vasta a área

desaproveitada — mas também é verdade que as exigências da indústria cinematográfica aumentam dia após dia.

— Sobretudo — diz-nos Jorge Brun do Canto — é lamentável que esta decisão seja tomada quando se espera para breve a publicação da nova lei relativa à produção cinematográfica.

— Mas como entende tal decisão?

— Não entendo... Tudo isto me dá a sensação de um fim antes do princípio...

«Fim antes do princípio»: título de um novo filme? Talvez, mas não realizado nos actuais domínios da Tobis — acerca da qual, aliás, se desenrolará uma grande «fita».

NÚCLEOS REGIONAIS DA LIGA DOS COMBATENTES

Para o desempenho dos seguintes cargos nas comissões administrativas dos núcleos regionais da Liga dos Combatentes foram nomeados os seguintes combatentes e expedicionários

Delegação de Almada, presidente, capitão-de-mar-e-guerra Afonso Manuel Machado de Sousa; Delegação da Marinha Grande, secretário e vogais, respectivamente, Frutuoso Neto Pereira Roldão, Alvaro Ferreira de Sousa e Gervásio Pedroso Tojeira; Delegação de Oelras, vogal, José Lourenço dos Santos Reis; Agência de Setúbal, secretário José Falcão e Silva; Delegação de Valença, presidente, tenente Alberto Magno Pereira de Castro; e Agência de Viana do Castelo, presidente, tesoureiro e secretário, respectivamente, coronel Napoleão Pita Meira de Amorim, capitão Eugénio José Alves e Luís Gil Cerdeira de Moraes.

Foram ainda nomeados presidente de honra da Subsecção Auxiliar Feminina da Agência de Lourenço Marques da Liga dos Combatentes e vogais da mesma subsecção as sras. D. Maria das Neves Rebelo de Sousa, esposa do governador-geral de Moçambique, D. Ausenda David e D. Cidália Ramos.

Para delegado da Liga dos Combatentes na Beira (Moçambique) foi indicado o expedicionário sr. Orlando Manuel Ferreira Caetano.

O GENERAL KAULZA DE ARRIAGA CONTINUA A SER O PRESIDENTE DA JUNTA DE ENERGIA NUCLEAR

— APESAR DA SUA MISSÃO EM MOÇAMBIQUE

«Pedi-lhes que estivessem presentes nesta cerimónia, não para lhes apresentar as minhas despedidas, pois manter-me-ei na presidência da Junta de Energia Nuclear, mas para lhes comunicar oficialmente que me foi atribuída a responsabilidade do desempenho de uma missão militar. Assim, assumirei o comando da Região Militar de Moçambique ainda este mês de Julho, devendo partir de Lisboa no próximo dia 10.» Foi com estas palavras que o general Kaulza de Arriaga começou por se dirigir aos funcionários daquela Junta, na cerimónia que hoje ali se efectuou, pelas 16 horas.

Aquele oficial general, depois de se referir às dificuldades específicas apresentadas por uma guerra «da natureza da que decorre em regiões fronteiriças de Moçambique», que «acrescem o gosto de quem comanda e aumentam a honra que lhe é conferida», fez algumas observações

sobre os problemas nucleares portugueses. Considerou estar muita coisa feita, embora no domínio da execução haja um trabalho imenso a realizar. Referiu-se, em especial, à importância da extensão da Junta Nuclear ao Ultramar.

Os primeiros dirigentes da Junta de Energia Nuclear no Ultramar

Fez, seguidamente, o elogio dos primeiros dirigentes da Junta de Energia Nuclear no Ultramar, que depois tomaram posse, e que são os seguintes:

Director, na provincia de Angola, do Laboratório de Física e Engenharia Nucleares, o dr. Augusto Jorge Ribeiro da Fonseca; director, na provincia de Moçambique, do Laboratório de Física e Engenharia Nucleares, o dr. eng.º Armando Alvaro de Oliveira Sampaio; director, na provincia de Angola, dos Serviços de Prospeção e Exploração Mineira da Junta, o eng.º

Jorge Manuel Trigo de Mira, e director, na provincia de Moçambique, dos Serviços de Prospeção e Exploração Mineira da Junta, o eng.º José dos Reis Fernandes Rebelo.

O sr general Kaulza de Arriaga terminou por agradecer a quantos com ele colaboraram nestes dois últimos anos «tendo como objectivo primeiro servirem a ciência e a técnica e, através delas, a civilização e o seu País.»

Condecorada a esposa do general Kaulza de Arriaga

A esposa do general Kaulza de Arriaga, sr.ª D. Maria do Carmo Arriaga, que acompanha seu marido para Moçambique, deixou ontem de exercer o cargo de presidente do Nucleo Regional do Sul da Liga Portuguesa contra o Cancro, tendo sido agraciada com a Comenda da Ordem de Benemerência, que receberá amanhã.

OS PONTOS DE HOJE

[Continuação da 15.ª página]

vous lui montrerez ce qu'il y a de plus joli.

Que c'est bon de recevoir un ami!

Réglez, donc, votre composition en lui donnant un joli titre.

III

LA PHRASE FRANÇAISE

1 — Répondez aux questions suivantes en remplaçant les mots en caractères différents par le pronom convenable:

a) Est-ce que vous avez déjà écrit une lettre?

b) Est-ce que vous écrivez à vos amis?

2 — Complétez convenablement les phrases ci-dessous:

a) Dimanche, s'il fait beau,

b) Quand je recevrai une invitation,

c) Si je pouvais voyager,

3 — Vous allez répondre à la question suivante avec la négation ne...que.

— Est-ce que le texte nous raconte trois voyages de Mermoz?

4 — «Le mécanicien vient de réparer une fuite d'eau au radiateur.»

D'après ce modèle, écrivez une autre phrase, inspirée dans le texte, en employant aussi le passé récent.

IV

LA CORRESPONDANCE COMMERCIALE

L'usine de Roland Merval, 105, rue de la Gare, à Vichy, qui vient de perfectionner sa fabrication de nylons pour

parachutes, désire entrer en relation d'affaires avec la Compagnie d'Aéronautique de Philippe Michaux, à Toulouse, 37, boulevard St. Antoine.

Ce sera justement cette lettre que vous rédigerez.

Tenez compte de lui fournir tous les renseignements qui puissent l'intéresser:

— ses ventes annuelles qui dépassent 9 000 000 F.;

— projet de développement de son département d'exportations;

— pour sa situation financière s'adresser à la Banque Galland & Cie, à Paris.

Tenez compte, aussi, de l'avertir de l'envoi de ses catalogues et de la remerciar d'une prompte réponse.

A COMERCIANTES, DECORADORES E PARTICULARES. BOM

LEILÃO

Bom mobiliário — Colecção de quadros — Diversidade de objectos de arte antiga decorativa — Pratas — Miudezas — Utilidades diversas — Automóvel Opel, como novo (Kadett)

HOJE, AS 21 HORAS E NOITES SEQUINTE

AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, N.º 84 R/C. ESQ.

FOI ESTA AGENCIA PREFERIDA PARA VENDER POR CONTA E ORDEM DO DISTINTO LOCATÁRIO TODO O RECHEIO DADO A INVENTÁRIO, com destaque para a sua colecção de quadros, onde se encontram representados entre outros os seguintes autores: SILVA PORTO (antes pertença da S. N. B. A.), CARLOS XAVIER (da colecção D. Caetano de Portugal), ANTÓNIO SOARES, ALVES DE SA (preciosa aguarela), EDUARDA LAPA, FREDERICO AYRES, VELOSO SALGADO, VARELA ALDEMIRO, JULIO RAMOS, FRED KRAEDOLFER, VENTURA MOUTINHO, JAIME ISIDORO, ALBERTO SOUSA, JOSÉ CONTENTE, CÂNDIDO COSTA PINTO, SAN ROMÃO, MARIO SALVADOR, JULIANE BRONWERS, ARMEN GOLTIER, PINAZO, LEOPOLD RIVERS.

E TODO O MOBILIÁRIO: Riquíssima mobília de quarto casal magnífico trabalho de talha e marcenaria no estilo Luís XV em nogueira fabrico Barbosa & Costa. Conjunto de sala de jantar com mesa e cadeiras do mesmo fabricante e móvel louceiro com vidrinhos. Relógio francês caixa alta, duas mesas de jogo e papelaria fabrico inglês em pau-santo. Dois jogos de mapas fabrico Barbosa & Costa tecido italiano. Dois armários franceses de salão. Mesas de centro inglesas, biombo 3 faces c/ pinturas a verniz marfim. Bons cortinados, boas carpetes sendo uma delas oriental. Bons lustres de cristal, bronze e porcelana, adquiridos em Barbosa & Costa. Vitrine francesa com embutidos e vidrinhos. Móvel bar, relógio de parede. Mobília de quarto antiquada, cadeira de baloiço, arca cânfora, cama D. Maria pessoa só. Bonita cómoda D. José c/ toucador, maple senhorinha, roupeiro moderno. Máq. de costura Husqvarna zigzague, frigorífico, máq. lavar, esquentador Ascot, armário de cozinha moderno, grelhador de frangos Philips, fogão duplo marca Junker's, batedeira, pertences de casa de banho.

OBJECTOS D'ARTE ANTIGA: Relógios de mesa franceses e ingleses, objectos em loiça chinesa, japonesa, francesa e inglesa, boas gravuras, coluna em mármore, objectos de vitrine, miudezas, curiosidades, metais e casquinhas inglesas, cristais, pratos javali e paliteiros, relógios de bolso, samovar, e todos os restantes bens patentes no leilão.

SOC. DE LEILÕES
AV. DUQUE DE LOULÉ, N.º 1
Telefs. P.P.C. (9 Linhas)
532929-51478-532446

AFRA FILHOS, LDA.

Diário de Lisboa

Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. M. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA, Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

Principiaram as comemorações do V Centenário de Vasco da Gama

Com o hasteamento da bandeira nacional nos edifícios públicos e nos navios de guerra começou esta ma-

nhã a ser comemorado o V Centenário do nascimento de Vasco da Gama. Mais tarde o ministro de Estado, eng.º Vaz Pinto, que era acompanhado pelos ministros da Marinha, do Ultramar e da Educação Nacional, depôs um ramo de flores no túmulo do navegador, no Mosteiro dos Jerónimos. A esta cerimónia assistiram, além de outras individualidades delegações da Escola Naval e da Mocidade Portuguesa.

Ao fim da tarde na Capela de S. Jerónimo, no Restelo, o bispo de Madagáscar procedeu à bênção dos Padrões que serão colocados em Cabo Verde (Ilha de Santiago) e Quelimane, nos locais assinalados pela passagem da armada de Vasco da Gama. A bênção estão presentes

aqueles membros do Governo.

A noite, por sua vez, quatro bandas de música actuarão na Praça do Império, a partir das 21 e 30, enquanto na Torre de Belém, sob a presidência do Chefe do Estado, se realiza a sessão

inaugural das comemorações. Usam da palavra, no decorrer da mesma, o catedrático da Marinha José António Rodrigues Pereira, e contra-almirante Laurindo Henrique dos Santos e o prof. dr. Lopes de Almeida, presidente da comissão



Flores no monumento a Vasco da Gama

O «PROSCENIUM» Ferido o motoretista para não atropelar uma mulher

Integrado no Festival de Teatro Popular e com a colaboração da Câmara Municipal, o «Proscenium» (grupo de teatro do Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa) apresenta no dia 12, em Coimbra, a sua já consagrada «Silva Vicentina».

COVILHÃ, 8. — Quando o sr. Francisco Sousa Esteves, de 18 anos, solteiro desceia, na sua motorizada, a estrada para a aldeia do Carvalho, onde reside, tentando evitar atropelar uma operária que se dirigia para o trabalho, despiستou-se e deu violenta queda. Sofreu fractura da clavícula direita e do mesmo braço. Recolheu ao hospital.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL:

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Tavira, 35°; mínima: Montalegre, 7°5

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Beja, 34°; mínima: Montalegre, 8°

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 25°; na água do mar: 15°4.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Continuação do tempo quente, com céu geralmente limpo e períodos de céu muito nublado no Algarve; vento fraco a moderado do quadrante Nordeste, com rajadas frescas durante a tarde e primeira parte da noite, ao sul do cabo Carvoeiro.

Amãhã
 Nascer às 6 e 20
 Ocaso às 21 e 4

MARES:
 PRELA-MAR: Dia 8 — 11 e 33 (3,3 m); 23 e 57 (3,3 m).
 Dia 9 — 12 e 40 (3,3 m).
 Dia 10 — 1 e 05 (3,3 m); 13 e 43 (3,4 m).
 BAIXA-MAR: Dia 8 — 5 e 04 (1,6 m); 17 e 34 (1,7 m).
 Dia 9 — 6 e 05 (1,6 m); 18 e 42 (1,6 m).
 Dia 10 — 7 e 04 (1,6 m); 19 e 36 (1,6 m).

Viaje mais barato com o plano familiar

AGORA TAMBÉM NAS VIAGENS EM AUTOPULLMAN
 DESCONTOS ATÉ 30%
 Programas e informações:

WAGONS-LITS COOK

LISBOA — Avenida da Liberdade, 103 — Telefones 36 15 21 - 36 15 41
 HOTEL RITZ — Rua Rodrigo da Fonseca, 86 — Telef. 66 06 32
 PORTO — COIMBRA — ESTORIL — LOURINHO MARQUES

DESLUSTRAGEM A SECO

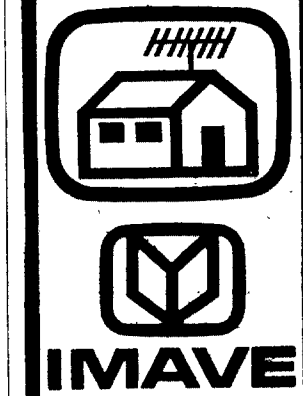
Garantia absoluta, igualmente em limpeza a seco com acabamentos por alfaiate. Bastará ligar a 323422, Rua da Prata, 156, a/L (único no género).

NOVO GOVERNADOR CIVIL DE BEJA

BEJA, 8. — Para o lugar de governador civil desta cidade, vago há anos, vai ser nomeado o dr. Albertino Moreira de Oliveira, natural de Vila da Feira, que exercia desde Abril último o cargo de delegado distrital do Instituto Nacional de Trabalho e Previdência. O dr. Albertino Moreira de Oliveira exerceu anteriormente as mesmas funções na cidade da Horta.

Instale na sua localidade um posto de recepção da Telescola

Muitas crianças desejam prosseguir os estudos, depois da 4.ª classe. Dê-lhes essa oportunidade. Criando um posto de recepção do Ciclo Preparatório TV. Que tem a validade legal do Ciclo Preparatório Directo. Presta, assim, um valioso serviço à comunidade. E realiza um investimento rentável. Requeira o seu alvará até 31 de Julho. Para mais informações, consulte-nos.

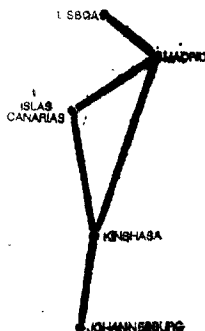


INSTITUTO DE MEIOS ÁUDIO-VISUAIS DE EDUCAÇÃO
 Rua Florbela Espanca — Telef. 762 065
 Lisboa 8
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL
 EM COLABORAÇÃO COM RÁDIO-TELEVISÃO PORTUGUESA, S.A.R.L.

Disfrute da sua viagem: Voe para Africa de dia.



O novo Serviço da IBÉRIA oferece chegadas à luz do dia a Kinshasa e Joanesburgo com a escolha de refrescantes paragens, quer em Madrid quer nas Canárias



Agora IBÉRIA oferece-lhe voos à luz do dia com horas de chegada razoáveis a Kinshasa e Joanesburgo, com a possibilidade da escolha de paragens em Espanha ou no porto franco das Ilhas Canárias.

O novo Serviço da IBÉRIA é o caminho civilizado para o Congo ou

para a África do Sul, por lhe permitir viajar durante as suas horas normais de estar acordado.

Se deseja aterrar pronto para a acção, informe-se junto da sua Agência de Viagens acerca do caminho para África à luz do dia, ou procure-nos na Av. da Liberdade, 107 — Telef. 56 20 18.

IBERIA
 LINEAS AEREAS INTERNACIONALES DE ESPAÑA



onde só o avião recebe mais atenções que V.

SALORA
 O TELEVISOR DE ALTA QUALIDADE
 PREMIADO COM MEDALHA DE OURO

juveni

N. 629

DOS JOVENS PARA TODOS

PRÉMIOS DO CONCURSO FÓSFORO FERRERO (8.ª SEMANA)

TI-PALMIRA

por Luís F. Oliveira Galvão

ti-palmira se tinha qual-quer coisa de particular era ser igual a todas as pessoas da sua idade lá da terra.

sessenta setenta nunca soube ao certo a idade só sabia que tinha três netos que era pobre que era velha e era igual a toda a gente da sua idade. Mas sempre foi para mim uma incógnita se ela gostava dos netos que viviam com ela pois os pais não os quiseram.

Ti-palmira era igual a todas as pessoas da sua idade e por isso não beijava os

netos e não os chamava gritava gritava era a vida da ti-palmira o gritar era mais necessário que o comer.

Ah! ia-me esquecendo que a ti-palmira também era meiga tinha muitos gatos e falava-lhes como se falava a uma criança e da mesma maneira que falava ao cão que fez com que a ti-palmira pusesse luto quando morreu.

mas num dia destes a ti-palmira mudou-se e então eu pensei naquela mulher igual a todas da sua idade lá da terra.

os netos são três podiam ser vinte ela gritaria aos vinte penso que é a sua maneira de gostar, gritar é acarinhar, e acarinhar é para ela tão preciso como comer.

ti-palmira é pobre teve uma vida adversa vida de pobre como poderia ela acarinhar como as mulheres que não são da sua idade, que não dão carinho aos gatos.

hoje a rua é mais triste não tem gatos acarinhados e

Ó - TONHO - ZÉ - Ó TONHO - ZÉ - Ó TONHO - ZÉ - Ó

CONTO

POESIA

ENSAIO

(Prémios correspondentes a duas semanas)

ARTES PLÁSTICAS FOTOGRAFIA

— MARIA CRISTINA VIANA FERREIRA
«Como Afonso, cada dia»
E JOÃO MANUEL FARIAS
«À São, os almoços e dormir em cima das fazendas»

— MANUEL GUERRA
«Na invenção da cidade»
E JOSÉ AGOSTINHO BAPTISTA
«Poema onírico»

— ANTÓNIO ROMA TORRES
«Cinema Musical: caminhos de um neo-realismo»
ARMANDO FARINHA MARÇAL
«O Futuro do estruturalismo»

— Não foi atribuído
— No próximo número indicaremos alguns premiados desta modalidade

POEMA ONÍRICO

por José Agostinho Baptista

desembarcar numa cidade desconhecida e não conhecer ninguém — por bagagem um vento norte e um castelo de areia construído na infância. não falar o idioma e não sentir a urgência das palavras: só o silêncio difícil de antigamente.

percorrer o porto com um navio singrando no peito e uma brisa salgada a reconquistar a memória do país.

entrar numa taberna, secular e suja: a mesa ao canto de madeira antiga, compreender nos olhos ausentes ou sim.

descobrir-te em cada menina de sorriso amanhecendo: na cabeça a fonte o sol aos ombros.

ouvir, ouvir um cântico perdido numa viela onde o sol nunca aqueceu — assobiar então porque é a única linguagem possível: existindo uma pedra uma bola tantos corpos, ou a erva cantando como uma gargalhada ecoada na distância.

caminhar, caminhar à hora do sol subindo pelos telhados, e que o relógio fique estático na humidade da espera: tardiamente a noite pelos ossos.

não haver limões podres nem cães tristes, não haver inverno, nem haver um peso profundo como havia na adolescência: angústia medo ou frio.

pelo cais construir um poema que diga aos homens sem fronteira e sem armada — poema longo e calmo, durante a estrela da manhã cavalgar o corcel do sonho e não partir e não estar — unicamente um blue adiado: a alegria.

de um velho marinheiro uma história de mercadores naus e piratas de um século passado talvez.

e com as brancas barbas e as pupilas exaustas e a sina inacabada pintar o quadro que ninguém pintou —

PRÉMIO FÓSFORO FERRERO DO CONTO (8.ª SEMANA)

COMO AFONSO CADA DIA

por Maria Cristina V. Ferreira

Afonso é um homem como tu e como eu. Afonso tem cabeça, tronco e membros.

Afonso sai de casa às 7 das 8 chega à garagem às 5 das 8 e apanha o autocarro às 3 das 8.

Senta-se no 3.º banco à esquerda, do lado da janela, e põe o malote no lugar ao lado. O malote é o consúlio do Barros que entrará daqui a 4 paragens.

Afonso abre a «Bola» e lererelê a entrevista de Otto Glória com o interesse do primeiro dia. Vai fingindo que não sabe as respostas e sente prazer em imaginar o que Otto dirá agora. Entretanto entra o Barros e Afonso põe o malote no chão ao lado do do Barros. Retomam a conversa de ontem sobre se o Benfica se o Porto. Afonso acha que o Benfica.

O Barros não sabe se sim se não mas talvez. E o rapaz que o Barreirense vendeu ao Tomar? Ah! Afonso não esperava nada que as reservas do Bairro Alto ganhassem ao Belenenses!... «Um futebol tudo pode acontecer» diz o reporter pela boca do Barros. Mas, Chegam ao trabalho. Afonso preenche a ficha: Dia 12 de Fevereiro. Que dia é hoje? A «Bola» saiu anteontem. A «Bola» sai à quinta. Quinta sexta sábado. Hoje é sábado. Afonso escreve sábado na ficha.

Amanhã é domingo e vai decidir-se todo o campeonato. Na repartição o Lopes e o Silva discutem o jogo mais importante da jornada. «Que que tu achas ó Afonso?» Afonso acha que o Benfica e dá as razões que deu ao Barros. Pois é. Tem razão. Mas.

Afonso trabalha trabalha é uma máquina é uma máquina máquina máquina. Os dedos mexem aqui ali mas Afonso está no Estádio está já amanhã até porque o Benfica.

Lá em cima o Barros chega à conclusão de que já sabe que sim. Sim de certeza que sim. «Ao almoço digo ao Afonso».

Afonso fica todo inchado. Todos estão a concordar com ele. Amanhã o Benfica e então é que ele vai ser ali felicitado, hem?

«Parabéns pá! Afinal o Benfica sempre lá ficou.» Ena! Nem quer pensar!... 8 da noite. O Barros apanha Afonso à saída e estão na paragem às 8 e 3 para apanhar o autocarro às 8 e 6. No bolso o Totobola da Tabacaria ali ao lado. O

(Continua na 4.ª página)

PRÉMIO FÓSFORO FERRERO DE POESIA
(8.ª SEMANA)

NA INVENÇÃO DA CIDADE por Manuel Guerra

I	II	III	IV	V
O néon repetido a cores frente a cada montra	aos domingos a bola do estádio	há dias no eléctrico em vez do bilhete do costume pedi um sorriso ao condutor	o sono mordido entre dois lençóis	aconchega-se o ar pelos teus seios
e o sabor do movimento pelas caras recortadas	chega a casa ao café ao outro lado do rio	imediatamente fez sinal ao guarda-freio — que parasse	na própria casa onde habito como numa pensão de 2.ª classe	timidas promessas incontidas
e dia a recolher nos eléctricos cheios	embrulhada em excitação e pretexto	tirei então o bilhete	até o cheiro do pão quente acordar	nos teus lábios pão urgente amadurece
e nos olhos	aos domingos a bola	aproveitei para descer	o dia de porta em porta e eu saio	à altura dos meus lábios
no regresso do trabalho quotidianamente	batendo no estádio como um coração	e fui a pé	com o suor de todas as ca- mises amarrotado nos bolsos como fogo	os corpos no abandono dos frutos
			em direcção à paragem do autocarro	

UM POEMA BANAL

por José M. Madeira

Já nem sequer há espaço para um poema mas nos intervalos de uma folha escrita também se pode escrever até fica melhor qualquer poema porque já não a preocupação de encher espaços só para os encher.

O soldado vai à paisana e a moça espera-o detrás das cortinas da janela a cantineira espreita-

[-os e o poema segue sem cuidado e eu já sei o que [vai acontecer

àquela rosa quando vier o inverno. é assim a vida [e já

a conheço da taberna quando à tardinha com meu [pai vou

dar de beber às vacas e entramos na taberna sem [ninguém

das horas do trabalho e gostamos da fama que [nos dizem os

taberneiros do balcão e o poema continua na rua sem fim

onde brincam as crianças alheias ao poema e a [mim.

um mendigo bate à nossa porta e nós sabemos já [que a

nossa mãe lhe vai dar esmola e esperamos a saída [do mendigo

que se vai contente e tornamos ao balcão onde novo poema nos espera

a mim e a meu pai. e a aguilhada vai chorando [de vinho e

as vacas (e os bois) esperam... e a água da bica [espera que

alguém a beba antes do chão. e o poema continua. [e a música

do balcão e as ferraduras dos machos impacientes [e as tachas

sonoras dos homens falam deles e o soalho e o grito agudo das mulheres que chamam das [varandas.

NUMA TARDE DE VERÃO

por João Manuel Rodrigues Martins

O Zeca apontou o cruzeiro, lá aonde hei-de ir e aque-las ruínas de castelo ao lado. Faz um vento. Esta é a pátria do vento. Passá-mos por uma casinha como uma capela, vela da por azulejos azuis onde uma pintura que já não me lem-bra. Esta é a pátria da Nau Catrineta, é aqui que está sentada a mulher do capitão que largou um par de rolas... Um par de ve-lhas, longo, longo caminho voaram sobre o mar, des-cia a rua estreita, com um feixe de lírios à cabeça a mais velha, a cambalear, de rosto vermelho. Com um feixe de ramos de mal-mequeres brancos a mais nova. Pareciam da mesma idade.

— São mãe e filha. Sem-pre as conheci assim — dis-se o homem do lixo de far-da azul e quente e barba por fazer no rosto do olhar atrás delas, a filha um pouco atrás da mãe, ao sol quente da tarde serena. Depois sorriu-se para mim. — Vamos à Praia Ver-melha.

Caminhávamos pelo ci-mo dos montes junto à costa. Viemos. Hoje acor-dei com os milúdos calados a baterem latas pela rua. Agora estou de pé no cimo desta frágua. O Zeca foi rochedos além até à Fonte de Listânia. Mas eu fiquei aqui. Traços de nuvens co-mo veias vermelhas salien-tam-se na pele azul do céu. O mar sorriu-se. Hoje faço anos. Não quero que nin-guém pense nisso. Vou só ver se vivo outra vez ao sol e ao vento dos gatos. Que-ro-o a sério. Desço uns de-graus na escadaria de ci-mento que vai dar à praia. Mas não há praia na Praia Vermelha. O mar aqui não deixa. O mar aqui não de-laxa a areia. Aqui o mar é tudo, tirando aqueles ro-chedos sós. A costa incli-na-se para ele, abrupta. Sento-me num degrau. E este hábito doce e fresco que o mar me atrai à cara! Respiro, como é cheio vi-ver. Acendo um cigarro, é difícil por causa do vento. Fumo. Calmamente fumo. Lá em baixo a espuma ati-ra-se aos beijos nos roche-dos. O oceano delta gafa-nhotos pela boca fora. Não limpo a cara não limpo a cara não limpo a cara dos

salpicos do mar. E o sabor a sal que o vento tem! Dois degraus abaixo uma bonina azul. É um miosótis, con-certeza não é um miosótis, mas eu gosto de miosótis. É um miosótis azul. A terra aqui tem um pouco de cal-cário. Desfaço entre os de-dos um torrão de terra. Agora... durante uns mo-mentos não tenho dedos. A terra desfaz-se, pó, e eu gostaria de mandar uns grãos do meu ser a rolar com a terra desfeita. Então não tive dedos.

Um dia perdi uma cor-rida na praia. Ganhei ou-tra. Correr na areia mo-lhada, contornar as rochas, subir por cima das grutas, chegar longe... até onde vive um adamastor bon-doso, uma rocha, um gran-de marinheiro que conta as suas histórias de amor a quem quiser ouvi-lo no bor-bulhar da água e no bater do coração marítimo pelas grutas... o mar carcomeu as massas de pedra, apa-nhámos ouriços-do-mar, vimos uns bichinhos bran-cos como de mármore apa-nhar algas, caminhávamos pela areia saboreando o es-talido dos balões das algas debaixo dos nossos pés, etceterávamos pelos dias... Mas enjoo, é da terra com ciúmes. Que bom seria vi-ver por estas grutas! A noi-te os pescadores do atum e da sardinha, numa cor-tina de barcos e luzes, amam o mar à sua ma-neira.

Aqui é outra costa mas o mar é imenso na mesma e eu sou imenso com o mar. Lá ao longe na en-trada da baía a espuma é um cão aos saltos. O farol. A bruma leve. O sol. Esta gaivota que não sabe o que fazer — como eu, deixa-se enfeitigar pelas águas — é o espírito do vento. Há o pressentimento duma mú-sica barroca que me pene-tra do ocidente. Apetece-me bater palmas. Oh!

Agora não existo, sou, sou talvez um místico. Co-meci a diluir-me pelas pontas dos membros, pou-co a pouco, flivualmente. As minhas artérias cresce-ram pela riba, o sangue da terra a pulsar em mim, e estenderam-se como o reflexo azul do céu sobre o mar. Sou o mar.

Porque amo tanto isto?

Dizem que se tem que ter ao menos um grande amor na vida. Eu amo o mar. Vale a pena. Este mar que me corre entre os dedos. Bebi o mar e o longe no leite de minha mãe, o seu leite era salgado e doce. Aperto o peito com os de-dos. Levanto-me lentamen-te. Desço os degraus de ci-mento. Subo para um ro-chedo isolado pelas águas e, de joelhos, debruço-me. Pouso um beijo sereno na superfície do mar. Acredi-tem ou não, chorei.

Mas hoje faço anos. To-dos os dias. Não quero que pensem nisso. Corri costa fora até chegar, como a língua de fora de um gal-go estafado, à Fonte de Listânia onde, deitado no chão, bebi água fresca da fonte entre as pedras. Lis-tânia é uma aldeia, uma moura algarvia não encan-tada, de olhos e cabelos negros, que vive do outro lado do monte, donde o Zé da Rita e o Tónio e o Ma-nel Gasteiro e os outros partem em cruzadores de pau, partem e às vezes não voltam dos bancos da Gro-nelândia. Então a moura Listânia de olhos e cabe-los negros veste-se de luto e gasta, pinga a pinga, ho-mem a homem, uma vela à Senhora dos Afritos... en-quanto Listânia, irada, não corre à praia e não espa-tifa com as mãos e com o peito e com as lágrimas as caravelas de pau que já não são dignas do amor do mar — embora as mãos dos homens de Listânia não possam muito, embo-ra as mãos de Listânia se-jam fracas...

Naquele penhasco, o Zeca toca harmónica. Deitado de bruços no chão, na erva verde e curta, a ponta dos cabelos roça-me a água fria. Abro os braços. «Dei-xa-te estar acordado sobre o sonho, João, como o voo da água vigilante se em-bevece sobre a cidade ador-mecida». Então vem-me saliva à boca. Sorrio. Sem querer, um tema musical floresce-me no peito e os meus lábios murmurejam, sem querer: «Quando estive em Listânia bebi água fres-ca duma fonte no chão... Quando estive em Listânia bebi água fres-ca duma fonte no chão...»

**À SÃO,
OS ALMOÇOS
E DORMIR
EM CIMA DAS
FAZENDAS**

por João Manuel Farias

conceição conheceu a fábrica quando tinha oito anos, com essa idade aprendeu quanto pesava um leve malote com o jantar da mãe, que trabalhava no turno da noite. nesse dia percorreu o caminho que levava àquele prédio imenso onde, durante oito horas, se arrastavam centenas de corpos transportando cestos e bobinas, olhando para o fio arrastado pela lançadeira num movimento constante, diariamente repetido. os miúdos que estavam já habituados a calcorrear aquela estrada poeirenta, saudavam-na com grandes berros e piropos atrevidos, rindo-se das suas magras pernas trémulas. atemo-

rizou-se depois, quando entrou no grande largo em frente da fábrica e o guarda se acercou fazendo-lhe rispadas festas no rosto sujo, mas a ordem brusca recebida da mãe era mais forte que tudo e por isso resistiu e aguardou o toque da sineta.

todas as mulheres a olharam quando saíram. primeiro perguntaram-lhe quem era a mãe, depois, quantos anos tinha e se era a primeira vez que ia ali levar o jantar, se não se tinha perdido e outras coisas estranhas de que na ocasião se lembraram. quando a mãe chegou, com os cabelos em desalinho, pegou-lhe por um braço, sem sequer lhe dar uma

PRÊMIO FÓSFORO FERRERO DO CONTO (8.ª SEMANA)

carícia e puxou-a para um canto do largo, onde um muro baixo corria sobre a ribeira, abriu o malote velho e retirou um pano, talvez o resto de um colchão que haviam desfeito na páscoa anterior, quando da limpeza anual da casa. depositou-o sobre o muro e expôs em cima o pequeno tacho de esmalte, foi um curto momento, engolir os feijões foi um acto tão rápido que as outras mulheres só deram conta quando ouviram a pequenita choramingar: «porca, não te envergonhas de ter vindo a entornar esta porcaria pelo caminho? vieste na palhaçada com a malta, não foi? ora toma, para aprenderes!»

conceição conheceu afã-brica quando tinha oito anos e as mãos duras da mãe cheiravam a lâ suja e a desperdiçados oleosos.

um dia lembrou-se de fazer exame da quarta classe. o professor aconselhou-a a fazer a admissão, mas queria cem escudos por mês «por ser para vós que sois pobres». a miúda, pressentindo qual a resposta que os pais lhe dariam, nem disse nada em casa. houve uma companhia que fez chegar o conselho do professor aos ouvidos da mãe, mas esta lembrou-se de que não tinha tempo para fazer o jantar e lavar a louça e varrer o chão sempre sujo, e que a sua conceição a fazer-lhe muito jeito agora que a escola estava a terminar.» para mais nem podia dispôr todos os meses de cem mörreiros para satisfazer os caprichos da nenina. «ou ela quer ir para doutora?»

e durante os três meses das férias a rapariguita viveu diariamente o jantar e a mãe que continuava no turno da noite.

mas a garota crescia e cada vez comia mais. já não

chegava o fundo do prato coberto de água da sopa precisava também de comer carne «e ela é fina, menina, olha a fidalga.» pagar tão cara a carne de porco e as laranjas, para ela as limpar enquanto o diabo esfrega um olho atão não queria mais nada? ora, espera aí que eu já te digo.

e conceição aprendeu «que era a fábrica. houve um período em que andou numa metedeira de fios, a aprender, começou por tirar a «pinta» para depois se iniciar nos segredos de retirar os defeitos da fazenda e meter novos fios, mas isso durou sómente até aos catorze anos. «com menos idade que essa não havia nenhum animal que a aceitasse, e eu para aqui a governar alarves».

começou verdadeiramente a sua ascensão, de aprendizagem, a única categoria que lhe puderam atribuir, passou rapidamente a operária, e foi metida no quadro, ganhando o ordenado da tabela, como as outras.

durante largos anos transportou cortes de fazenda para, em trabalho extraordinário, ganhar mais uns patacos. passava oito horas naquele salão enorme onde se ouvia, impróprios a toda a hora, de três em três dias, leve, um corte para casa, para fazer ao serão, enquanto a mãe perguntava à vizinha «quando é que o seu filho se casa?» e, neste quotidiano enfezado (a mãe com as mãos debaixo do avental falando para a vizinha, e o pai a bater pregos, esquecia-me de dizer que o pai era tecelão, mas tinha muito jeito para arranjar sapatos, «ai, ficam tão perfeitos que até parece que foram concertados pelo senhor João Tacão» e, de quando em quando, a serrar caixotes

de mercadoria, para fazer pequenas ninharias lá para casa «sabe? esta prateleira foi o meu abillho que fez. a tinta custou um dinheirão. até é uma dozalma, dar tanto dinheiro por uma latinha que nem meio quartilho de tinta trazia.» a rapariga cresceu.

e, o filho da vizinha não casava. parecia que estava continuamente a escutar das conversas da mãe com a senhora maria, é que a conceição era bonita, com aquele cabelo escorrido e o nariz pequeno. «ó mãe deixe-se lá de brincar com coisas sérias, a são não é mulher que me sirva. eu quando me casar quero ter a minha mulher sempre em casa, para tratar dos garotos. queria agora que a minha mulher andasse estouradinha de trabalho a transportar cortes da fábrica para casa e de casa para a fábrica.» inda por cima, estar todo o dia agarrada a eles, na fábrica daquele jarreta.» e a mãe «mas tu repara nela, filho e olha também para o futuro. com o emprego que tens não te podes dar a lúxos. e ela é muito trabalhadora. isso é que interessa.»

ainda havia o martinho, o rapaz dos almoços e dos cortes, que arranjara um carro de madeira que media um barulho enorme. quando chegava à porta, gravava com grande chiadeira e, saindo, atirava com a porta do carro imaginário. «precisa alguma coisa, menino são? vossemecê mata-se. qualquer dia apañha uma dor na espinha, que nem no sanatório escapa. e olhe que a quinta das tabletas é lá perto. são só cinco minutos de caminhar». e arrancava, fazendo o barulho de um verdadeiro automóvel. bóbóbóbómmmm!!!!

conceição casou com o

vizinho, foi a única solução que encontrou para abandonar a vida que levava até porque o vizinho era um bonito rapaz, que a faria feliz pela certa.

mas, passado um mês ficou em casa a fazer cortes e continuou a levá-los à fábrica. quando nasceram os filhos habituou-os ao odor estranho das fazendas, contaminando-os até as camas, nos primeiros tempos eram feitas em cima de peças de «saragoça», e de manhã, obrigava-os a levantar às sete e meia, para os deixar em casa da avó, enquanto ela ia trabalhar. mais tarde, uma única modificação houve: deixou de trabalhar na empresa e passou a meter fios em casa.

hoje os homens já não levam lancheiras de madeira com os almoços, mas continuam a haver martinhos puxando toscos carros e apitando ao chegar. o negócio deles progrediu «olhe que o artur chega a tirar mais dinheiro de féria que alguns tecelões a quem leva os almoços, e até do que eu.»

conceição industrializou-se, tem hoje seis aprendizas a trabalhar por sua conta. todas as semanas recebe uma camioneta dum terra próxima que lhe traz uma carrada de peças de fazenda. o seu homem faz de administrador e passa as facturas às fábricas para quem trabalham agora «mas foi graças ao nosso trabalhinho! era mela sardinha para cada um. e olhem que naquele tempo é que se trabalhava a valer. tínhamos de estar a horas ao portão da fábrica, porque o guarda tocava a sineta às horas que lhe apeteçiam. hoje até já têm sirenes como as dos bombeiros que tocam sempre à mesma hora. saíeis o que vós sois agora? umas felizardas é que sois!»

A ESPINHA

por Joaquim Luís Alves

O garfo, com a indispensável ajuda da mão, ergueu-se e entrou na boca. Os dentes de baixo subiram e os de cima desceram, exactamente como de costume, e apertaram o garfo. Três dos mais ou menos dezassete centímetros de aço inoxidável ficaram momentaneamente presos e foram depois retirados da boca com a mão direita, a mesma que executara os movimentos anteriores.

A comida ficou caída no chão da boca durante um curtíssimo espaço de tempo e começou depois a ser mastigada. Também esta operação durou pouco porque a comida era fácil de mastigar, não tardando a ser engolida.

Acontecera isto seis vezes quando sucedeu o inesperado: já um pedaço de comida percorreria completamente o esófago e fizera a sua entrada no estômago quando sentiu a presença de um elemento estranho espetado na garganta.

O prato apareceu-lhe com uma subita forma rectangular e a cor preta ganhou grande nitidez em frente dos seus olhos. A garganta subia e descia agitadamente. Uma sufocação insuportável principiara e a palmada que alguém lhe deu nas costas mostrou-se inútil. O preto que os seus olhos tinham visto parecia agora manchado violentamente de azul e ver-

de-escuro, além de outras cores que compreensivelmente não conseguiu identificar.

Para complicar as coisas, deu entrada em cena uma tosse congestionada e constituida por pequeninos sons roucos e desgastados, que se escoavam dolorosamente para o exterior.

O estômago entrara em ebulição e dentro dele crescia uma desordem cujos efeitos não lhe foi possível apreender devidamente. Entreviu qualquer coisa como o fim do mundo, facto que pouco depois reconheceu como exagerado.

Só vinte e dois segundos após o início deste aborrecido incidente chegou ás suas mãos um copo com água, a qual bebeu com a pressa que é desnecessário relatar.

Então a espinha, não sem opposição, desprendeu-se da carne, hesitou ainda um pouco no reconhecimento da derrota e caiu sem mais complicações na região estomacal.

O prato retomou a forma circular, a garganta sossegou, a respiração normalizou-se e as cores readquiriram os tons originais. Sentiu-se tão profundamente aliviado que pouco depois já esquecera o sucedido.

Eram catorze horas e vinte e cinco minutos quando apanhou o autocarro para o emprego.

**HOMEM SEM
MEMÓRIA É
HOMEM
SEM
HISTÓ-
RIA.**



Fosforo Ferrero

**ILUMINA
A MEMÓRIA**



MEMÓRIAS DE UMA ÓRBITA EM TORNO DE ARGENTUS

por João Cotrim

tínhamos ainda o vapor da viagem no gesto em que chegámos à rua onde alugámos a casa só tinha porta janela e uma sala onde vivemos um desejo de nuvens e frio para sentirmos o fogo que então acendemos. Um dia surgiram pombos brancos com uma nova força nos voos que nos lembraram antigos poemas

em frente de nós havia o bar onde com o hábito rente a cada passo vinham os mineiros subterraneamente pensar que nunca teriam anéis de prata. Quando podíamos líamos grossos livros onde se iniciavam as nossas rotas e lembro-me comprávamos também alguns [cravos porque de uma experiência antiga sabíamos que as flores estiolam sempre antes de lhe conhecermos a causa

houve uma manhã em que nasceram gritos e si- [renes

• os sinos feriram-nos com mais força sentimos então que era curta a viagem até ao outro lado da rua e depois da porta ao balcão mas sempre temos fazê-la porque era preciso evitar as lágrimas mesmo depois de descobrirmos o fundo do copo. Com um peso de sombras infiltrado na pele mulheres encheram a rua lentamente escurecendo-a. Prolongou-se então uma época em que foi necessário acrescentar as tardes... Subíamos por um estreito caminho até ao planalto onde havia poucas árvores só as suficientes para evitarmos adormecer sob elas porque era durante a sombra que cresciam as raízes e nós sabíamos que todas as tardes se tornariam depois grandes mas grandes florestas

mas os domingos continuaram no calendário talvez por isso no largo o homem começou a vender balões de todas as [cores um dia descobri que já nem todas cabiam nos teus [olhos

isso foi por acaso quando uma vez lhe rebentaram todos os balões e nem um sorriso tentaste

uma noite sem tu esperares trouxe-te uns brincos lembrando cerejas compreios só pelo vermelho e também mais secretamente por saber que sempre evitaste plantar frutos no jardim

mas nessa noite os mineiros continuavam a pensar que nunca teriam anéis de prata embora soubessem que talvez a próxima manhã [fosse de alarme e mais mulheres fossem escurecendo a já tão [longa rua...

COMO AFONSO...

(continuação)

Barros recomunica que afinal acha que sim. Que evidentemente que sim. Antes de sair rerecomunica ainda que sim.

Afonso puxa da Bola pra ler os comentários aos jogos de domingo passado e súbito descobre que se esqueceu de quem jogou a médio de ataque do Porto. Foi o Rolando? O Xico? Constituição das equipas. Página 6, F. C. Porto: Zeca na baliza mais abaixo mais abaixo. Aquil! Rolando. Foi o Rolando. Como foi possível esquecer aquela jogada tão bem delineada. Aos 32 minutos do 2.º tempo?

Afonso entra em casa. A mulher na cozinha o filho na rua a jogar. Em casa de Afonso há um sítio im-

portante: a moldura. Lá dentro a selecção nacional, a água vermelha e um retalho de jornal onde, no meio de todos, se vê também Afonso sorridente, nas bancadas.

Janta sopa de legumes bem boa. Pega nas pernas e vai até ao café do Luís aqui mesmo. Entre os anúncios da TV convence mais uns de que o Benfica amanhã...

Na cama, Afonso faz o Totobola e escreve um forte 1 no Benfica. Adormece com a luz aberta e «A Bola» entre os braços. Afonso não está na cama, está no Estádio, com uma bandeirinha encarnada gritando todo ele nervos gritando.

a estrada era escura tinha árvores e pedras as borboletas morriam coladas ao vidro sempre ao entardecer a aldeia era velha as casas escuras as velhas carcomidas pelo mar pelas rochas pelas lágrimas cansadas dos seus homens que lhes ficavam nas ondas e elas à espera no degrau das escadas à espera e a olhar o entardecer era cinzento e morno o vento soprava do mar sem força o mar tinha rugas e era verde como as ondas e como o vento a ermida era velha e tão pequena que não cabiamos todos lá dentro havia lixo no altar e preses de mulher no sorriso do santo e eu senti o gemer dos prédios ali distantes a aldeia era a cidade tão diferente sem jardins nem museus nem teatros nem boites e eu a imaginar um prédio alto com um largo passeio ela tinha uma testa ligeiramente arqueada uns olhos castanhos que nos trespassavam de lado a lado um riso chilreante como o daquelas crianças que na aldeia enchiam de

urina o colo negro das velhas que depois secava e voltava tal como as lágrimas e o sal do mar e a própria morte mas foi tão longe a aldeia no entardecer era triste e eu tentei dizer-lhe tudo isto a testa ligeiramente arqueada a velha que chorava porque estarão sempre as velhas a chorar? tracei os nossos nomes na areia molhada com o dedo e feri-me numa concha mais afiada mas não liquei muito porque tive mais pena da velha e do homem que lhe ficou no mar a engolir peixes e sal depois a escuridão completa e as luzes quase invisíveis da aldeia e apeteceu-me ficar ali em tronco nu na escuridão a imitar as velhas e a tiritar com o vento e a marimbar-me para que os outros me chamassem maluco ali às escuras no frio da pedra e do vento na pele como as velhas e a imaginar luz para lá daqueles montes da queda estrada daquele mar muito para lá de tudo aquilo era a aldeia.

OS OLHOS ESTRANHOS

António Sena

Não conhecia ninguém. Percebia as pessoas por dentro, via o interior mexer. Estávamos no meio da violência, entre as árvores calcinadas, e a morte aparecia. O tempo corria por entre as árvores e o rio.

Quando a vi rodeada pela violência, e os olhos com medo, profundos, inacessíveis. Tinha-me refugiado — o meu refúgio é o sonho — o comboio seguia, corria entre as árvores calcinadas, entre aqueles olhos que invadiam o sonho e lhe faziam medo. A vida escorria pelos dedos como um rio rápido. A morte, pode ser.

Aquele sorriso parecia não ter destino, não ter fim. Um sorriso perdido pelas mãos destruidoras, pelas mãos brancas que se elevam, fusiformes, no campo solidificado. No meio da violência havia aqueles olhos, aquele vidro que reflectia o sol. Os cabelos espalhados no campo, e a morte encostada aos dedos que se mexiam no interior do sonho.

O comboio parou. Todas as pessoas saíram. Fiquei eu, ficou ela lá ao fundo — e a violência.

— Posso conhecê-la?
— Saber quem sou?
— Sim.
— Porquê?
— Talvez pelos olhos?! os cabelos?!
— Eles movem-se?
— Não sei. São estranhos, tenho medo deles.
— E os cabelos?
— Esses movem-se. Sabe: é estranho. Isso mexe-se no meio da violência.
— Nunca tinha visto?
— Não.
— Onde vai?
— Não sei.

As palavras iniciavam um movimento lento. Saberia ela que a morte estava encostada aos dedos? As duas esferas de vidro,

os olhos, espelhos da violência, levava o medo por onde passava, por onde a morte vagueava. Era um espanto. Havia um segredo entre o fumo. Havia o inacessível nas palavras.

— Continue!
— Quantos anos tem?
— Não sei. Talvez nunca tivesse nascido.
— Então não sabe nada de si?

— Não.
O diálogo misturava-se no rio, passava o rio perto. Havia um barco. Havia uma vida no meio do rio. De quem?

— Vamos passear de barco? — disse eu.

— Vamos.
Deixei-a ir para a frente do barco, na proa. Havia um recorte no sol, havia uns olhos estranhos, transparentes, inacessíveis. Os cabelos enormes mexiam-se no interior, com o vento.

— Gosta?

— Gosto.
Os olhos dela aprofundavam-se imensamente. Não sei bem se saíam dos cabelos, olhos estranhos, ou se entravam, e eram estranhos. Quando cheguei ao meio do rio, ela apareceu a crescer: havia um corpo, ela mexia-se. Os olhos os cabelos percorriam a noite.

Olhou o próprio corpo. Nunca tinha visto aquilo: um corpo, e estava vestida. Virou-se para mim, espantada e disse:

— O que é isto?
— Um corpo, o teu vestido.

— E isto? — rodando o corpo novo, apontando a praça, as margens do rio que a rodeava.

— É o mundo.
Os olhos, aquelas enormes esferas de vidro tinham água. Havia uma nascente. Eram as lágrimas.

QUATRO FASES DA NOITE (AO MANEL)

por Flor

1.ª fase

Era tempo das mentiras e dos ideais e só fingíamos conhecer-nos.

Conhecer é sentir e nós só nos víamos.

Era o tempo dos enganos e já passou: hoje quase nos ignoramos. Quase, porque existe a noite.

2.ª fase

Tinhas a poesia nos olhos e nas palavras nuas, mas vestia-las.

Tinhas a poesia na janela aberta mas sentias frio.

Tinhas a poesia no poema que não fizeste e mostraste-me só o outro.

Tinhas poesia e não o sabias, porque o poeta eram os outros. Por isso te falei na noite e só sorriste.

3.ª fase

Passou-se a noite entre o cuco e a parede. Contou-me reminiscências e nem sequer me conhece.

Deve-me achar um pouco malcriada, porque nunca lhe dou os bons-dias. Em compensação ele diz-me para me envergonhar.

Mas depois a noite vem e passa-se só entre ele e a parede.

4.ª fase

Tenho o adeus nos dedos que apertas quando me vou embora. Tenho o adeus nos dedos e por isso uso luvas. Quando tenho sal chupo-os até ter só dedos.

E não deixo de ter adeus.